

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE MESTRADO EM TEOLOGIA**

**LUIZ CARLOS PAIVA**

**CRÍTICA À POLÍTICA, À RELIGIÃO E À ECONOMIA  
A PARTIR DA VOCAÇÃO DE JEREMIAS (Jr 1,4-10.17-19)**

**CURITIBA**

**2015**

**LUIZ CARLOS PAIVA**

**CRÍTICA À POLÍTICA, À RELIGIÃO E À ECONOMIA  
A PARTIR DA VOCAÇÃO DE JEREMIAS (Jr 1,4-10.17-19)**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, como requisito para obtenção do título de mestre em Teologia.**

**Orientador: Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi.**

**CURITIBA**

**2015**

Dados da Catalogação na Publicação  
Pontifícia Universidade Católica do Paraná  
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR  
Biblioteca Central

Paiva, Luiz Carlos  
P149c Crítica à política, à religião e à economia a partir da vocação de Jeremias  
2015 (Jr 1,4-10.17-19) / Luiz Carlos Paiva ; orientador, Luiz Alexandre Solano  
Rossi. – 2015.  
108 f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,  
Curitiba, 2015  
Bibliografia: f. 102-108

1. Teologia. 2. Vocação. 3. Bíblia. A.T. Jeremias. 4. Religião e política.  
I. Rossi, Luiz Alexandre Solano. II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.  
Programa de Pós-Graduação em Teologia. III. Título.

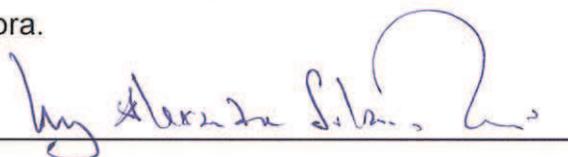
CDD 20. ed. – 230

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 102  
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE**

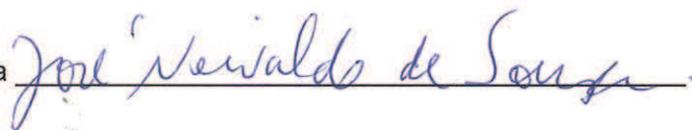
**LUIZ CARLOS PAIVA**

Aos cinco dias , do mês de outubro de dois mil e quinze, às dezesseis horas e trinta minutos reuniu-se na Sala de Defesa – Segundo Andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a Banca Examinadora constituída pelos professores: Luiz Alexandre Solano Rossi, Vicente Artuso e José Neivaldo de Souza, para examinar a Dissertação do candidato **Luiz Carlos Paiva**, ingressante no Programa de Pós-Graduação em Teologia - Mestrado, no segundo semestre de dois mil e treze. Linha de Pesquisa: Bíblia e Evangelização. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: “**CRÍTICA A POLÍTICA, A RELIGIÃO E A ECONOMIA A PARTIR DA VOCAÇÃO DE JEREMIAS (Jr 1,4-10. 17-19).**” O candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu-se à arguição pelos membros da banca e, após a defesa, o candidato foi Aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 18 h 00 min. Para constar, lavrou-se presente ata, que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.

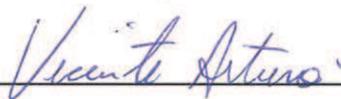
Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi  
Presidente/Orientador.



Prof. Dr. José Neivaldo de Souza  
Convidado Externo



Prof. Dr. Vicente Artuso  
Convidado Interno



**CIENTE**  
Prof. Dr. Agenor Brighenti

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia- *Stricto Sensu*  
PPGT - PUCPR



**Dedico ao meu filho Carlos Júnior Paiva  
que sempre me apoiou e incentivou  
para minha realização.**

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente a Deus, razão primeira deste estudo e por ter me dado vida, saúde, luz e pela possibilidade de colaborar para a construção de sua obra e ânimo para ao termino da elaboração desta pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Luiz Alexandre Solano Rossi, pelas orientações que foram sem dúvidas, imprescindíveis para o enriquecimento do meu aprendizado e pelo incentivo durante todas as etapas deste trabalho.

Aos docentes da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, em especial a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Clélia Peretti, ao Prof. Dr. Luiz José Dietrich e ao Prof. Dr. Vicente Artuso, pela dedicação e contributo que foram relevantes na minha formação.

Por fim, a minha família que mesmo distante, foram constantes pelo incentivo durante toda a trajetória de minha vida acadêmica, sem os quais, difícil seria chegar a realização deste trabalho.

Tu me chamaste lahweh, eu nem era nascido ainda. Ungiste-me, Profeta para as nações. Introduziste tua Palavra esmiuçadora em minha boca, pensei em desistir, mas afinal: “Tu me seduziste, lahweh, e eu me deixei seduzir; tu tornaste forte demais para mim, tu me dominaste” (Jr 20,7). Senti a urgência do teu chamado, que me convenceu prosseguir.

## RESUMO

A presente pesquisa tem por finalidade fazer uma análise sistemática sobre a histórica da vocação profética de Jeremias. Não se trata de uma análise exegetica, mas, buscará apoio na exegese bíblica para melhor fundamentar as argumentações que a pesquisa exigir. Usar-se-á como critério as análises dos principais elementos que fornecerão constância às questões pertinentes de sua vocação e apontar a relevantes elementos que norteiam o contexto em evidência. No primeiro capítulo, aborda-se o conceito de vocação na literatura profética do Antigo Testamento, com ênfase para as principais características da vocação profética: a vocação como princípio dos desígnios de Iahweh, a liberdade como requisito para o exercício da missão e um esboço ao gênero literário no relato de vocação explicitando as diferentes correntes lingüísticas nos oráculos de vocação. No segundo capítulo, o enfoque da análise discorre com destaque para a vocação de Jeremias propriamente dita em (Jr 1,4-10), destacando o “chamado” como ponto de partida para sua missão. No terceiro e último capítulo desta pesquisa o desdobramento se dará em face aos acontecimentos que mais marcaram sua trajetória profética, com ênfase às relevantes críticas ao poder político, econômico e religioso (Jr 1,17-19). Numa análise final da pesquisa é possível concluir que a essência da vocação versa sobre dois aspectos: primeiro, pela promessa fiel de Iahweh que estará sempre presente nos momentos mais difíceis daquele que é chamado (Jr 1,8). Segundo, que a missão daquele que é chamado e enviado consiste em falar e agir em nome de Iahweh (Jr 1,9) frente aos mais diversos âmbitos e circunstâncias da sociedade. As atividades de Jeremias “arrancar, destruir, exterminar, demolir, construir e plantar” (Jr 1,10), são essenciais em sua missão, ao pregar a conversão e o arrependimento, ao defender o direito e a justiça aos mais fragilizados, e ao denunciar a violência e o poder opressor nos diversos níveis da sociedade de sua época.

Palavras chave: Jeremias. Iahweh. Aliança. Vocação. Direito. Justiça.

## ABSTRACT

This research aims to make a systematic analysis of the historical prophetic vocation of Jeremiah. This is not an exegetical analysis, but it will seek support in biblical exegetical better support the arguments that research requires. It will use as criteria analysis of the key elements that the provide consistency to the relevant issues of their vocation and point out the important elements that guide the context in evidence. In the first chapter, addresses the concept of vocation in the prophetic literature of the Old Testament, emphasizing the main features of the prophetic vocation: the vocation as a principle of Yahweh designs, freedom as a prerequisite for the exercise of the mission and a draft of the literary genre on vocation report explaining the different linguistic currents in the vocation of oracles. The second chapter discusses the analysis of focus highlighting on Jeremiah's vocation itself in (Jr 1.4 to 10), highlighting the "calling" as a starting point for his mission. In the third and final chapter of this research the split will happen depending on the events that marked his prophetic career, with emphasis on relevant criticism of political, economic and religious power (Jr 1.17 to 19). In the final analysis of the study it can be concluded that the essence of vocation versa on two aspects: First, the true promise of Yahweh that is always present in the most difficult moments of that who is called (Jr 1, 8). Second, the mission of the one who is called and sent is to speak and act on behalf of Yahweh (Jr 1.9) against the most different areas and circumstances of society. The activities of Jeremiah 'start, destroy, exterminate, demolish, build and plant' (Jr 1.10), are essential to its mission, preaches conversion and repentance, upholds the law and justice to the most vulnerable, denounces violence and the oppressive power at all levels of society of his time.

Keywords: Jeremiah. Yahweh. Alliance. Vocation. Law. Justice.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Am	- Amós
Ap	- Apocalipse
CDSI	- Compêndio da Doutrina Social da Igreja
CDHS	- Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífica
DAP	- Documento de Aparecida
Dt	- Deuteronômio
DTVC	- Dicionário Teológico da vida Consagrada
Eclo	- Eclesiástico
Ex	- Êxodo
Ez	- Ezequiel
Gn	- Gênesis
GS	- Gaudium et Spes
Is	- Isaías
Jr	- Jeremias
Js	- Josué
Jz	- Juízes
Lm	- Lamentações
LG	- Lumem Gentium
Lv	- Levítico
Mq	- Miquéias
Nm	- Números
Sl	- Salmos
1Sm	- Samuel
2 Sm	- Samuel

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
<b>2. CONCEITO DE VOCAÇÃO NA LITERATURA PROFÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO</b> .....	<b>16</b>
2.1 O TERMO “VOCAÇÃO” COMO PRINCÍPIO DE IAHWEH NOS RELATOS ESCRITURÍSTICOS DO ANTIGO TESTAMENTO .....	16
2.2 A LIBERDADE COMO EIXO PRIMORDIAL DA VOCAÇÃO HUMANA .....	24
2.3 O GÊNERO LITERÁRIO NO RELATO DE VOCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO.....	27
<b>3. A VOCAÇÃO PROFÉTICA DE JEREMIAS</b> .....	<b>33</b>
3.1 O CHAMADO (Jr 1,4-10).....	33
3.2 AS FASES CRÍTICAS DE UMA VOCAÇÃO PROFÉTICA.....	37
3.3 A PROFECIA EM DEFESA DOS POBRES DE IAHWEH .....	44
3.4 IAHWEH, UM DEUS QUE CAMINHA JUNTO DO POVO.....	50
<b>4. CONFRONTO COM AS CLASSES POLÍTICAS, ECONÔMICAS E RELIGIOSAS</b>	<b>56</b>
4.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA ATIVIDADE PROFÉTICA DE JEREMIAS.....	56
4.1.1 O CENÁRIO DE SUA VOCAÇÃO E MISSÃO.....	58
4.1.2 O PROFETISMO E A MONARQUIA NO REINO DE JUDÁ .....	60
4.2 OPOSIÇÃO À POLÍTICA HIERARQUICAMENTE ORGANIZADA.....	63
4.3 OPOSIÇÃO AO PODER ECONÔMICO.....	71
4.4 OPOSIÇÃO AO PODER RELIGIOSO, SACERDOTES, PROFETAS, AO CULTO E AO TEMPLO .....	75
4.4.1 Oposição aos sacerdotes .....	76
4.4.2 Oposição aos profetas .....	78
4.4.3 Oposição ao culto .....	83
4.4.4 Oposição ao templo .....	89
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>102</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A história de uma vocação profética, encontrada nos relatos da literatura profética no Antigo Testamento, nos revela facetas surpreendentes e impactantes a partir do seu advento e à medida que se aprofunda nos acontecimentos dos fatos no contexto em que ela se insere. É uma história desafiadora, vislumbrante e ao mesmo tempo estarrecedora, impactando reações adversas em seus interlocutores e seus distintos adversários.

Abundante são os relatos de vocação nos profetas do Antigo Testamento. Esses relatos denotam como a palavra do mensageiro causa desconforto em seus ouvintes e às instituições no momento em que ela é lançada. O profeta emerge em meios as entranhas da vida e, é lançado como instrumento de anúncio e denúncia, fazendo uso da palavra quando injetada em sua língua, por lahweh. Não somente, esses enunciados são instrumentos da ação divina, bem como a vida pessoal do profeta que está intrinsecamente comprometida como sinal, a serviço de sua missão.

A vocação profética emerge no momento mais inesperado do eleito. Sua trajetória é incerta. Sabe o profeta que é incumbido de falar tão somente o que Deus introduziu em sua boca e nada mais. Essa é a exigência para que a mensagem anunciada seja autêntica e para que ela não volte sem produzir o seu efeito. Assim, os profetas do Antigo Testamento, como Jeremias, foram chamados e enviados justamente para anunciar seus oráculos não somente a uma comunidade preferida do profeta em particular, mas, para todas as Nações.

O eco de seus oráculos deveria alcançar sem medida, os grupos da sociedade que representavam especificamente, o poder político, religioso e econômico, cujo objetivo desses grupos, era defender seus próprios interesses e privilégios. Esses grupos manipulavam o direito e a justiça para alocar bens e riquezas, por conta de crimes praticados por truculentos executores. É neste cenário que o profeta Jeremias é lançado, para quebrar as ondas turbulentas do poder opressor e anuncia a mensagem libertadora de lahweh.

De uma forma geral, através da historiografia e das fontes bíblicas, será possível deduzir a expectativa que aguarda aos que praticam a injustiça. O impacto da vocação/missão de Jeremias, provocados pela força desestabilizadora de seus

oráculos, certamente provocará reação de violência e instigação em seus oponentes ouvintes, o que lhe renderá um exército de inimigos.

A realização de uma pesquisa sobre vocação profética com a magnitude que tem a vocação profética de Jeremias exige, sobretudo, um trabalho intenso, árduo e desafiante, até mesmo porque como se sabe, o profeta Jeremias é um dos mais clássicos da literatura bíblica do Antigo Testamento, tanto pela sua complexidade, quanto pela sua influência para a vida social.

A fundamentação a priori desta pesquisa delimita-se no contexto mais acentuadamente da vocação de Jeremias e do embate impactante, provocadas pela crise nos âmbitos da política, da economia e da religião. Por isso, para a compreensão do relato de sua vocação e como se desenvolveu seu relacionamento com Deus e com as diversas classes sociais do seu tempo, faz-se necessário situar-se, nos elementos incisivos tomando como base nas análises da perícopes de (Jr 1,4-10;17-19) que serão fundamentais para o desdobramento da investigação.

O relato da vocação de Jeremias revela-nos, aspectos surpreendentes do início ao fim. Num primeiro momento, revela um Deus que chama e um profeta que teme o chamado, mas aceita. A partir daí, sua vida se transforma. Ele se coloca por inteiro à disposição da missão a qual foi designado. Jeremias recebe no ato de sua investidura, as palavras da boca de lahweh, as quais deveriam ser transmitidas por meios de seus oráculos a todas as nações, reinos, palácios, aos magistrados, chefes de estados, príncipes, sacerdotes, profetas e todo o povo.

A incumbência de seu chamado, não restringiu somente a tarefa de anunciar a mensagem benevolente de esperança e salvação de Deus, mas no propósito de, denunciar as instituições e as lideranças do poder controlador da política, da economia e da religião, bem como de seus aliados.

O enfoque mais contundente de sua missão, no âmbito da política, foi sem dúvida sua preocupação em defesa dos pobres, fracos e humilhados, defendendo o direito e a justiça, como pressupostos para uma sociedade nova, mais justa e fraterna. Pregou a submissão e, também a libertação do povo de Deus. No âmbito da economia, defendeu uma política mais igualitária, onde o direito do camponês fosse de fato assegurado. No âmbito religioso, pregou veementemente a conversão e o arrependimento de uma religião que estava desvinculada da vida e do projeto libertador de lahweh.

No contexto deste cenário é possível deduzir que as exigências de lahweh, referenciadas por Jeremias, seriam para desmascarar as atitudes anacrônicas dos poderes vigentes e legitimar a fé no Deus da aliança que propunha uma sociedade justa, onde o direito e a justiça fossem de fato, colocados à disposição das autoridades, para proteger a vida dos mais fracos e vulneráveis da sociedade. Para tal seria necessária uma espiritualidade de “conversão e arrependimento”, de todos os habitantes da terra, grandes e pequenos. Conversão e arrependimento, que deveriam estar inseridos, não nos moldes e interesses individuais ou dos grupos que gerenciavam a política, a economia e a religião, mas no projeto libertador de lahweh, que procurava proteger as pessoas mais vulneráveis da sociedade.

Nesse contexto, a pesquisa se desenvolverá de forma acentuada nos relatos propriamente dirigidos a vocação e da atuação profética de Jeremias. É possível perceber nesses relatos elementos que comprovam que Jeremias teve a atuação mais contundente entre os principais profetas de seu tempo. Seu chamado ocorre num período de grande instabilidade nos setores da economia, da política e da religião. O povo ansiava por mudanças no reino de Judá e Jeremias é vocacionado como profeta para atender as exigências de lahweh, como mediador e representante do povo diante da crise social que se instalou. Seu intuito era restabelecer o direito e a justiça, como exigência de Deus, para amenizar o sofrimento de seu povo.

A atuação de Jeremias, diante da incumbência de seu chamado, implica no deslumbramento do seu papel como profeta das nações (Jr 1,5), sobretudo, pela trajetória oscilante de sua própria vida. Seus oráculos recheados de críticas dirigidas diretamente aos reis, príncipes, juízes, funcionários da corte, sacerdotes e profetas, impressionam essas autoridades, de tal forma, que não hesitam em submetê-lo ao cárcere.

Importante passagem nos relatos bíblicos dos profetas, principalmente em Jeremias, é a relação que ele tem com a palavra de Deus, indicando que o profeta não vive de um relacionamento fantasioso com Deus, mais de uma experiência próxima a Deus. Sua visão de Deus passa a estar vinculada no seu modo de pensar e agir. A partir daí, o profeta vê os acontecimentos de acordo com os olhos de Deus. Ele está compenetrado na mensagem divina. Convicto desta realidade abandona-se, totalmente em relação a Deus.

É importante destacar que o profeta está sempre a serviço do mandato de Deus. Age comprometido com a ordem divina. Nunca aleatoriamente de acordo com sua própria vontade, mas sempre à luz da vontade de Deus.

A presente pesquisa está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado o conceito de vocação na literatura profética do Antigo Testamento, com ênfase nos diferentes gêneros da literatura profética, como estilos empregados nos oráculos proféticos no tempo de Jeremias e seus contemporâneos.

No segundo capítulo, farei uma análise sistemática e teológica, pertinente ao chamado à vocação profética de Jeremias, propriamente dita em, (Jr 1,4-10.17-19). O intuito dessa abordagem permitirá encontrar elementos contundentes para enfatizar o verdadeiro sentido de uma vocação profética.

O terceiro capítulo exporá o desdobramento da vocação profética de Jeremias, com o enfrentamento direto às diferentes classes sociais, na conjuntura do poder político, econômico e religioso (Jr 1,17-19) estabelecido no reino de Israel e Judá. Com essa análise, será possível identificar a veracidade da mensagem de lahweh proclamada pela boca de Jeremias que estava intrinsecamente relacionada com os acontecimentos do cotidiano. Uma mensagem dura para o contexto da realidade vivida pelos habitantes de Judá, principalmente as críticas direcionadas às autoridades institucionais, provocando severas rupturas, desavenças e graves consequências para as pessoas mais pobres.

Destacam-se como elementos essenciais no teor da atividade profética de Jeremias, a designação para, “arrancar, destruir, exterminar, demolir e plantar (Jr 1,10), sua relação intrínseca com a mensagem de lahweh, visão política, econômica e religiosa, com ênfase no direito e na justiça, uma vez que o próprio profeta desconhece sua capacidade para a missão (Jr 1,6).

A parte final será dedica à contextualização. A intenção é identificar elementos, que norteiam para relevantes e inspiradoras propostas que motivam para uma reflexão contributiva e essencial para o desdobramento de uma ação evangelizadora mais autêntica, sobretudo na aplicabilidade do direito e da justiça como resposta aos desígnios de Deus. Esse é o propósito da mensagem de Jeremias, quando apregoa a possibilidade de uma nova sociedade.

Nesta perspectiva, a pesquisa nos permitirá uma visão coesa de que, a essência da vocação profética, versa sobre dois aspectos: primeiro, porque é vinculada a promessa fiel de lahweh que estará sempre presente nos momentos

mais difíceis daquele que é chamado (Jr 1,8). Segundo, porque a missão daquele que é designado profeta, consiste em falar e agir somente o que provem da boca de lahweh (Jr 1,9), então a profecia se cumpre. A análise desta pesquisa mostra também que a missão profética, destina o emissário da mensagem divina, para as diversas frentes de batalhas. O profeta obriga-se, a sair de sua zona de conforto.

## 2. CONCEITO DE VOCAÇÃO NA LITERATURA PROFÉTICA DO ANTIGO TESTAMENTO.

Na literatura dos profetas do Antigo Testamento é possível identificar vários títulos para designar uma vocação profética. Portanto, para compreender melhor o que distingue entre um significado e outro, torna-se imprescindível fazer uma análise conceitual do termo “vocação profética” pela qual Jeremias é chamado. Para isso é necessário fazer uma abordagem sistemática sobre o tema “vocação” como evento divino. As conseqüências do chamado e, sobretudo, as modalidades literárias presente nos oráculos proféticos.

### 2.1 O TERMO “VOCAÇÃO” COMO PRINCÍPIO DE IAHWEH, NOS RELATOS ESCRITURÍSTICO DO ANTIGO TESTAMENTO

Etimologicamente o termo “vocação”, do latim “vocare”, pode ser traduzido como “chamado” ou “convocação”. Todos independente da etnia, raça, cor, credo, e posição social, são chamados a uma vocação. A primeira delas é a chamada vocação universal, o chamado à existência, fruto do amor benevolente de Deus na criação. Este chamado é uma iniciativa particular de Deus, que inclui similaridade física entre o ser humano e Deus (Gn 1,26), inteligência e capacidade para raciocinar e deliberar sobre todas as coisas criadas por Ele, e essa similaridade é o que o distingue de qualquer outra criatura. Mas o ser humano possui limitações, nunca age sozinho, está sempre em comunhão com Deus e obediente a sua palavra.

Ele existe numa dependência ontológica e numa relação total a essa palavra. Mas tal relação só se tornará “humana”, se a confirmamos livremente e se, mediante atos de amor, a preenchemos em toda a medida em que Deus a deixou aberta para nossa colaboração (PIGNA, 1989, p. 16).

Destarte, o ser humano é chamado a viver a experiência de Deus, realizar a edificação do mundo e colaborar na difícil tarefa de emancipar o projeto de salvação

da humanidade. Deus quer instrumentalizar-se do ser humano para revelar-se ao ser humano. Desta maneira Deus quer inseri-lo no contexto do seu plano salvífico universal. “Se o ser humano se fecha, ele está voltando para si mesmo. Constrói um caminho que é descaminho porque não leva ao Ômega e ao Reino” (BOFF, 1982, p. 70). Portanto, vale frisar algumas exigências precedentes da vocação: liberdade, disposição, obediência, fidelidade e escuta. Isso tudo se resume em fé e conversão, sem os quais o ser humano não poderia responder eficazmente ao chamado.

Chamado à vida, o ser humano assume a faculdade de exercer uma função digamos, administrativa, como colaborador de Deus. Essa faculdade está relacionada com a tarefa que ele deve executar no cuidado em relação ao mundo, ao próximo e às demais criaturas, incluindo zelo a si próprio. Mas Deus não quis que o varão atuasse na singularidade do seu chamado, chama para junto de si a mulher sua auxiliar e co-responsável no cuidado ao jardim que Deus construiu, chamando-a ao mais insigne dom de Deus, à fecundidade e a geração da prole (Gn 1,28).

Neste sentido é possível afirmar que o ser humano é chamado por vocação desde sua origem a ser um sujeito de natureza social e que não pode realizar-se plenamente sem entrar em relação com Deus e com o outro. Com isso ainda podemos presumir que a existência humana é um chamado a realizar-se numa dinâmica de múltiplas relações e reciprocidade, essencial para a sua formação. É essa multiplicidade de relações que viabiliza percorrer o ser humano na história, realizar projetos e a construir o itinerário de sua própria existência. Por conseguinte a relação humana é uma relação constitutiva em três níveis consecutivos, sua efetivação será mediante a disposição que tem o ser humano de relacionar-se e compreender-se consigo mesmo, com Deus e com o outro. Ele não pode colocar-se como centro absoluto, atribuindo-se auto-suficiente (individualista). O ser humano é livre para construir seu mundo e seu modo de viver no mundo. Esta liberdade está vinculada em sua própria limitação como parte integrante da natureza humana, pois,

Segundo o (DTVC, p. 1159) acentua que,

não há verdadeira liberdade sem a aceitação humilde das próprias limitações, o amor, que exige disciplina interior, o respeito à liberdade alheia e o reconhecimento da verdade, que transcende todo desejo e interesse próprio. O ser humano só se realiza verdadeiramente quando se entrega ao bem dos outros.

A liberdade também constitui elemento primordial na vocação humana, fundamental para possibilitar no crescimento da vida e encontrar mecanismos para que ele seja também protagonista na obra da salvação humanitária. O perigo é quando o ser humano toma por liberdade um pretexto de alienação, numa liberdade ilimitada atingindo os limites de uma satisfação indiscriminada para a realização de seus apetites e desejos egocêntricos. Quando o ser humano se coloca numa disposição de hostilidade a Deus é frustrado, porque imediatamente se estabelece uma dicotomia (ruptura) de relação, entre Deus e ele (Gn 3, 23).

Desobedecer a Deus significa furtar-se ao seu olhar de amor e querer administrar por conta própria o existir e o agir no mundo. A ruptura da relação de comunhão com Deus provoca a ruptura da unidade interior da pessoa humana, da relação de comunhão entre o ser humano e a mulher e da relação harmoniosa entre os homens e as demais criaturas. (CDSI, p. 30 nº. 27, 2009).

De acordo com Pigna (1989) podemos aludir que a vocação constitui uma tríplice relação, tais como: o ser humano consigo mesmo, com o mundo e com Deus. A afinidade ou comunhão entre Deus e o ser humano é o que determina o ato de comunicar-se e o caráter de como agir dentro do contexto da própria realidade humana. Nesse raciocínio podemos dizer que a vocação humana não é uma vontade arbitrária de Deus, mas uma exigência pelo qual o ser humano deve aderir-se livremente ao seu plano salvífico. Por isso a vocação do ser humano, sendo um ato de liberdade de decisão, não pode insurgir numa ação radical, mais soberana de Deus. Sobretudo, porque Deus estabelece uma aliança nesse diálogo (Gn 17, 2-22), sendo dinâmico e profícuo esse relacionamento.

Para Pigna (1989, p. 18):

Trata-se de um diálogo em que Deus chama e o ser humano responde, aprofundando ao mesmo tempo a busca e condicionando, em certo sentido, com sua resposta, o sucessivo questionar divino. Assim o termo “vocação” evoca esses dois seres. O diálogo uma vez iniciado, continua durante toda a vida e identifica-se com a história do ser humano e do mundo que ele vem construindo.

Assim como a interlocução entre Deus e o ser humano é proeminente do chamado, outros dois pressupostos são imprescindíveis, ou seja, “disponibilidade e abertura”. Disponibilidade para responder às exigências do chamado “Sai da tua

terra, da parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei” (Gn 12,1) e abertura para escutar a palavra exigente que Deus dirige ao ser humano.

A exigência ao chamado nasce mediante as circunstâncias concretas dos acontecimentos reais no cotidiano da vida de um povo, de uma nação. Elas são manifestas por Deus que interpela ao ser humano uma intervenção imediata de libertação política e social do seu povo.

Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito, ouvi seu grito por causa de seus opressores; pois eu conheço as suas angústias. Por isso desci a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir desta terra para uma terra boa e vasta, terra que mana leite e mel, o lugar dos cananeus, dos heteus, dos amorreus, dos ferezeus, dos heveus e dos jebuseus. Agora, o grito dos israelitas chegou até mim, e também vejo a opressão com que os egípcios os estão oprimindo. Vai, pois, e eu te enviarei a Faraó, para sair do Egito o meu povo, os israelitas (Ex 3, 7-12).

É justamente na vida do povo oprimido, no seu sofrimento, que o grito que chega até Deus é gerado. À medida que o ser humano se conscientiza da interpelação de Deus ao chamado ele vai gradativamente amadurecendo e respondendo a este chamado, conseqüentemente crescendo em sua fidelidade com Deus. Deus orienta e aponta o caminho a seguir. O ser humano nunca age sozinho (Ex 3,12) e sua ação é sempre transformadora.

Nesta linha de pensamento, a vocação humana não pode estar submetida a uma função meramente nutrida do direito e da liberdade sob coerção de um indivíduo ao outro. Ela se nutre do direito e da justiça em defesa da promoção da vida, da liberdade e da dignidade humana assim,

Segundo Boff (1982, p. 53):

O verdadeiro poder entre os homens assenta no amor. E o poder do amor não reside na sujeição do outro, mas no seu serviço, não na sua escravidão, mas no respeito de sua liberdade. Onde não reina a liberdade não pode haver amor.

Portanto, apreender a vocação humana, não consiste em uma relação de poder coercitivo, de uns sobre os outros, mas como um chamado a estar a serviço do outro (Gl 5,13), com disponibilidade às exigências de *lahweh*. Nisso reside o mandamento do amor “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Lv 19, 18).

Na perspectiva da teologia do Primeiro Testamento, já no relato da criação, o chamado de Deus torna o ser humano intrinsecamente inserido no processo de um mundo a construir. Começando pela sua própria identidade e constituir-se uma realidade, mesmo inacabada. “Evidentemente nunca alguém se pode considerar uma pessoa acabada; sempre está a caminho deste acabamento” (FEINER, 1972, p. 82). Neste sentido o ser humano é chamado a dar uma resposta de adesão ao plano salvífico de Deus e a construir paulatinamente, o itinerário de sua existência. Portanto a vocação do ser humano, como chamado divino simboliza a destinação que Deus dá ao ser humano como proposta à sua destinação com relação a si mesmo, com o outro e com o mundo.

A teologia da vocação denota, portanto, duas vertentes singulares: numa perspectiva, a liberdade de Deus que chama e da autonomia ao ser humano que responde, assumindo prontamente ou rejeitando ao chamado. Mas, as fontes bíblicas apontam ainda, que a característica do chamado é bem similar, onde Deus se manifesta de maneira particular. Em um encontro pessoal, Ele mesmo o chama pelo nome (Ex 3,4). Neste encontro, Deus estabelece uma relação de diálogo, propõe aliança, enumera uma série de concessões, e anuncia o nome daquele que é chamado e até dá um nome novo ao eleito.

Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de nações. E não mais te chamarás Abrão, mas teu nome será Abraão (*ab harmôn*) no hebraico quer dizer: pai de multidão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações. Eu te tornarei extremamente fecundo, de ti farei nações, e reis sairão de ti. Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração, uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e o de tua raça depois de ti. A ti e à tua raça depois de ti, darei a terra em que habitais, toda a terra de Canaã, como possessão perpétua, e serei o vosso Deus (Gn 17, 4-8).

Nessa perspectiva, Deus quer, contudo, se servir de instrumentos humanos para difundir por todo o mundo sua mensagem salvadora. Ele quer a humanidade inteira como sua propriedade particular. A possessão de Deus não se limita há um grupo privilegiado, mas a todas as gerações, passadas, presentes e as futuras e todas serão chamadas povo de Deus. “Serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o meu povo” (Jr 31,1). Desta forma pode-se constatar que a vocação não prescinde de uma vontade meramente impetrada pelo ser humano, mas é fruto de um projeto arquitetado por Deus. Sua estrutura é dinâmica a ponto de estabelecer

fundamental transformação integral do ser humano, levando-o ao aperfeiçoamento de sua personalidade tanto na vida social, quanto espiritual. Sob o ponto de vista espiritual o ser humano pode chegar plenamente à santidade. Mas só chegará a realizar-se plenamente num sentido escatológico, na finitude de sua vida terrena.

A vocação perde seu caráter de coisa possuída para permanecer sempre e somente um “projeto”, com efeito, ninguém pode afirmar que chegou a um conhecimento tão pleno a ponto de não ter mais necessidade de ouvir a Deus sobre maneira de organizar sua vida (PIGNA, apud, GIORDANI, B. 1989, p. 22).

Isso pode afirmar que a vocação além de não ser alcançada meramente por força humana é, sobretudo, conseqüência do chamado divino. É uma dádiva divina. O ser humano sem a credencial de Deus nada pode fazer. É Deus que vai a busca do ser humano, exorta, convida, faz aliança e coloca como instrumento para realizar seu projeto no centro da vida humana, no cotidiano concreto de sua vida. O ser humano é livre para negar ou reagir diante do chamado, mas, não cabe interpelação infundada ao chamado (Jr 1,6). Deus exige uma resposta convincente. Se ele se nega ao chamado, às vezes a proposta de Deus se torna atemorizante (Jr 1,17). “Mas é só na liberdade que o homem se pode converter ao bem” (GS nº 17, p. 22).

O próprio existir do ser humano já é em primeira instância uma resposta ao chamado, mas este chamado torna um caráter mais pleno, quando Deus chama, não somente para que o ser humano esteja inserido no mundo criado por Ele, mas para que o ser humano esteja intrinsecamente coligado a Ele e em sua aliança.

A razão mais sublime da dignidade do ser humano consiste na sua vocação à união com Deus. É desde o começo da sua existência que o ser humano é convidado a dialogar com Deus: pois, se existe, é só porque criado por Deus, por amor, é por ele, por amor constantemente conservado; nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e se entregar ao seu criador (GS doc. 41, p. 24).

A vocação do ser humano, no que concerne a interpelação divina, é um chamado para a vida toda e a viver essencialmente um relacionamento de amor intrínseco com Deus, com o mundo e com o outro, isto é; um interagir no corpo a corpo, de pessoa a pessoa. É um ser que dialoga com Deus e com o outro, inteiramente social, que tem em sua vocação o poder de múltiplas relações, onde ele só se constrói a partir desta relação de comunhão com Deus na sua imanência e

na disponibilidade e abertura que ele tem com o mundo e com o outro. Portanto a imagem e semelhança com Deus impressa ao ser humano já na criação (Gn 1, 26-27), nos apontam para essa finalidade. Uma comunhão recíproca que se concretiza a partir desse encontro do ser humano com Deus e com o outro. Nesta perspectiva

Boff (1976, p. 41) afirma:

A pessoa é entendida como abertura e por isso com possibilidade de encontro e de enriquecimento. O encontro acontece, não por pura sorte; o encontro pode ser casual, mas ele é vivido como dom e como gratuidade. O encontro significa uma abertura pessoal que se encontra com a outra abertura pessoal. Deve ser gratuita e livre. Se não for não é encontro; é realização mecânica que obedece a critérios fixados. O encontro modifica a ambos: é mútuo reconhecimento, confiança, agradecimento, sinceridade e fidelidade.

Isso implica que a falta desse intercâmbio, a transgressão ou o fechamento egoístico do coração humano a essa realidade, constitui no empobrecimento de suas aspirações, o que certamente o levará a uma tendência de decadência e ao caos na construção de consciência e certamente na obstrução do seu caminho para Deus. Mas Deus nunca está distante do ser humano (Jr 1,8), Ele sempre conserva esperançosamente a uma abertura do ser humano, pois Ele está continuamente chamando. “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo” (Ap, 3,20).

Deus é persistente ao chamado, Ele quer restabelecer sua aliança interrompida no passado (Gn 3,23). Ele quer que o ser humano participe do seu governo, institui-o como promessa imbatível (Jr 1,18), confere poderes para desenvolver a proposta de seu projeto (Jr 1,10). Ele quer revelar-se, de tal maneira, que o ser humano se torne partícipe e protagonista do seu plano. Por isso Ele coloca o ser humano onde o grito do povo oprimido, seus gemidos e suas angústias devem ser escutados (Ex 2,24), mesmo que esse povo não lhe der crédito (Ex 4,1).

Aprova, no entanto, a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda relação entre os mesmos, mas formando com Ele um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse em santidade. E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com Ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente, manifestando-se a si mesmo e os desígnios da sua vontade, na própria história do povo, santificando para si. (LG doc. 31, p. 19).

No entanto Deus quer inserir-se definitivamente no contexto da vida diária do seu povo eleito e revelar-se, mas “a revelação de Deus se dá dentro da vida e da história humana” (BOFF, 1982, p. 71), e Deus ainda quer dar a conhecer-se, restabelecer um vínculo afetivo e definitivo com a sua humanidade e ainda, fazer aliança e santificar a todos “Fala a toda a comunidade dos Israelitas. Tu lhes dirás: Sede santos, porque eu, Iahweh vosso Deus, sou santo” (Lv 19, 2), pois, sua presença eminente, está onde ecoa o grito oprimido do povo que deve ser escutado. Aqui a palavra “escutar” significa à disposição que tem o indivíduo em responder à vocação (1Sm 3,10), refere-se também ao chamamento de Iahweh junto ao seu povo para escutar seus ensinamentos.

Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e as normas que eu hoje vos ensino a praticar, a fim de que vivais e entrais para possuir a terra que vos dará Iahweh, o Deus de vossos pais. Nada acrescentareis ao que eu vos ordeno, e nada tirareis também: observareis os mandamentos de Iahweh vosso Deus tais como vo-los prescrevo (Dt 4, 1 - 2).

O ser humano é chamado à escuta da Palavra de Iahweh. Essa é também a vocação eminente de Deus e a vocação ao qual Deus tem de interpelar ao ser humano, o dever de escutar seus ensinamentos e colocá-lo em prática para conduzir todo o seu povo a liberdade “Deixa o meu povo partir, para que me façam uma festa no deserto (Ex 5,1-2). Mas, quando a fidelidade ao chamado é posta à margem e a liberdade se torna ameaçada, então a intervenção ou o julgamento de Iahweh recairá contra o ser humano ou a cidade que não serviu a escuta.

Assim disse Iahweh dos Exércitos: Porque não ouvistes as minhas palavras, eis que mandarei buscar todas as tribos do Norte – (Oráculo de Iahweh! ao redor de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo) e trazê-las contra esta terra e seus habitantes (e contra todas estas nações em redor); eu os farei com anátema e farei deles objetos de horror, de escárnio, e uma ruína perpétua. Farei cessar entre eles a voz de júbilo e de alegria, a voz do noivo e da noiva, o ruído da mó e a luz da lâmpada. Toda esta terra será reduzida a ruína e desolação e estas nações servirão ao rei da Babilônia durante setenta anos (Jr 25, 8 -11).

O caráter essencial e a função radical do chamado divino consistem em que Ele chama para a reconstrução de sua obra redentora e salvadora. Pelo chamado e escuta, Deus confisca a disponibilidade que o ser humano tem, para o pleito de seu projeto. Assim, no labor de sua obra criadora, Deus e o ser humano interagem. No

ato em que Deus chama, o ser humano na modalidade de co-interlocutor responde ao chamado. Repetidamente, Deus chama (1 Sm 3,4), e o ser humano responde (1 Sm 3,4) e Deus envia (Is 6,9). Quando Deus manifesta a vontade de interagir com o ser humano na construção do mundo, seu apelo perpassa a própria vontade humana e o pensamento daquele que é chamado.

Eu, lahweh, te chamei para o serviço da justiça, tomei-te pela mão, e te modelei, eu te constituí como aliança do povo, como luz das nações, a fim de abrires os olhos dos cegos, a fim de soltares do cárcere os presos, e da prisão os que habitam nas trevas. (Is 42, 6 - 7). lahweh revela seu nome “Eu, sou lahweh; esse é o meu nome! Não cederei a outrem a minha glória, nem a minha honra aos ídolos” (Is 42,8), reprime quando ninguém responde o chamado. “Por que vim e não havia ninguém? Por que chamei e ninguém respondeu”? (Is 50, 2).

O chamado de Deus é ratificado pelas intempéries do cotidiano do ser humano. Neste sentido ele chama um indivíduo, um grupo ou uma nação inteira para vivenciar novas experiências, mudanças habituais e ao mesmo tempo instrui no chamado. Deus dá as diretrizes, mas impõe censura. Ele mesmo dirige o indivíduo, aponta o caminho e chama para o exercício da justiça. A objeção do povo ao desafio de sua vocação constata o abandono por Deus e ao seu projeto de libertação. Deus cumpre todas as promessas. Apresenta-se como Deus da justiça e da fidelidade, mas, porém, poucos se interessam pela sua causa.

## 2.2 A LIBERDADE COMO EIXO PRIMORDIAL DA VOCAÇÃO HUMANA

O ser humano criado a imagem e semelhança de Deus (Gn 1, 26) é por vocação provedor de sua própria dignidade e defensor do direito à liberdade. Essa liberdade dá ao ser humano autonomia para poder pensar, tomar decisões (cf Eclo 15,14), agir deliberadamente sob as condições em que ele se encontra e projetar sua vida de maneira vinculada ao projeto divino. Fora deste contexto, a própria subsistência do ser humano fica ameaçada. É, pois, para a liberdade que ele foi chamado (Gl 5).

A vocação do ser humano é a vocação para a liberdade tal como fundamento essencial de sua existência, mas isso não significa que essa liberdade deva ser intencionada como pretexto de alienação (GI 5, 13), ela não deve ser dirigida fundamentalmente à satisfação das próprias necessidades e desejos egocêntricos (DTVC, p. 1159).

Portanto o ser humano dotado de sua vocação para a liberdade deve renunciar quaisquer mecanismos que condiciona a uma retaliação de sua liberdade, que reduz sua capacidade de desenvolvimento, limitando seu conhecimento na busca da verdade que o torna livre. O ser humano na sua condição natural é chamado a construir sua vida com dignidade e corroborar para o progresso do projeto divino. A autêntica liberdade a qual é submetido, com relação ao propósito divino, faz com que ele progrida na sua vida com dignidade e como criatura de Deus, de forma pessoal e social, economicamente, politicamente e religiosamente, já que liberdade e dignidade é parte constitutiva da formação humana. É a chave contundente que abre perspectivas para o seu desenvolvimento e crescimento.

O Compêndio da Doutrina Social da Igreja (CDSI, nº 428, p. 241) assinala que, o ser humano na condição de criatura de Deus, não foi criado para viver isoladamente, mas é parte integrante do projeto de Deus na criação. Por isso, Deus estabelece ao ser humano um espaço vital para a sua segurança e liberdade, dispondo de todos os recursos para a sua sobrevivência, dando-lhe, o direito de explorar a terra, garantindo-lhes, todas as condições de uma vida em comunhão com Ele e seus semelhantes (Gn 2, 8ss). Portanto, Deus dá a liberdade, mas impõe limites (Gn 3,1). Quando essa liberdade é corrompida e usada de forma indiscriminada, não obedecendo aos critérios da legislação divina, selada na aliança entre Deus e o ser humano, este em sua deliberação aleatória, põe em risco a própria liberdade como criatura em relação com o seu criador (Gn 3,16-17), e tornará para sempre escravo de sua própria sorte, pois,

A liberdade de Deus consiste em permitir e ajudar a liberdade do menor dos seres humanos. A liberdade de Deus reprime o poder. Torna-se fraca para que possa manifestar-se a força humana. A liberdade consiste justamente nisto: diante do outro a pessoa pára, reconhece e aceita que exista. Abre espaço, acolhe, longe de dominar, escuta e permite que o outro fale primeiro. Assim Deus suspende todo o seu poder quando a criatura aparece. (COMBLIN, 1998, p. 66)

A própria vocação à existência humana é um grito solto para a liberdade. Ela emerge fundamentalmente do grito oprimido de um povo. O grito do povo clama pela justiça de Deus. Um grito que surge da compreensão de sua liberdade, de sua própria designação com a imagem de Deus. Libanio (1996, p.78) diz que o grito do povo é “um grito ético e religioso”. Ético por que sente sua liberdade ameaçada, religioso porque seu clamor é dirigido não a um vácuo, mas ao Deus que pode escutá-lo e livrá-lo, da morte da escravidão. Portanto, há um Deus que escuta os gemidos do seu povo e quer libertá-los. (Ex 2,24).

Quando o grito oprimido do povo chega aos tímpanos de seu ouvido, Ele compadece e desce para escutá-lo. “Não afligireis nenhuma viúva ou órfão. Se o afligireis e ele gritar a mim, escutarei seu grito; minha ira se acenderá e vos farei perecer pela espada: vossas mulheres ficarão viúvas e vossos filhos, órfãos” (Ex 22, 21-23). É um grito utópico, porque se mantém a esperança que deve atingi-lo pela promessa infalível de Deus (Ex 3,7-8). É um Deus que vê, ouve e se comove com as dores e angústias do seu povo. Essa é a vocação de Deus. Ver, ouvir e tomar conhecimento do sofrimento do povo e também às virtudes ou iniciativas mais potencializadas, para a liberdade do ser humano, como princípio de sua vocação.

Deus escolhe o povo, e se revela ao mesmo tempo, ser seu Deus (Jr 30, 22). Ele quer estar na intimidade e no cotidiano dos mesmos. A experiência do povo é, pois, a experiência de Deus. Ele caminha junto. Se o povo se desloca de sua terra e torna exilado em terras estrangeiras, Deus se faz estrangeiro com eles. Quando o povo sentiu a experiência da libertação no Egito, Deus também sentiu libertado, pois, a nossa liberdade, “Ela é abertura para o encontro com Deus” (LIBANIO, 1996, p. 178). E nessa abertura e encontro, o povo aderiu a lahweh.

Agora, pois, temei a lahweh e servi-o na perfeição e na fidelidade; lançai fora os deuses aos quais serviram os vossos pais do outro lado do Rio e no Egito, e servi a lahweh. Porém, se não vos parece bem servir a lahweh, escolhei hoje a quem quereis servir: se aos deuses aos quais serviram vossos pais do outro lado do Rio, ou aos deuses dos amorreus em cuja terra agora habitais. Quanto a mim e à minha casa serviremos a lahweh. Então o povo respondeu: “Longe de nós abandonar a lahweh para servir a outros deuses! lahweh nosso Deus é aquele que nos fez subir, a nós e a nossos pais, da terra, da casa da escravidão, que fez estes grandes sinais diante de nossos olhos e nos guardou por todo o caminho que percorremos e por entre todos os povos, bem como os amorreus que habitavam a terra. Portanto, nós também serviremos a lahweh, pois, Ele é o nosso Deus” (Js 24, 14 - 18).

### 2.3 O GÊNERO LITERÁRIO NO RELATO DE VOCAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

De um modo geral na literatura profética é possível ressaltar que os profetas do Antigo Testamento, mesmo vivendo em épocas e ambientes geograficamente diferentes, empregaram em seus oráculos, meios e características análogas para difundir a mensagem divina. O que encontramos nos relatos são discursos cujo gênero literário é sensivelmente percebido pelo teor, rigor e tom. Podendo ser de ameaças e, ou de esperança. Esta é a forma utilizada para que a mensagem profética abarcasse seus ouvintes.

A Bíblia conta a história de muitos profetas e profetisas que atuaram junto ao povo de Deus: Moisés, Isaías, Jeremias, Elias, Ana (1 Sm 2,1-10), Débora (Jz 5,1-12) e tantos outros. No entanto, Deus irrompe na consciência da pessoa; o escolhido se assusta, não entende muito bem do que se trata; o senhor lhe confia uma missão; o escolhido resiste, sente-se demasiadamente limitado ou pequeno para tal missão.

Os personagens nominados nos relatos de vocação não são somente homens, mas também mulheres, chamados por *lahweh*, que podem atuar em diversas situações emergenciais, na história do povo de Deus. Dentre as mulheres, está a vocação de Ester e Judite, que não aparecem explicitamente nos relatos bíblicos como vocação, mas que foram importantes na história do povo de Deus.

Para Zabatiero (2013), é possível discernir pelo menos quatro categorias de profetas existente em Judá e Israel 1) Profetas “extáticos”, que agem de forma individual ou em grupos. 2) Profetas da “corte” que atuam a serviço do rei. 3) Profetas do templo, que prestavam serviços aos sacerdotes da corte, auxiliando no trabalho educacional, sendo mais tarde extintos dando lugar aos escribas 4) Profetas críticos, que faziam uma análise crítica da situação política, econômica e religiosa da época. Nesta categoria, Jeremias aparece como um dos mais influentes entre os profetas críticos de seu tempo, como, Oséias, Miquéias e Amós. Esses profetas eram os porta-vozes das classes operárias e camponesas. Combatiam com veemência a política estatal, denunciavam a idolatria de culto, condenavam toda prática de injustiça social que recaía sobre os ombros dos mais fracos, defendiam a propriedade de terras como forma de assegurar uma vida mais digna ao ser humano do campo, resignava a teologia oficial da corte, porém, cobravam fidelidade a

lahweh por ser um Deus libertador e por isso sua exclusividade de culto no santuário, a exemplo de Amós que rejeita o sacerdócio oficial (Am 7,10-17).

Os relatos bíblicos de vocação concernente ao chamado acontecem de diversas formas. Esses relatos de vocação assinalam que o chamado pode ocorrer na forma direta, indireta, podendo ser ainda individual, coletivo ou até mesmo dirigido a uma nação inteira.

A primeira forma como chamado (direta) consiste num diálogo formal entre Deus e o profeta, de forma que o destinatário do chamado responde com liberdade. Essa liberdade consiste em que o ser humano pode aceitar ou recusar o chamado, a exemplo de Moisés que aventura: “Quem sou eu para ir a Faraó e fazer sair do Egito os israelitas?” (Ex 3,11), Saul que diz: “Não sou por acaso um benjaminita, uma das menores tribos de Israel, e o meu clã não é porventura o mais modesto de todos os da tribo de Benjamim? Por que me dizes tais coisas?” (1Sm 9,21) e Jeremias diz: “Ah! Senhor lahweh, eis que eu sou ainda criança!” (Jr 1,6).

A outra forma de vocação pode ser (indireta) a partir de visões, conforme (Is 6;40; Ez 1; 1Rs 22,19) em ambos os casos, a resposta é sempre análoga “Envia-me”, e “Ir” (Ex 3,10; Jr 1,7; 14,14 Is 6,8ss). Deus mesmo se manifesta ao ser humano e os convoca, assim como, por exemplo, a vocação de Abraão (Gn 12,1-4), Moisés (Ex 3,5), Jeremias (Jr 1,4-10) e Isaias (Is 6). Mas lahweh se utiliza indiretamente de pessoas de sua confiança para chamar outros a vocação profética. Assim, Moisés consagra Aarão (Ex 28,1), Samuel unge Saul (1Sam 10,1) e a Davi (1Sm 16,13). Coletivamente, Deus chama Israel como nação santa e povo eleito.

Embora de maneira indireta, Deus use outros homens como instrumentos para despertar uma vocação, a iniciativa do chamado parte sempre dele. Às vezes a adesão é aceita de prontidão ou com objeções. Abraão ratifica o chamado e sem resistência parte imediatamente levando sua mulher Sarai e seu sobrinho Ló (Gn 12,4). O mesmo ocorre com Isaias, alega-se homem pecaminoso, mas prontamente responde ao chamado: “Eis-me aqui, envia-me a mim” (Is 6,8). Em outras situações há discordância, o ser humano tenta esquivar-se do chamado a exemplo de Moisés que alega não ter prudência em suas palavras (Ex 4,10) e Jeremias que contesta ao chamado justificando ser uma criança para tal missão (Jr 1,6). Mas Deus transmite confiança “Não tenhas medo” (Jr 1,8) e promete assistência “Eu estarei contigo” (Jr 1,19).

O que envolve esses interlocutores ao chamado, mesmo em situações obscuras e desafiadoras é a fé inabalável e confiança no apelo de Deus, porque Ele mesmo para dar esta confiança se apresenta ao ser humano “Eu sou o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó” (Ex 4,5) e na adesão ao projeto que Ele mesmo se faz fiador e procede,

Vós mesmos vistes o que eu fiz aos egípcios, e como vos carreguei sobre asas de águia e vos trouxe a mim. Agora, se ouvirdes a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade peculiar entre todos os povos, porque toda terra é minha. Vós sereis para mim um reino de sacerdotes, uma nação santa (Ex 19, 4- 6).

É de fato uma relação de encontro, diálogo, compromisso, aliança e amizade entre Deus e o ser humano que acontece o marco essencial da vocação. É aqui que fazendo uma análise teológica dos textos bíblicos, é possível constatar que o ser humano é indubitavelmente a única criatura que tem acessibilidade e capacidade de viver uma intensa relação de comunhão com Ele (Deus), consigo mesmo e com os outros. Isso denota que Deus, mesmo na sua autoridade absoluta, precisa do ser humano para realizar seus projetos, de modo que ao fazer um chamado, Ele estabelece uma aliança, atribui uma missão e faz uma promessa. Os relatos bíblicos apontam para esta perspectiva. Ao chamar o patriarca Abraão, Deus pede que ele saia de sua zona de conforto, deixe sua parentela e vá para um lugar onde Ele indicar (Gn 12,1). Abraão teve fé, escutou o chamado e partiu. Assim ele fez e cumpriu-se o que Deus havia prometido. Numerosa foram sua descendência e prosperidade, mesmo sendo homem de idade avançada (Gn 12,4) e sua esposa estéril (Gn 11,30). Sua missão foi fundamental para que todos os povos e nações conhecessem a Deus.

Embora os relatos de vocação no contexto bíblico do Antigo Testamento, tenham a tendência de mostrar certa ambivalência em termos estruturais, são relatos construídos sob o estigma da realidade concreta da vida, colidindo conseqüentemente com o conflito social com pertinência ao cotidiano.

Ao comparar esses relatos bíblicos, podem-se encontrar freqüentemente analogias entre eles. É o que acontece no relato da vocação de Moisés que é impelido por lahweh a libertar o povo escravo nas mãos dos egípcios (Ex 1,8-14; 2, 23-25; 3,7). Samuel sob as ameaças dos filisteus (1 Sm 2,12) e Jeremias com a

invasão dos Babilônios (Jr 1,4-10). Essas analogias são encontradas na origem e na consequência do chamado.

Siqueira (2013) acentua pelo menos três níveis de semelhanças: Primeiro são as circunstâncias em que os destinatários são chamados; de um modo particular e de outro geral. De modo particular é possível relacionar com suas atividades domésticas. Moisés pastoreia ovelhas no campo (Ex 3,1-6), Isaias frequenta o templo para fazer suas meditações (Is 6,1-3), Jeremias preocupado com sua vida de adolescente (Jr 1,4-5), Samuel ajuda o sacerdote Eli no templo (1 Sm 2,11). De certo modo tanto Moises, Isaias, Samuel e Jeremias, todos são chamados a estarem envolvidos com as questões sociais e os conflitos locais.

O segundo, são as analogias no sentido da rejeição ao chamado: Jeremias questiona a lahweh quanto a sua imaturidade, por ser um adolescente que ainda não tem instrução para falar em público (Jr 1,6), Moisés sente que a missão é grande (Ex 3,11) e que se acha embaraçado para falar (Ex 6,30), Isaias que alega ter lábios impuros (Is 6,5), Samuel não reconhece a voz que chama (1Sm 3,7). São análogas a finalidade da missão: Moisés caminha pelo deserto, conduzindo o povo hebreu para livrá-los da escravidão do Egito, Jeremias é constituído pelo conselho de lahweh para construir uma sociedade nova, sua atividade era destruir a velha sociedade e construir uma nova sociedade (Jr 1,10), Samuel substitui Elias para liderar o povo e retoma o ensinamento da palavra no Clã (1 Sm 3,11-14), Isaias resgata a confiança de lahweh (Is 7,1-9).

Em terceiro lugar a ação/missão. Esta é a função do chamado ou o objetivo que tem a vocação do enviado de lahweh. O chamado provoca consequências fundamentais na vida do eleito e visa profundas transformações na vida do povo. Nesse sentido a “Palavra” de lahweh tem força predominante no chamado. Ela indica, orienta, encaminha e resgata o que ainda não está perdido. A Palavra de lahweh tem função primordial e força no chamado “Eu te constituo” (Jr 1,10) “Vai e fala a este povo” (Is 9,1-6). Isaias não tem outra opção diante da exigência de lahweh. Refutar ao chamado seria talvez mais trágico, porque o que demanda o chamado é o sofrimento de um povo que, certamente precisará de uma vós para libertá-los. O quadro abaixo apresenta as semelhanças entre os vocacionados de lahweh.

Analogias quanto as:	Abraão	Moisés	Samuel	Isaias	Jeremias
Circunstâncias do chamado	homem de idade avançada	Pastoreia as ovelhas de Jetro seu sogro (Ex 3,1- 6)	Serve a lahweh no templo com a Judá do sacerdote Eli (1 Sm 3,1).	Freqüenta o templo para fazer suas meditações (Is 6,1- 3),	Sua vocação é consagrada ainda no ventre materno (Jr 1,4- 5).
Rejeição ao chamado	Não houve rejeição por parte de Abraão	Quem sou eu para ir a faraó? (Ex 3,11;6,30)	Era muito jovem e ainda não reconhecia a voz de lahweh (1 Sm 1,24).	Alega ter lábios impuros (Is 6,5)	Preocupado com sua vida de adolescente (Jr 1,6)
Ação/missão, conseqüências pastorais do chamado	Ser humano integro temente a Deus por isso é aclamado Pai da humanidade	Livrar o povo hebreu da escravidão do Egito (Ex 3,10)	Liderar o povo (1 Sm 3,11-14)	Vai e fala a este povo (Is 9,1- 6).	Crítica à velha sociedade e construção de uma nova sociedade (Jr 1, 10)

É possível perceber que alguns relatos de vocação bíblica apresentam gêneros literários poéticos (Is 9,10). Tais relatos comumente iniciam com uma teofania (manifestação) de lahweh. Outro dado importante é que os relatos de vocação bíblica, sempre procedem da vontade eminente de lahweh, portanto, “vocação é o que lahweh quer” (SIQUEIRA, 2013, p. 377).

É importante salientar que todo chamado/vocação mesmo em circunstâncias adversas e apesar das objeções assinaladas pelos destinatários do chamado, é sempre procedente, isto é, tem origem na Palavra/ação de lahweh. Sua função é pedagógica, tem como objetivo orientá-lo, mas também advertir o interlocutor para algo que transcende à sua própria vontade ou ainda, serve para suscitar o elo de convivência no próprio clã. É o caso de Eli, que não soube interpretar o chamado dirigido a Samuel e por não ter instruído sua família no conhecimento da Palavra lahweh destituiu-o de sua função, doravante Samuel é instituído por lahweh para liderar seu povo. “O chamado de Samuel tem a função de resgatar a leitura, o ensino e a prática da Palavra de lahweh, de modo que sua vocação viria a recuperar o convívio saudável com a Palavra de Deus” (SIQUEIRA, 2013, p. 377).

Era, portanto, função do escolhido por lahweh à instrução da Palavra não somente no seio da religião, (no caso dos que exerciam a função do sacerdotal no templo), mas além das circunstâncias reais e concretas da vida do povo. Isso fica bem claro que o desejo de lahweh transcende à vontade do enviado e que ele também deverá ir além das prescrições dada no templo, mas que exercessem sua missão com ações concretas versada na transformação da realidade cotidiana na vida da comunidade.

Uma das funções da vocação profética está fundamentada em seu conteúdo mais nítido, o da interpretação e transmissão da mensagem divina. O interlocutor é interpelado a transmitir uma mensagem verídica de esperança e libertação a um povo desacreditado e sedento de Deus, de pão e liberdade. Pois, o foco de cada vocacionado, está centrado na defesa impreterivelmente às classes pobres e mais vulneráveis da sociedade, predominantemente vítimas do poder político, econômico e religioso, representados pelos reis, oficiais da corte, latifundiários, sacerdotes e profetas ligados ao poder.

Existem várias categorias de oráculos que podem ser atendidas como: narrativas sobre profetas, visão e ditos. A mais importante que dá maior consistência ao contexto da profecia é sem dúvida o aspecto da narrativa profética, ela pode ser elaborada a partir da experiência profética, dos prodígios e matizes que alude à vida do profeta.

### 3. A VOCAÇÃO PROFÉTICA DE JEREMIAS

A vocação profética de Jeremias aconteceu antes mesmo de seu nascimento. Porém, para um aprofundamento mais criterioso sobre sua vocação, a pesquisa exige uma análise minuciosa dos relatos bíblicos a partir do seu chamado, cuja vitalidade de sua vocação está vinculada em diversas fases de sua própria vida. Se por um lado, suas ações estiveram focadas, em defender os pobres e marginalizados de seu tempo, por outro lado, também foi instigada ao combate incansável aos oponentes opressores. Nesta perspectiva, o profeta recebe a promessa de lahweh que nunca o deixará sozinho na caminhada (Jr 1,8.19).

#### 3.1 O CHAMADO (Jr 1, 4-10)

Jeremias é natural de Anatot, vilarejo que fica a poucos quilômetros de Jerusalém, região pertencente à tribo de Benjamim, geograficamente situada na Judéia. Nascido por volta do ano (650 a.C) teve o privilégio de ser de uma geração de famílias sacerdotais. De acordo com os relatos bíblicos, Jeremias era filho de Helcias um dos notáveis sacerdotes no território de Benjamim (Jr 1,1).

A experiência vocacional de Jeremias causou um grande impacto no contexto político, econômico e religioso do reino de Judá. Sua vocação se situa antes mesmo do seu próprio nascimento, quer dizer: antes de tudo acontecer, quando sobreveio a decisão de Deus chamá-lo ao ministério profético. Ainda no ventre materno o Senhor o consagra para o grande mandato (Jr 1,5). Muito jovem, questiona a interpelação de lahweh e tenta justificar sua prematura condição para falar em público (Jr 1,6), mas sua inspiração profética começa a florescer a partir do ano 626 a.C, com aproximadamente vinte e quatro anos de idade.

lahweh conhece seus eleitos antes mesmo que o eleito conheça lahweh. Escolhe para ser porta-voz de sua mensagem diante das autoridades públicas, para falar nos átrios dos templos a todas as nações e reinos (Jr 1,10). A escolha de Jeremias foi incisiva, pessoal e direta. É possível notar que há um verdadeiro ato litúrgico, uma cerimônia religiosa no momento do seu chamado. lahweh estende a

mão, toca-lhe a boca, e insere sua palavra (Jr 1,9), deixa-lhe seguro e prometendo estar sempre junto “Não temas” (Jr 1,8) e lhes envia profeta para as nações (Jr 1,10). Três pontos são fundamentais para que o profeta seja efetivado para o pleito de sua vocação:

1) O profeta deve beber da fonte do conhecimento de lahweh “Eu te conheci” diz lahweh (Jr 1,5). Para Rossi (2012) o conhecimento de Deus não é simplesmente um dado teológico, uma ação imediatista de lahweh. É na prática um conhecimento de longa data, um relacionamento em que lahweh condiciona e prepara o profeta para viver intensamente sua vocação. Como se fosse um artesão que encontrou a matéria prima e com ela vai modelando até chegar a essência do seu propósito. Jeremias agora é como o barro nas mãos do oleiro, que vai lapidando a bilha até ficar pronto. Essa preparação não dá privilégio algum, nem livra o emissário das situações de conflitos e represália por parte de seus opositores.

2) Está relacionado ao contexto religioso, o profeta é antes de tudo consagrado. Neste caso ele é arrancado do núcleo familiar para viver densamente sua vocação. “Eu te consagrei” (Jr 1,5b). Tudo é ratificado pela ação de lahweh. Nada é mérito próprio de quem é chamado. Ele desloca-o da zona de conforto para assumir não interinamente sua vocação, mas de forma definitiva ao serviço correlato ao chamado. “Ser consagrado” não é atribuição de uma qualidade, e sim de uma função (ROSSI, 2012, p. 14). Ser consagrado no contexto teológico não dá privilégios, nem significa imunidade, proteção, que livra das circunstâncias do dia-dia. O conteúdo histórico-bíblico dos profetas nos aponta para esta realidade. Ser consagrado para a atividade profética é estar preparado para uma vida de desconforto, sofrimento, angústia e muita perseguição. É sem dúvida o que encontramos nos relatos bíblicos da vocação de Jeremias e tantos outros.

3) Ele é constituído profeta para as Nações, “Eu te constituo” (Jr 1,10), isto quer dizer que aquele que fora instituído profeta no conselho de lahweh, não será meramente um instrumento para agir em benefício próprio dando expediente exclusivamente para sua comunidade, como se a palavra dada fosse restrita apenas a um território demarcado geograficamente. Ao contrário, o expediente que dará na transmissão da mensagem profética deverá ser alcançado por todos, reinos, principados, sacerdotes, mercantilistas, latifundiários e profetas etc. porque, “Javé é apresentado como Senhor da história Universal” (ROSSI, 2014, p. 14), lahweh é

Deus de todas as nações e gerações e não permite que sua vontade seja manifesta por um grupo fechado da sociedade.

Embora sua origem seja de família tradicionalmente sacerdotal, alguns estudiosos como Schökel (2004, p. 415) afirma: “Jeremias nunca atuou como sacerdote”. Esta afirmação merece atenção, porque, mesmo que Jeremias não tenha atuado como sacerdote no templo, destaca o fato de que ele é um profeta ungido por lahweh. Ainda no ventre materno, foi constituído e consagrado pelas mãos de lahweh, para ser intérprete pessoal de sua mensagem (Jr 1,5).

Para Fohrer (2008, p. 335):

Não há evidências de que no início de seu ministério Jeremias tenha considerado um ‘*Nabi*’ profetizando contra as nações, ou que mais tarde ocasionalmente tenha aparecido como profeta cultural, intercedendo pelo povo ou dirigindo o culto, para não mencionar que tenha um ofício Litúrgico permanente.

Por ser descendente de família sacerdotal, Jeremias tinha fácil acesso ao interior do templo, porém sua atividade profética se realizava nas imediações do templo. Pois, a palavra de lahweh deveria ser transmitida nos átrios do templo, como que se as propostas de mudanças haveriam de partir de alguém que viesse de fora das instituições, portando as reivindicações oriundas das necessidades do povo. Essas necessidades são embasadas na justiça e no direito e, realçadas na contramão das interpretações conclusivas do palácio, rompendo assim, com as estruturas arcaicas que inviabilizavam a acessibilidade dos inacessíveis do reino.

O projeto da aliança com lahweh levava ao extremo no caminho de sua missão. Jeremias foi um profeta combatente e também combatido, que passou a conhecer os desígnios de lahweh, para combater gente opressora e solidarizar com gente oprimida, os últimos que estavam à margem da sociedade. Esses eram para o profeta o alvo central de sua defesa. Em Jeremias (Jr 32,6-8) é possível perceber que ele era de família bem sucedida, pois tinham propriedades de terras na região de Anatot. Porém, sua opção preferencial era seguir os intuitos de lahweh. Reconhecer o seu projeto, sendo como objetivo o combate, as injustiças sociais, libertar o povo da servidão e escravidão, e defender os últimos. Isto é; transmitir a palavra libertadora de lahweh, conforme fora colocada em sua boca, para anunciar que era possível reconstruir uma sociedade nova em face ao sistema opressor que

predominavam nos reinos de Judá e Israel, centrados na política, na economia e na religião. Seus oráculos estão recheados de anúncios que exortam à conversão e ao arrependimento, da moralidade, da fidelidade, do culto ao Deus verdadeiro, a pureza do santuário. Denuncia o sincretismo religioso, o sistema opressor, o sofrimento dos mais humildes, combate aos falsos profetas e age sempre em defesa dos grupos mais vulneráveis da época “a viúva, o órfão e o estrangeiro” (Jr 7,1-15).

Intérprete pessoal e oficial da palavra de lahweh, o profeta age mediante o relato histórico da realidade contida na vida de seu povo. Suas críticas revestidas de oráculos, poemas e parábolas, anunciam as intervenções e o verdadeiro agir de Deus na história e no cotidiano do povo. As predições de castigo e libertação são ecos que saem da própria boca de lahweh. A palavra proferida pelo profeta é o próprio agir de Deus no cotidiano dos homens (Sl 33,6; 9). Assim, Jeremias só falará o que lahweh ordenar (Jr 1,7) e as palavras que lahweh colocar em sua boca e nada mais (Jr 1,9). Jeremias reprime e denuncia a forma criminal e obsoleta como as autoridades governam as instituições.

A inspiração profética de Jeremias tem como raiz a realidade do povo. As críticas lançadas em seus discursos, não são críticas meramente arrancadas e lançadas no vazio. Elas emergem da crise instalada na realidade concreta, no contexto histórico dos acontecimentos do cotidiano do povo e tem destinatários certos para serem lançadas. Jeremias denuncia a ingratidão do povo de lahweh e anuncia o seu julgamento. Ele não é somente profeta de lahweh para anunciar o castigo que virá, mas, também instrumento para anunciar salvação, a cada anúncio segue uma denúncia.

E lahweh vos enviou, constantemente, todos os seus servos, os profetas, mas vós não escutastes e nem inclinastes os vossos ouvidos para ouvir. Essa palavra dizia: Converti-vos, cada um de vosso caminho mau e da perversidade de vossas ações; então habitareis o território que lahweh deu a vossos pais, desde sempre e para sempre. Não sigais os deuses estrangeiros para servi-los e para prostrar-vos diante deles; não me irriteis pelas obras de vossas mãos e então eu não vos farei mal algum. Mas vós não me escutastes (-oráculo de lahweh – de modo que me irritastes com as obras de vossas mãos para vossa desgraça). Por isso, assim disse lahweh dos Exércitos: Porque não ouvistes as minhas palavras, eis que mandarei buscar todas as tribos do norte (-oráculo de lahweh! ao redor de Nabucodonosor, rei da Babilônia, meu servo) e trazê-las contra esta terra e seus habitantes (e contra todas essas nações em redor); eu os ferirei com anátema e farei deles objeto de horror, de escárnio e uma reina perpétua (Jr 25,4-9).

Durante todo o seu ministério, anuncia que a solução só virá com a reformulação de um novo pacto de lahweh, com a renovação da aliança (Jr 31,31-34). Embora seja o profeta o interlocutor direto e instrumento da palavra, nenhuma ação é de sua autoria, mas, são de competência e exclusividade de lahweh (Jr 42, 1-4). “De fato o profeta não tem a “palavra de lahweh” à sua disposição; não é ele que dispõe de Deus, mas é Deus que dispõe do seu profeta com liberdade e de modo insondável” (FÜGLISTER, 2004, p. 247).

### 3.2 AS FASES CRÍTICAS DE UMA VOCAÇÃO PROFÉTICA

A vocação de Jeremias não permitiu ao profeta fazer escolhas. As nuances de seus oráculos recheadas de inseguranças, dúvidas, polêmicas, contradições, aversão a Deus, são o peso incondicional do fardo de sua vocação. Num mundo marcado por conflitos internos e externamente, por conta de sua obsessão por justiça, atrai para si uma legião de perseguidores e conseqüentemente é hostilizado mediante o caráter de seus oráculos com tamanha veemência e austeridade (15,10). No entanto, na conjectura de sua pregação é considerado um ser humano que vive contra a sua vontade. Não teve nenhuma condecoração relevante na trajetória de sua vocação.

É possível enumerar dois momentos distintos da vocação profética de Jeremias. Primeiro o da “negação” “Ah! Senhor lahweh, eis que eu não sei falar, porque sou ainda criança” (Jr 1,6) e o segundo momento o da “entrega” “Tu me seduziste, lahweh, e eu me deixei seduzir” (Jr 20,7). Nesta entrega, Jeremias confessa que a sedução de lahweh supera suas próprias forças para o enfrentamento diário contra as forças opositoras, a ponto de acusar lahweh por sua desgraça.

Sirvo de escárnio todo dia, todos zombam de mim. Porque sempre que falo devo gritar, devo proclamar: “violência e opressão!” Porque a palavra de lahweh tornou-se para mim opróbrio e ludíbrio todo dia. Quando pensava: ‘Não me lembrarei deles, já não falarei em seu Nome’, então isto era em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos. Estou cansado de suportar, não agüento mais! (Jr 20,7b-9).

A expressão de desgaste era inevitável, a ponto de Jeremias pensar em desistir ou até mesmo pensar que o próprio lahweh, tenha-lhe abandonado. 'Não me lembrarei deles, já não falarei em seu nome', então isso era em meu coração como fogo devorador, encerrado em meus ossos (Jr 20,9). Diante do infortúnio e luta que marcam a vida do profeta, Jeremias lamenta o dia em que nasceu:

Maldito o dia em que nasci! O dia em que minha mãe me gerou não seja abençoado. Maldito o ser humano que deu a meu pai a boa nova: 'Nasceu-te um filho ser humano!' e lhe causou grande alegria. Que este ser humano seja como as cidades que lahweh destruiu sem compaixão; que ouça o clamor pela manhã e o grito de guerra ao meio-dia, porque não me matou desde o seio materno, para que minha mãe fosse para mim o meu sepulcro e suas entranhas estivessem grávidas para sempre. Porque saí do seio materno para ver trabalhos e penas e terminar em meus dias na vergonha? (Jr 20,14-18).

Este episódio marca o extremo de uma vocação conturbada de Jeremias. É o limite de uma experiência longa, uma trajetória marcada por cansaço, incerteza, desolação e sofrimento. Mesmo diante das inúmeras vicissitudes que fazem parte de sua missão não era mais possível recuar. A palavra de lahweh era cada vez mais contundente em sua vida.

Embora, este chamado do Senhor, provocara no profeta, inquietações e ao mesmo tempo temor, Jeremias não se limitou diante das exigências impostas por lahweh. Aos poucos sua personalidade vai se identificando, como verdadeiro profeta designado por lahweh e, conseqüentemente sua maturidade profética. Sabia, portanto, que haveria de se opor diante das elites, política e religiosa, que administravam a vida social e o templo. A missão profética era para Jeremias, sem dúvida, uma relação de muitos embates e conflitos. Mas, diante da insegurança, daquilo que era pertinente a sua missão, lahweh o encoraja, (Jr 1,8). Nomeia para dar testemunho de sua vocação profética, perante sacerdotes, príncipes, reis e nações, para ligar e desligar, edificar e plantar (Jr 1,10).

Neste sentido é possível enumerar pelo menos três momentos em que Jeremias entra em confronto com Deus. São três indagações em que lahweh se emudece e deixa-o sem resposta: quando questiona a prosperidade dos maus (Jr 12,1), quando a palavra de lahweh era forte demais, fazendo com que o profeta se sentisse até mesmo enganado, iludido e abandonado (Jr 15,18), e quando examina e renega sua própria existência (Jr 20,18).

O sofrimento de Jeremias pode mostrar que a indicação de uma vocação inspirada nos moldes de Deus, leva a crer que ele não é um ser que pertence a si mesmo, mas que sua vida profética, por natureza, está intrinsecamente nas mãos de Deus. No momento oportuno Deus estenderá sua mão para salvar seu servo, mas, para que ele tenha inspiração para lutar em momentos ainda mais difíceis de sua missão. Neste caso, ao que tudo indica Jeremias ainda carece de conversão e deverá assimilar o que é uma ação humana e a ação divina.

Por isso assim disse Iahweh: Se te convertes, eu te faço retornar e estarás diante de mim. Se separas o que é valioso do que é vil, tu serás como a minha boca. Eles retornarão a ti, mas tu não retornarás a eles! Eu te farei, para esse povo, muralha de bronze, fortificada,. Eles lutarão contra ti, mas nada poderão contra ti, porque estou contigo para te salvar e te livrar, oráculo de Iahweh. Eu te livrarei da mão dos perversos e te resgatarei do punho dos violentos (Jr 15,19-21).

Numa prece de desespero Jeremias alude à sua vocação “Não me faças tremer, tu és meu refúgio na desgraça” (Jr 17,17), pedindo para que não se realize a ameaça feita pelo Senhor (Jr 1,17), mas que se faça justiça contra seus adversários (Jr 17,18). Jeremias experimentou a ausência de Deus na sua vida, mesmo assim não entendeu o ato sedutor de Iahweh, que no auge de sua vida profética afrontara tantas amarguras, sofrimentos, abandono, tristeza, tortura, rompimento com seus familiares, sem contar com o desprendimento da própria vida em função da sua vocação profética, não pode constituir família através do matrimônio, não pode festejar com os amigos, nem solidarizar nos momentos fúnebres (Jr 16,1-9), uma vida inteira consumida em razão de sua missão, teme pela própria vida que corre perigo (Jr 38,14-28).

Por conta da incredulidade do povo que não acredita mais no que ele fala, Iahweh interpela Jeremias e o proíbe de interceder junto ao povo (Jr 7,16; 11,14; 14,11), silencia sua profecia e permanece calado por um tempo (Jr 37,17-21; 21,25). Mesmo quando se refere a Moisés e Samuel, a intervenção do profeta deve ser interrompida por Iahweh (Jr 15,1). Porém, essa mesma palavra que mortifica é como torrente ardente que suscita e permanece indissolúvel ao profeta de Iahweh, intercedendo mesmo por aqueles que são seus eloqüentes adversários.

Para Jeremias os maus eram os que prosperavam, produziam fortunas como os arrozais no ano da abundância. Eles se reproduziam como erva daninha que se

alastram pelos campos, nada os abala. Nada podia censurá-lo, pois a lei, esta asseguravam estar do vosso lado (Jr 8,8-9), mas os que promovem o direito e a justiça em nome de lahweh são levados como sevados para o abate.

Tu és justo demais, lahweh, para que eu entre em processo contigo. Contudo, falarei contigo sobre questões de direito: Porque prospera o caminho dos ímpios? Por que os apóstatas estão em paz? Tu os plantaste, eles criaram raízes, vão bem e produzem fruto. Estás perto de sua boca, mas longe de seus rins. Mas tu, lahweh, me conhece e me vê, provaste o meu coração, que está contigo. Arranca-os como ovelhas para o matadouro, consagra-os para o dia do massacre (Jr 12,1-3).

Há momentos em que Jeremias não sabe mais o que de fato a mensagem de lahweh queria lhe propor a tal ponto de duvidar de suas próprias palavras. Seus oráculos já não produziam os efeitos desejados. Em várias ocasiões sente o fracasso de sua missão. Sua luta contínua na perspectiva do êxito, em seus oráculos, expressa com veemência a utopia em ver uma sociedade encarnada na solidariedade e na justiça.

Assim Jeremias era até mesmo confundido com outros profetas que não eram da linhagem de lahweh, considerados falsos profetas, por isso era conjurado de morte (Jr 26,11). Isso significa claramente, que nem sempre a realidade captada por Jeremias, revelava a realidade vivida pelo povo (Jr 26,7-9). Pregava contra a cidade e o templo e é hostilizado e posto no cárcere. Neste episódio há indícios de que um processo é aberto contra Jeremias, que de acusador passa a ser acusado. Essa era uma tentativa dos adversários de Jeremias em manipular o povo vassalo de suas ideologias com o intuito de retardar o processo de conversão.

Sua experiência de Deus, nem sempre coincide com a experiência do povo. O povo não consegue assimilar tal atitude de Jeremias diante de seus oráculos tão invasivos, apontando para a derrocada eminente do templo e da cidade. Assim Jeremias tem dificuldade em transmitir os reais desejos de Deus, o que provoca tendenciosa rejeição do povo à sua mensagem, o que era inevitável (Jr 6,16-17; 43,1-2; 44,16ss). Porém, a leitura que Jeremias fazia do cotidiano, não condizia com a forma de pensar do povo. Jeremias propõe que para garantir a sobrevivência era necessário submetesse-se ao rei (Jr 27,12). “Era o momento de submeter-se ao poder estrangeiro; era preciso render-se ao rei caso quisessem alguns Dons do Senhor; templo, cidade, terras” (ABREGO, et al. 2007, p. 89).

Essa rejeição causada pelas duras palavras da mensagem profética é experimentada não só por Jeremias, mas também nos demais profetas de lahweh quando criticam através seus oráculos a administração exploratória e sangrenta de seus reis, sacerdotes e profetas da corte e, como por exemplo, em Miquéias (3,1-5), em Oséias (4,1-10).

No capítulo (Jr 20,1-2), Jeremias é hostilizado pelo sacerdote Fassur, um comissário do templo, que não suporta suas palavras e tenta hostilizá-lo, prendendo-o numa alcova na tentativa de impedir que a mensagem de lahweh ressoe no templo, fazendo prevalecer sua autoridade da corte. Atitude semelhante é sancionada novamente pelas autoridades palacianas na tentativa de calar a vós de Jeremias, por sorte Jeremias é salvo por um funcionário da corte. (Jr 38,6-13).

É uma condenação que poderia levá-lo a morte. A cisterna é uma vala profunda, escura e sem alimentar-se estaria decretada sua morte. Certamente não se trata de um poço que armazena água para matar a sede, mas possivelmente, refere-se a um local depositário de dejetos fecais, com odor insuportável. Essa era a condição real em que Jeremias se encontrava. Este episódio comprova significativamente às promessas de lahweh no prólogo de sua vocação “Não temas diante deles, porque eu estou contigo para te salvar – oráculo de lahweh” (Jr 1,8).

São vários os cenários em que os relatos bíblicos constatarem evidências de torturas e hostilidades afrontadas por Jeremias durante o seu ministério profético. São relatos que narram como Jeremias era rejeitado pela comunidade na atmosfera da vida social, política, econômica e religiosa.

- 11,18 – Jeremias se vê tomado pelo conhecimento de Deus
- 12,6 – Renuncia a própria família que não o reconhecem
- 14,18 – A espada e a fome devoram o povo, não há lugar de segurança.
- 15,10 – Jeremias pede clemência a lahweh por tanto sofrimento
- 17,14-18 – Lamenta com uma prece, seus oráculos não estão produzindo efeitos.
- 18,18-23 – A perseguição a Jeremias continua
- 20,7-13 – Jeremias revela o poder de lahweh e confessa estar seduzido por ele, mas lamenta a violência e a perseguição que sofre.

Nos momentos de crise, quando a situação é delicada, em que tudo parece estar perdido, mesmo quando todas as possibilidades parecem esgotadas, onde não há mais lugar para refúgio, a solução mais provável é recorrer a alguém que possa

dar auxílio. Neste caso, Jeremias haveria de intervir pelo povo junto a lahweh, mas é coibido de mediar junto ao povo (Jr 7,16), decorrente das graves faltas cometidas pelo povo, que não são simples transgressões de uma cláusula. Romperam ao pacto. Abusando da liberdade e esquecendo-se das exigências acordadas na aliança. Quando o povo não aprende com o ensinamento, não cumpre a promessa, o castigo será conforme o pecado.

E lahweh me disse: existe uma conspiração entre os homens de Judá e entre os habitantes de Jerusalém. Eles retornaram às faltas de seus pais, que se recusaram a escutar as minhas palavras: correram atrás de deuses estrangeiros, para servi-los. A casa de Israel e a casa de Judá romperam a minha aliança, que havia concluído com seus pais. Por isso assim disse lahweh: Eis que trarei sobre eles uma desgraça, da qual não poderão escapar, clamarão a mim mais não escutarei. Então as cidades de Judá e os habitantes de Jerusalém clamarão aos deuses, aos quais queimaram incenso, mas não poderão, de maneira alguma, salvá-los, no tempo de sua desgraça! Pois tão numerosos como tuas cidades são os teus deuses, ó Judá! Tão numerosos como as ruas de Jerusalém são os altares que erigistes à vergonha, altares para oferecerdes incenso a Baal. Mas tu não intercedas por este povo e não eleves por eles nem lamentações, nem preces. Sim, não quero escutá-los, quando clamarem a mim por causa de sua desgraça! (Jr 11,9-14).

Os homens de Judá e os habitantes de Jerusalém, desde seus reis, príncipes, chefes de estado, políticos em geral, estavam condenados por lahweh. Eles não recapitulavam mais as prescrições da aliança que outrora foram acordadas com vossos antepassados no Sinai, continuaram cometendo os mesmos erros e os mesmos crimes de outrora, bajularam outras divindades. Mas Deus zela pela sua palavra, enquanto o povo insiste no erro de não ouvir o profeta (Jr 44,16).

O itinerário da vocação profética é um caminho que precisa ser lapidado paulatinamente, doravante a longa jornada a ser percorrida e o profeta como instrumento e sujeito direto da profecia, precisa continuamente reavaliar seus métodos e atitudes, para desenvolver com eficácia sua missão e conseqüentemente dar segurança em suas predições.

Neste sentido, lahweh percebe que Jeremias passa por um momento de crise em sua missão, suas intercessões estão perdendo a eficácia e o formaliza de que precisa imediatamente, passar por um processo de exame de consciência e rever seus procedimentos, para poder retomar sua atividade profética. Não é uma simples reavaliação, mas um processo de conversão, pois, a voz do profeta não pode cessar. Todos agem com bajulação, injúria e difamação contra Jeremias. Famílias

inteiras se ajuntam para transgredirem as prescrições que saem de sua boca. Jeremias proclama que o castigo para os contraventores da aliança, terá o peso de suas transgressões, virá como avalanche, ninguém escapará, desde o maior até o menor, porque todos conspiram contra lahweh.

Assim disse lahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Vós vistes toda a desgraça que fiz vir sobre Jerusalém e sobre todas as cidades de Judá: ei-las hoje em ruínas e sem habitantes! Foi por causa da maldade que cometeram para me irritar, indo incensar e servir deuses estrangeiros, que nem eles, nem vós, nem vossos pais conheciam. E eu vos enviei, constantemente, todos os meus servos, os profetas, para dizer: 'Não façais essa coisa abominável que detesto'. Mas não escutaram nem deram ouvidos para se converterem de sua maldade e não mais incensarem deuses estrangeiros. Então minha fúria e minha cólera transbordaram e abrasaram as cidades de Judá e as ruas de Jerusalém, que se tornaram ruína e solidão, como hoje. Agora, assim disse lahweh, Deus dos Exércitos, o Deus de Israel: Por que causais a vós mesmos um mal tão grande? Ireis exterminar do meio de Judá homens e mulheres, crianças e lactentes, sem que vos subsista um resto, visto que me teríeis irritado com as obras de vossas mãos, incensando deuses estrangeiros na terra do Egito, onde entrastes para nela morardes, trabalhando Assim para o vosso extermínio e tornando-vos um objeto de maldição e zombaria entre todas as nações da terra? Vós me esquecestes das maldades de vossos pais, das maldades dos reis de Judá e da maldade de vossos príncipes, de vossas maldades e das maldades de vossas mulheres, cometidas na terra de Judá e nas ruas de Jerusalém? (Jr 44,2-9).

A idolatria põe em risco a soberania e a exclusividade de lahweh. Para aqueles que almejam a misericórdia de Deus, não existe alternativa. Cabe-lhes a abandonar seus ídolos e aderir aos conselhos do profeta Jeremias, porque lahweh não tolera abominações, adoração a outros deuses que não conhecem. Conseqüentemente, essa era a atitude do povo, que agia aleatoriamente, sem o consentimento de lahweh.

Schökel (2004, p. 635) enfatiza que:

O Senhor vela para cumprir sua palavra, sob esse sinal se inicia a atividade profética de Jeremias, sob o mesmo sinal ela termina. Porque, apagada dos lábios a invocação do nome de lahweh, permanece, contudo, de pé uma palavra que atravessa o tempo para realizar no seu momento devido. Ainda que queimem o solo, ainda que o profeta se queime na sua missão, ainda que o nome do senhor não mais ecoe, a sua palavra se realiza (SCKÖKEL, p. 635; Is 40,8).

Sobre o bem e o mal, Jeremias intervém, no sentido de corrigir a atitude pecaminosa do povo. Por isso é submetido às extremas exigências de Iahweh a fim de combater o poder opressor e libertar o povo acometido pela opressão. Sua vida pessoal está comprometida com a vocação profética, que o exigia renunciar do direito de constituir família através do matrimônio, deveria o profeta levar sua vida dedicada ao celibato. Não podia velar pelos mortos e sentar-se ao banquete com os convidados (Jr 16,1-9; Ez 24,15-27), isto significa que o profeta era privado dos desejos mais elementares de sua vida como, casar, ter filhos e constituir uma família.

O destino da vocação surpreende até mesmo Jeremias, que ao longo de sua vida, percebe que seu destino era viver exclusivamente para Iahweh. Uma vida em defesa das classes mais pobres e humildes. Como ser humano comum, Jeremias queixa-se de cansaço. Tornou-se vítima de opróbrio, sente-se abandonado até mesmo por Iahweh (Jr 8,18-23). Por causa de tua palavra diz o profeta; deixei de viver a minha própria vida (Jr 20, 12). Sou vítima de escárnio e zombarias (Jr 20,7), renega sua própria existência (Jr 20,14). Portanto, a intenção de Jeremias com seus oráculos críticos, advertências, castigos e punição, era no sentido para que o povo pudesse resgatar a confiança e a comunhão esponsal em Iahweh, converter-se à aliança rejeitada.

Se te converteres Israel – oráculo de Iahweh -, se te converteres a mim, se afastares teus horrores de minha presença e não vagares mais, se jurares pela vida de Iahweh na verdade, no direito e na justiça, então se abençoarão nele as nações e nele se glorificarão! (Jr 4,1-2).

### 3.3 A PROFECIA EM DEFESA DOS POBRES DE IAHWEH

Os relatos bíblicos dos profetas do Antigo Testamento nos apresentam múltiplas referências que marcaram a história e a vida do povo de Deus. A inserção do povo de Deus na história é marcada a partir da experiência do Êxodo. O povo caminha duramente pelo deserto até chegar à terra da promessa. As fontes bíblicas revelam uma caminhada construída à base de muitas lutas, às vezes sangrentas, com extremas dificuldades e sofrimentos, mas apesar dos contratemplos e das arengas com seus líderes, lutavam pela unidade e sobrevivência. A tradição bíblica

nos revela ainda que são indivíduos economicamente empobrecidos e socialmente marginalizados (2 Rs 25,12).

Em uma análise mais concisa é possível detectar que esses grupos eram formados por pequenos camponeses agricultores que cultivavam a terra com a produção agrícola e cuidavam também de pequenos rebanhos, portanto, desempenhavam papel economicamente relevante nas sociedades do antigo Israel e em Judá.

Frizzo (2011) faz uma abordagem minuciosa e relevante sobre a sociedade em que atuavam esses grupos e, classificam-os como uma tríade sociológica, caracterizada pela categoria da viúva, do órfão e do estrangeiro, grupos que viveram em épocas distintas nas sociedades bíblicas. Esses grupos faziam parte da classe social mais vulnerável da sociedade. São vítimas da exploração e violação dos direitos essenciais para a vida humana. Lutavam para superar as desigualdades sociais e a violação do direito e da justiça, impostos pelos grupos que controlavam o sistema político e econômico vigente. Assim poder-se-á evidenciar na categoria da viúva, do órfão e do estrangeiro, os notáveis pobres de lahweh. Esses grupos reivindicavam justiça e direitos, para assegurar sua sobrevivência como: trabalho, comida, terra e liberdade. O pobre de lahweh é encontrado às margens da sociedade. É o lado oposto da aristocracia formada por indivíduos truculentos e opressores. No Deuteronômio 8,7-10, lahweh apresenta um projeto para que não haja pobre em Israel.

Eis que lahweh teu Deus vai te introduzir numa terra boa: terra cheia de ribeiros de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel; terra onde vais comer pão sem escassez – nela nada te faltará!. – terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre. Comerás e ficarás saciado, e bendirás a lahweh teu Deus na terra que ele te dará (Dt 8,7-10).

Os pobres de lahweh são os habitantes e herdeiros da terra. A posse da terra vai lhes garantir a superação da violência e seus direitos respeitados, uma vez que o pobre sem terra, sem lar e sem pátria é vítima da espoliação de grupos politizados ligados aos grandes proprietários de terras. Contavam com o poder público central para vindicar a jurisprudência, de sorte que a finalidade do rei era assegurar o direito e a justiça aos mais fracos e marginalizados com os recursos da lei (SI 72,2). Para fugir da perseguição, da opressão e garantir sua subsistência, o pobre era obrigado

a entregar suas terras e deixar sua pátria. O pobre ou pessoas socialmente empobrecidas são vítimas da disfunção social impetrada pelo descaso do poder político reinante.

Os pobres de lahweh, conhecidos nos relatos bíblicos do Antigo Testamento eram vítimas eminentemente de opressão, perseguição, desprovidos do direito e da justiça. Eram presas fáceis de potenciais assassinatos (Is 1,21), latrocínios (Is 1,23), dentre essas vítimas destaca a viúva que não conta com a proteção do marido, o órfão que também não tem a tutela do pai e o estrangeiro que também foi expulso de sua pátria-mãe, a ponto de hipotecar seus bens e propriedades para pagar dívidas. Agora está nas mãos dos grandes mercadores e vivem a mercê da exploração de seu trabalho. Ninguém se responsabiliza socialmente pela situação degradante dessa gente.

À luz da Aliança, o povo pobre de lahweh, era um povo especial como propriedade peculiar de lahweh (Ex 19,5-6). Por isso são eminentes herdeiros de uma terra prometida por herança, onde possam desenvolver a agricultura, constituir famílias e tornar o povo santo de lahweh, que terá como herança a terra como foi prometida (Ex 6,7-8). O povo de Deus é qualificado como o “povo da terra”, o camponês que vive do cultivo da terra da qual lahweh chama de “meu povo”, vê o seu sofrimento e ouvi seus clamores “Eu ouvi o clamor do meu povo” (Ex 22,21-23). Não é um povo pobre por natureza, mais um povo socialmente empobrecido.

Se há de um lado um povo empobrecido, vítimas da violência, da opressão, da exploração, da corrupção e de assassinatos, por outro lado é possível detectar o contraste da situação, representados por grupos de indivíduos opulentos, inescrupulosos, opressores, assassinos, ladrões, usurpadores e falsificadores. “o prejuízo que isso lhes acarretava podemos estendê-lo desde a perda das posses, da liberdade ou imposição de multas, até declaração de culpa em caso de assassinio” (SICRE, 2011, p. 310). Portanto, é possível deduzir que, a raiz de todo o mal e violência, emerge do coração insensato do ser humano e das estruturas hipócritas da sociedade, que tem como mola propulsora, praticar barbáries que se desemboca na cobiça, na ganância e na prepotência.

Naquele dia, o senhor despojará do adorno dos anéis dos seus tornozelos, das testeiras e das lunetas, dos pingentes, dos braceletes e dos véus, dos diademas, dos chocalhos, dos cintos, das caixinhas de perfumes e dos amuletos, dos anéis e dos pendentes do nariz, dos

vestidos de festas, das capas, dos xales e das bolsas, dos espelinhos, das camisas, dos turbantes e das mantilhas (Is 3.18-21).

Sicre (2011, p. 314) afirma:

Da mesma forma que Amós, duas instituições considera Isaias especialmente responsáveis: o culto e a administração da justiça. A primeira, porque desvia a atenção do essencial para o acessório, do desejo de preocupar-se com o necessitado para busca da espiritualidade estéril.

A impunidade à classe dominante, políticos corruptos, administradores desconexos com a realidade do pobre, explica por que não há interesse na prática da justiça em prol da situação estridente dos pobres de lahweh. Os oráculos de Jeremias que se referem à crítica social são bastante contundentes a esse respeito

Sim, encontram-se ímpios em meu povo, eles estão à espreita, como passarinhos que se agacham, eles montam armadilhas, e caçam homens. Como gaiola cheia de pássaros, assim suas casas estão cheias de rapina. Por isso tornam-se grandes e ricos, gordos e reluzentes. Ultrapassam, até os limites do mal; não respeitam o direito, o direito dos órfãos e, todavia, têm êxito! E não fazem justiça aos indigentes. Acaso não castigarei por causa destas coisas – oráculo de lahweh – ou não me vingarei de nação como esta? Coisa horrível e abominável aconteceu nesta terra: os profetas profetizaram mentiras, os sacerdotes procuram proveitos. E meu povo gosta disto! Mas que farei quando chagar ao fim? (Jr 5, 26-31).

Assim como em Isaias (5,11-13), relevante também é a questão dos que lutam por direito e justiça em Amós (6, 4-6). As matizes desses relatos expressam relativas congruências em seu conteúdo. O povo pobre, principalmente os grupos mais perseguidos da sociedade, a viúva, o órfão e o estrangeiro, estavam totalmente desguarnecidos da assistência jurídica.

Segundo Sicre (2011, p. 321):

Com a lei na mão pode se fechar o coração a órfãos e viúvas, acumular casas e campos, defraudar os pobres, forçar o processo. Não porque a lei o deseje, mas porque muitas vezes não leva em conta todos os casos possíveis de opressão e outras vezes impotente diante deles.

Jeremias descreve acintosamente a dura situação do povo.

Que elas se apressem e cante sobre nós uma lamentação! Que nossos olhos derramem lágrimas, e nossas pálpebras deixem correr água. Sim, foi ouvida uma lamentação em Sião: 'Como estamos aniquilados, cobertos de vergonha! Porque tivemos de abandonar a terra, porque destruíram as nossas moradias'. Escutai, pois, mulheres, a palavra de lahweh, que vosso ouvido receba a palavra de sua boca; ensinai as vossas filhas o pranto, e cada uma à sua vizinha o canto de lamentação (Jr 9,17-19).

O povo oprimido está cansado pelos maus tratos de seus opressores e chora amargamente por indignação. O Salmo 137 reflete e introduz uma solene lamentação sobre a situação difícil experienciada pelo povo despatriado. Já não há mais brilho em vossas faces, todas as esperanças foram destruídas, são humilhados pelos seus opressores que exigem alegria. Apesar do sofrimento, o povo desolado demonstra fidelidade ao seu Deus e a pátria mãe.

Junto aos canais de Babilônia nos sentamos e choramos com saudades de Sião. Nos salgueiros do seu recinto pendurávamos nossas cítaras. Aí os que nos deportaram nos convidavam para cantar, nossos opressores e diverti-los: "Cantai-nos um cântico de Sião". Como cantar um canto do Senhor em terra estrangeira? Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que minha direita fique esquecida, que minha língua se pregue ao paladar se não te recordar, se não exaltar Jerusalém como ápice de minha alegria (Sl 137, 1-6).

Os rios de Babilônia para os pobres de lahweh significam perda de referência, do seu habitat, suas terras, seus bens, o santuário onde podiam adorar a Sião, mas não a perda da esperança. Por isso não antecipam a entrega de seus instrumentos de trabalho aos soldados do rei, penduram nos salgueiros, sinal de esperança. O povo chora amargamente, mas não esquecem suas origens e faz um juramento: Jerusalém a cidade-mãe jamais será esquecida, prova de amor e fidelidade a Sião. O esquecimento para eles pode ser fonte de deslealdade ao seu Deus. Por isso apesar dos sofrimentos, mantém a esperança que um dia possam retornar à suas origens. Os salgueiros, diz Santo Agostinho referindo-se ao salmo 137: são árvores infrutíferas que arborizam as margens do rio de Babilônia. Assim são os soldados do rei, não produzem outra coisa senão maldade, pois, alimentam-se com a desgraça alheia.

O povo fica assentado às margens do rio de Babilônia. São humilhados e desterrados, pois, perderam sua segurança, suas terras e sua agricultura. A alegria deles era viver harmoniosamente com seus familiares, no seio do seu clã, na sua terra de origem, mas esta alegria deu lugar às tristes lembranças da sua cidade

natal e da sua pátria-mãe. Já não há mais estímulos para celebrar com cânticos a Sião. Seus opressores provocam incitando-lhes para cantar, mas permanecem paralisados, de voz emudecida, sem ousar alguma palavra, às margens do rio. São estrangeiros em pátria desconhecida. Ficar às margens, significa precaução, não embarcar nas aleivosias de seus malfeitores.

Isaias se refere a Jerusalém como cidade da alegria, jovial com suas festas, seus vinhos, suas músicas. Os deportados eram pessoas alegres e festivas, levam consigo, sua cultura, sua liturgia, pois muitos eram cantores, músicos e instrumentistas, animavam a cidade. Babilônia é tida como a cidade do terror, da hostilidade, representada pela truculência de seus exércitos e soldados. Sem os ilustres personagens de Jerusalém, a cidade fica sem vida, sem brilho. Assim Isaias vê a cidade de Deus.

O vinho perde a força, a videira desfalece, gemem os corações alegres, cessa o alvoroço dos pandeiros, termina o bulício dos que se divertem, cessa o alvoroço das cítaras. Já não bebem o vinho entre canções, e a bebida é amarga para quem a bebe. A cidade desolada se arruína, as entradas das casas estão fechadas, há lamentos pelas ruas porque não há vinho, as festas se apagaram, o alvoroço foi desterrado do país. Na cidade só restam escombros e a porta está ferida de ruína (Is 24, 7-12).

A natureza social dos pobres de lahweh era qualificada pelo seu estado de privação degenerativa. Seus direitos às necessidades físicas (material) e a defesa jurídica, eram confiscada. Sofriam mais os conhecidos socialmente como o indigente, o inocente, fraco ou enfraquecidos pelo sistema, vítimas do opróbrio.

A crítica de Jeremias mostra que os vestígios dos crimes praticados por criminosos inescrupulosos estão por toda a parte.

Como dispuseste bem o teu caminho para procurar o amor! Por isso também com os crimes familiarizaste os teus caminhos. Até nas orlas de tua roupa encontra-se o sangue dos cadáveres dos pobres inocentes, não surpreendidos no ato de roubar! Mas apesar de tudo isso dizes: “Eu sou inocente, certamente sua ira vai afastar-se de mim”. Eis que te julgarei, porque dizes: “Eu não pequei” (Jr 2,33-35).

Para os delinqüentes e impiedosos administradores do palácio, não era difícil seduzir os pobres de lahweh, pois, ficavam a espreitas para atacá-los, porque para eles lahweh não puniria com sua ira (Jr 8,8). Facilmente dominados pelos ricos afortunados, os pobres e oprimidos caíam aniquilados e extenuados. A denúncia de

Amós incorrerá também sobre o aspecto da criminalidade praticada contra os pobres e injustiçados de lahweh.

Por que vendem o justo por dinheiro e o indigente por um par de sandálias. Eles esmagam sobre o pó da terra a cabeça dos fracos e tornam torto o caminho dos pobres; um ser humano e seu pai vão à mesma jovem para profanar o seu santo nome. Eles se estendem sobre vestes penhoradas, ao lado de qualquer altar, e bebem vinho daqueles que estão sujeitos a multas, na casa de seu deus. Mas eu destruíra diante deles o amorreu, cuja altura era como a altura dos cedros, e que era forte como os carvalhos! Destruí seu fruto por cima, e suas raízes por baixo! E eu os fiz subir da terra do Egito e vos conduzi pelo deserto, durante quarenta anos, para tomar posse da terra do amorreu! (Am 2, 7-10).

A crítica social percebida em Jr 2,33-35 e em Am 2,7-10, condena a banalização da justiça frente à dignidade da vida humana. Reprova a violação da lei e conseqüentemente o comportamento criminoso das autoridades.

As privações materiais e as dificuldades conseqüentes estão intimamente associadas à opressão social. Em muitos casos a aflição exterior provoca uma aflição interior, que faz brotar um grito de pedido de ajuda a Deus (HARRIS, et al. 1998, p. 1146).

É Um grito efêmero que será escutado por lahweh e não gritarão mais de angustia, revolta, sofrimento, dor e luto. Serão gritos de: liberdade (Jr 31, 11), “alegria” (Jr 31,12) e esperança (Jr 31, 17). Porque, diz lahweh:

Eu te construirei de novo e serás reconstruída, Virgem de Israel. De novo te enfeitarás com os teus tamborins, sairás em meio a danças alegres. De novo plantarás vinhas sobre as montanhas da Samaria (os plantadores plantarão e colherão). Sim virá o dia, em que os vigias gritarão sobre a montanha de Efraim: “De pé! Subamos a Sião, a lahweh nosso Deus” (Jr 31, 4-6).

### 3.4 IAHWEH, UM DEUS QUE CAMINHA JUNTO DO POVO

lahweh um Deus que cria

Jeremias é designado profeta antes mesmo da sua própria existência. Recebe as três qualificações inerentes de um profeta de Deus. ‘Antes de te formar

no ventre eu te escolhi, antes de saíres do seio materno eu te consagrei e te nomeei profeta dos pagãos (Jr 1,5). Deus é um Deus criador.

Assim diz Deus, o Senhor Deus, que criou e estendeu o céu, firmou a terra com sua vegetação, deu o alento ao povo que nela habita, e a respiração aos que nela se movem. Eu, o Senhor, te chamei para a justiça, e te tomei pela mão, e te formei, e fiz de ti aliança de um povo, luz das nações. (Is 42,5,6).

Iahweh apresenta seu ungido, chama-o, toma pela mão, dá as orientações e aplica a tarefa que o enviado terá que executar, tira-o do anonimato com uma finalidade, ser mediador da aliança e promotor da justiça. Isaías 42, 6, remonta um paralelo com o relato da vocação de Jeremias em 1, 4-10, quanto a nomeação profética versada sob a dimensão universal que ela exige. Ser profeta para as nações implica ultrapassar as fronteiras da própria vontade humana. É conduzido a realizar não a sua vontade, mas a vontade de Deus. O Deus que forma, conduz e envia é o mesmo que cumpre a promessa.

Iahweh um Deus que promete

Jeremias terá que confiar na palavra de Iahweh, que promete estar sempre por perto. Porque aquele que foi enviado e ungido, para falar em nome de Iahweh, terá a garantia de estar protegido do inimigo “Não temas diante deles, porque eu estou contigo para te salvar” (Jr 1,8). O mesmo Deus fará com Abraão, será fiel em sua promessa.

Juro por mim mesmo – oráculo do Senhor -: por teres agido assim, por não teres poupado teu filho, teu filho único, eu te abençoarei, multiplicarei teus descendentes como as estrelas do céu e como a areia da praia. Teus descendentes conquistarão as cidades de teus inimigos. Todos os povos do mundo serão abençoados nomeando a tua descendência, porque me obedeceste (Gn 22,16 -18).

Em lugar de resistência diante do chamado divino, o homem enfrenta uma situação que colocará à prova sua experiência humana ao reagir diante da proposta de Deus. A recompensa é que Iahweh cumpre a promessa, cuja palavra é como a chuva que cai, não volta sem antes produzir o efeito esperado. Àquele cuja palavra foi aceita e apreendida, será emancipado com prestígio de Iahweh.

Farás o que o Senhor teu Deus aprova e considera bom; assim, tudo correrá bem para ti, entrarás e tomarás posse dessa boa terra, que o Senhor prometeu a teus pais (Dt 6,18). tirou nos daí, para nos trazer e nos dar a terra que havia prometido a nossos pais (Dt 6, 23).

Portanto, Deus aprova a atitude do ser humano, quando este pratica o que foi revogado no pacto. Por conta disso, o Senhor não abandona seu povo. Sua promessa consiste em livrá-lo da situação alienante e da escravidão, com a pretensão de fazê-lo uma nova humanidade e uma sociedade nova, legitimando assim sua autoridade libertadora. Neste sentido, lahweh, o Deus dos esquecidos, tem compaixão, se comove com o sofrimento de seu povo e desce para junto resgatar das mãos do opressor e colocá-lo em situação de segurança e conforto.

lahweh um Deus que liberta e resgata

lahweh será como um escudo para Jeremias. Mesmo que as vicissitudes deparadas em sua vocação tentassem derrotar, nada seria possível, porque a presença de Deus será infalível em sua missão “eu estou contigo para te livrar” (Jr 1,19). Moisés receberá a mesma bênção, porque quando o povo de Deus está em apuros ele sempre aparece para libertá-lo.

E desci para livrá-los dos egípcios, para tirá-los desta terra e levá-los a uma terra fértil e espaçosa, terra que mana leite e mel (Êx 3,8). Cumpridos os quatrocentos e trinta anos, os esquadrões do Senhor saíram do Egito, no mesmo dia. Noite em que o Senhor vigiou para tirá-los do Egito: noite de vigília para os israelitas, por todas as gerações (Êx 12, 41- 42). E Moisés disse ao povo: Lembra-te deste dia em que saíste do Egito, da escravidão, quando com a mão forte o Senhor vos tirou daí (Êx 13, 3). O Senhor fez que o faraó se empenhasse em perseguir os israelitas, enquanto estes saíam ostensivamente (Êx 14,8), guiaste com tua lealdade o povo que havia resgatado, levaste-o com teu poder até tua santa morada (Ex 15,13).

O Egito representa para o povo de Deus, sofrimento e escravidão. A ação libertadora de Deus tem precedentes no grito de socorro de seu povo. Quando o perigo ameaça a vida do povo, Deus se projeta nele atenuando o grito por auxílio. Em meio às dificuldades e sofrimentos a liberdade parece castigo, mas o profeta esta junto para atenuar os ânimos e espera até que a intervenção de Deus se consolide. “é bom esperar em silêncio a salvação do Senhor” (Lm 3,26). Mas para a

caminhada é bom que a mochila esteja leve. Não é necessário enchê-la de provimento. O inimigo vem logo atrás a espreita.

Não acompanharás a comida com pão fermentado. Durante sete dias comerás pães ázimos (pão de aflição), porque saíste do Egito apressadamente; assim recordarás por toda vida tua saída do Egito. Durante sete dias não encontrará fermento em todo o teu território. Da carne imolada na tarde do primeiro dia, não sobrá nada para o dia seguinte. Não podes sacrificar a vítima pascal em qualquer um dos povoados que o Senhor teu Deus te dará. Somente no lugar que o Senhor teu Deus escolher para morada do seu nome. Aí, ao entardecer, sacrificarás a páscoa ao pôr-do-sol, hora em que saíste do Egito (Dt 16,3-6).

Se a caminhada era longa e penosa, não se permitia levar muita bagagem, só o necessário de provimento. Era preciso acreditar na promessa divina, pois, toda mudança requer adaptações, adequações de hábitos e costumes. O caráter festivo parece renovar as esperanças e a consciência que a liberdade está próxima. A reunião do povo de Deus não se dará mais em qualquer lugar, mas no santuário sagrado escolhido para celebrar a unidade do povo de Deus. O camponês celebrará a abundante colheita numa terra farta. O estrangeiro, a viúva e o órfão, o curvado, o humilhado, todas as classes sociais principalmente os mais necessitados compartilharão da festa.

lahweh um Deus que ordena

A ordem de lahweh a Jeremias é para que ele se prepare para a batalha. Cingir significa colocar o cinto e colocar-se de prontidão para a missão. “E tu cingite, de pé, dize-lhes o que eu te ordeno” (Jr 1,17). O profeta não pode aplacar em sua própria segurança, não obstante lahweh é quem ordena e promete segurança. Cabe ao profeta executar a ordem.

Cumpra o que hoje te mando, e tirarei diante de ti, amorreus, cananeus, ferezeus, heveus e jebuseus (Êx 34, 11), porque são meus servos a quem tirei do Egito, e não podem ser vendidos como escravos (Lv 25, 42). Também nos dias de festa, solenidades e começo de mês, tocareis a trombeta, anunciando os holocaustos e sacrifícios de comunhão. E o vosso Deus se lembrará de vós. Eu sou o Senhor vosso Deus (Nm 10, 10).

Em Jeremias 1,17, a palavra de ordem de lahweh ressoa como um mandato irrecusável. Quando o profeta veste a túnica para o trabalho, não pode ficar acuado. A luta é incessante, não sabe o que o aguarda pela frente. A trombeta do sacerdote acena para o que vai acontecer, mas a trombeta de lahweh anuncia a ordem para a batalha, mas ele estará sempre à frente para proteger, mesmo que o caminho seja longo.

lahweh um Deus que guia

Esta é a atividade de Deus. Com Jeremias, lahweh estende a mão (1,9), orienta o profeta e o povo por caminhos que sobressaem às dificuldades. Jeremias foi guiado pelos ensinamentos de lahweh, principalmente nos momentos de maior aflição e temor em sua missão. Quando o povo de Deus está em dificuldades, ele se apresenta para livrá-lo de uma catástrofe ainda pior. Não bastasse dar ordens, Deus também guia o povo por caminhos nunca vistos, pois a jornada é longa e representa perigo. A presença de Deus na caminhada é simbolizada pela nuvem e pelo fogo, sinais de bênção e vigilância constante.

Quando o faraó deixou o povo partir, Deus não os guiou pelo caminho da Palestina, que é o mais curto, pensando que se arrependeriam se fossem atacados, e voltariam ao Egito. Por isso Deus fez que o povo descesse uma volta pelo deserto rumo ao mar vermelho. Os israelitas tinham saído do Egito bem armados. Moisés tomou consigo os ossos de José, como ele fizera os israelitas jurar: 'Quando Deus vos visitar, levareis daqui meus ossos'. Partiram de Sucot e acamparam em Etam, à margem do deserto. O Senhor caminhava diante deles, de dia numa coluna de nuvens para guiá-los, de noite numa coluna de fogo, para iluminá-los; assim podiam caminhar dia e noite (Êx 13, 17-21).

Em meio a obscuridade da missão, no caso da vocação de Jeremias, que questiona sua própria imaturidade (Jr 1,6), lahweh não admite refuta nem vacilo. É preciso reagir ao chamado, pois, aquele que leva o nome do Senhor que diz: "Eu sou", pode se sentir seguro porque ele será também "Sou contigo" (Jr 1,19). O povo no deserto da vida será guiado pela presença constante de Deus, de dia e de noite. É preciso agir e reagir diante do chamado, sem rodeios e ter a certeza de que Deus será perseverante em sua promessa.

Recorda o caminho que o Senhor teu Deus te fez percorrer nestes quarenta anos pelo deserto, para afligir-te, para pôr-te à prova e conhecer tuas intenções, se guardas ou não seus mandamentos. Ele te afligiu, fazendo-te passar fome, e depois te alimentou com o maná – que tu não conhecias nem teus pais conheceram - para ensinar-te que o homem não vive somente de pão, mas de tudo o que sai da boca de Deus. Tuas vestes não se gastaram, nem os teus pés se incharam durante esses quarenta anos, para que reconheças que o Senhor teu Deus te educou como um pai educa seu filho; para que guardes os mandamentos do Senhor teu Deus, sigas seus caminhos e os respeites. (Dt 8, 2-6).

É em meio às vicissitudes de sua missão, que Jeremias vai adquirindo experiência de Deus. É em meio às dificuldades e sofrimentos pelo deserto que o povo faz experiência de Deus. Quarenta anos pelo deserto, retoma as quatro décadas da difícil caminhada de Jeremias em sua missão. O que era conhecido interior, agora é revelado na experiência com Deus, no cotidiano da vida diária. Iahweh é um Deus complacente, que guia, protege, dá forças e descanso como o salmista descreve:

O Senhor é meu pastor, nada, me faltará. Em verdes prados me faz repousar, para fontes tranqüilas me conduz e restaura minhas forças; guia-me por sendas oportunas, como seu nome o pede. Ainda que eu caminhe por vales escuros, nada temo: tu vais comigo; tua vara e teu cajado me sossegam (Sl 23,1-4). Fizeste me passar perigos numerosos e graves. De novo me farás reviver. Das profundezas da terra, de novo me levantarás; farás crescer com minha dignidade e voltarás a consolar-me (Sl 70, 20 - 21).

Todavia, quando o ser humano se abre para Deus, o que mais se pode esperar é confiar paciente na sua autoridade paternal. Em Jeremias 23, 4, Deus envia profetas idôneos para conduzir o povo no caminho da justiça. Nesta perspectiva, Deus vincula o profeta a três tarefas essenciais para a missão; conduzir, restaurar e guiar.

#### **4. CONFRONTO COM AS CLASSES POLÍTICA, ECONÔMICA E RELIGIOSA**

Neste capítulo, os relatos da atividade profética de Jeremias são claro em mencionar que ele é um profeta designado as nações (Jr 1, 5). Isso implica que sua missão não está delimitada por fronteiras. O cenário de sua vocação será desafiador e o confronto com as autoridades políticas, econômicas, religiosas será inevitável. Uma abordagem sobre o profetismo será imprescindível para dar parâmetros e linhagem para distinguir quando um profeta é verdadeiro ou falso. Suas críticas atingirão a todos, do menor ao maior. Seu embate mais contundente, certamente será contra as ações truculentas e hostis de seus oponentes adversários. No âmbito político, o agravo será contra os reis, juízes e príncipes, responsáveis por ações opulentas, submetendo os pobres a altos encargos tributários. Jeremias não poupará a classe econômica, representada por nessa tríade social pelos proprietários de terras. Concomitantemente, Jeremias faz duras críticas ao sistema religioso, composto por sacerdotes e profetas que trabalhavam no templo como funcionários do rei. É importante salientar que essa tríade social; política, econômica e religiosa, formava uma simbiose administrativa. Jeremias lembra que todos serão responsabilizados por seus crimes e passarão pelo crivo do castigo de lahweh.

##### **4.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DA ATIVIDADE PROFÉTICA DE JEREMIAS**

Para compreender melhor o contexto histórico da vida e da atividade profética de Jeremias é necessário fazer uma retrospectiva do momento histórico da sua época, que foi bastante marcado pela transição política que ocorreu durante quatro décadas de seu ministério, compreendido entre o período de 626/586 a.C. De acordo com as fontes bíblicas e extra-bíblica, podemos considerar dois períodos distintos, entre luzes e sombras para o mundo político, econômico e religioso da época.

O primeiro deste período data de (640/609 a.C), quando Josias sucede Amon (642/640 a.C) e governa por um período de trinta e um anos. Este período abre perspectivas de otimismo, prosperidade e amadurecimento para a reforma política e

religiosa em Judá. Josias é o único rei que Jeremias faz boas referências e vê perspectivas de esperança e mudança (Jr 22,15). Numa situação de perigo e violência, Jeremias é salvo da morte, pelas mãos de Aicam, filho de Safã da família de Josias (Jr 26,24). Mas em 609 a.C esse ciclo promissor do reinado de Josias é interrompido por ocasião de sua morte.

O segundo período é marcado por sucessivas perseguições políticas. O reino de Judá está sob o domínio de duas potências militares, de um lado o Egito e de outro a Babilônia. Este é um período caracterizado por fortes tensões e sucessivos conflitos internos e externos, disputas políticas, descompromissado com as questões sociais e religiosas que são inevitavelmente corrompidas.

A partir daí a população fica vulnerável, caminha como em terra sem lei e povo sem governo. Mais tarde por volta de 586 a.C, Jerusalém é tomada como refém pela Babilônia e Judá sofre com o golpe e chega a seu fim. Este período de 609/586 a.C, foi governado por cinco reinados sucessivos de Josias a Sedecias, explicitado em seqüência.

Com a morte de Josias, sucede o trono seu filho Joacaz, que governa por um breve período de três meses, quando é destituído pelo faraó Neco. Seu sucessor é Joaquim, homem inescrupuloso, tirano, subversivo, que reinou durante onze anos (609/598 a.C), pelo qual Iahweh repudia veementemente seu governo “Ainda que fosse um anel em minha mão direita, eu te arrancaria de lá” (Jr 22,24). Subordinado ao faraó Nabucodonosor rei da Babilônia, o rei Joaquim não aceita a imposição de pagar impostos. Não houve tempo de Joaquim ser punido pelo faraó, pois, no ano de 598 a.C, segundo alguns historiadores, foi assassinado por adversários políticos. Jeconias assume o poder, mas seu reinado dura pouco tempo, apenas três meses.

Os babilônios tomam Jerusalém e faz a primeira deportação. Dentre os deportados está Jeconias. Nabucodonosor nomeia Sedecias, terceiro filho de Josias. Seu governo também é marcado por conturbações políticas que vinculado politicamente ao rei da babilônia, também se recusa a pagar impostos. A guerra é eminente, Jerusalém é novamente cercada pelas tropas guerrilheiras de Nabucodonosor, que manda o oficial da guarda atacá-los. Sedecias foge com seus militares, mas a fuga não foi tão longe, logo foram capturados pelas forças militares do faraó e levados à presença do rei. A repressão é cruenta, o rei fura os olhos de Sedecias, degola seus filhos, manda atear fogo nas casas, nos templos e palácios (2 Rs 25,1-21).

#### 4.1.1 O CENÁRIO DE SUA VOCAÇÃO E MISSÃO

O cenário da missão/vocação de Jeremias não é nada animador. A submissão de Judá ao domínio do rei babilônico, a imposição de altos encargos tributários e a opressão ao povo, torna insustentável a convivência humana e a vida da sociedade. O modelo político era catastrófico para as classes mais pobres.

O poder político, econômico e religioso, representado pelos reis, juízes, sacerdotes, falsos profetas e funcionários da corte, constituía a elite dos administradores incompetentes, corruptos e opressores, pois eram eles que controlavam a vida do povo em Judá. Por isso, a intervenção dos profetas, no caso de Jeremias, era iminente. As palavras esmiuçadoras de lahweh interpelam a Jeremias: ajustar o cinto e coragem para a batalha. Não há como recuar, pois, lahweh coloca Jeremias como escudo imbatível, diante do inimigo que está à espreita.

Mas tu cingirás os teus rins, levantar-te-às e lhes dirás tudo o que eu te ordenar. Não tenhas medo deles, para que eu não te faça ter medo deles. Quanto a mim, eis que te coloco, hoje, como uma cidade fortificada, como uma coluna de ferro, como uma muralha de bronze, diante de toda terra: os reis de Judá, os seus príncipes, os seus sacerdotes e todo o povo da terra. Eles lutaram contra ti, mas nada poderão contra ti, porque eu estou contigo – oráculo de lahweh – para te libertar (Jr 1,17-19).

Nenhuma argumentação por parte do profeta é aceita por lahweh, portanto, cingir os rins, significa o mesmo que amarrar o cinto, aderir ao projeto de lahweh e prestar com fidelidade ao ofício. Pois o profeta é um mensageiro itinerante de lahweh. Deve estar preparado para a viagem, para o combate, o enfrentamento, a perseguição e o ataque do inimigo. lahweh faz três comparações, pela qual Jeremias é posto diante de seus inimigos: muralha de bronze, cidade fortificada e coluna de ferro. Diante do inesperado, Jeremias não deve temer, mas confiar na promessa divina, a fuga certamente, não será a melhor solução diante da gravidade do problema. A interpelação de lahweh não se detém, era preciso que sua palavra ecoasse diretamente aos ouvidos de seus intervenientes e Jeremias é mais uma vez intimado.

Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém: Assim disse lahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, em uma terra não cultivada. Israel era santo para lahweh, as primícias de sua colheita: todos aqueles que o devoravam tornavam-se culpados, a desgraça caía sobre eles – oráculo de lahweh (Jr 2,2-3).

Na incumbência do chamado, Jeremias caminha na contramão do sistema organizado. O que era antes uma missão não desejada por Jeremias, agora se tornou realidade. Sua luta está vinculada ao projeto libertador de lahweh, que precisa resgatar o seu povo. Eles se tornaram rebeldes e se afastaram dos olhos de lahweh, desprezam sua justiça e praticam maldades. A dureza de coração do povo rebelde é comparada ao bronze e ferro.

Eles são todos completamente rebeldes, semeadores de calúnias, duros como bronze e ferro, são todos eles destruidores. O foleiro sopra, pelo fogo o chumbo e devorado, em vão trabalha o fundidor. As escórias não se desprendem “Prata de refugo”, chamam-nos porque lahweh os rejeitou! (Jr 6, 28-30).

A resistência do povo em aderir ao projeto libertador de lahweh, ficou cada vez mais difícil de ser quebrada. Jeremias terá um trabalho muito árduo, comparado ao do fundidor que trabalha para restaurar uma peça. O povo se recusa a retomar o caminho civilizado.

Como dispuseste bem o teu caminho para procurar o amor! Por isso, também com os crimes familiarizaste os teus caminhos. Até nas orlas de tua roupa encontra-se o sangue dos cadáveres dos pobres inocentes, não surpreendidos no ato de roubar! Mas apesar de tudo isto dizes: “Eu sou inocente, certamente a sua ira vai afastar-se de mim”. Eis que te julgarei, porque dizes: “Eu não pequei” (Jr 2,33-35).

Converter o povo a uma sociedade mais humana, onde a justiça pudesse ser praticada, para resguardar o direito dos últimos e não para avalizar atitudes criminosas, era sem dúvida, o melhor caminho para restabelecer o amor benevolente de lahweh. No entanto, Jeremias vê que para a maldade do povo, não há antídoto e que ele próprio se julga estar doente, cansado pelo fracasso de seus oráculos e numa prece clama ao Senhor.

Cura-me, lahweh, e serei curado, salva-me e serei salvo, porque tu és meu louvor! Eis que eles me dizem: Onde está a palavra de lahweh? Que ela se realize. Eu não me achei a ti para o mal e não desejei o dia fatal, tu o sabes; o que sai de meus lábios está aberto diante de

ti, não sejas para mim motivo de pavor, tu que és meu refúgio no dia da tribulação. Que se envergonhem os meus perseguidores, mas que eu não me envergonhe! Que eles sejam amedrontados, mas que eu não seja amedrontado! Faze vir sobre eles o dia da tribulação; com dupla destruição, destrói-os! (Jr 17, 14-18).

Diante da crise de sua vocação, Jeremias pede auxílio a Iahweh e clama por justiça para que o mal não exceda sobre ele, pois sempre foi fiel em sua missão. Seus ataques comumente eram sempre realizados em público, cujas sentenças eram de tom ríspido de denúncia aos perseguidores. Com a mesma força e tom o orante dos Salmos também invoca o Senhor (Sl 31, 18s; 35,4-6; 40,15). As súplicas não só tinham a intenção de denunciar as desgraças sociais, bem como anunciar o projeto de libertação aos oprimidos e escravizados.

#### 4.1.2 O PROFETISMO E A MONARQUIA NO REINO DE JUDÁ

O profetismo em Israel/Judá sempre foi um dos fatores mais relutante na história da vida social, política, economia e religiosa. O movimento profético tem suas raízes nos primórdios das sociedades antigas, mas é a partir da monarquia que ele ganha mais impulso no âmbito das questões sociais. A atividade profética tinha caráter orientador. Orientava o destino da vida em sociedade e, sobretudo, o destino e os rumos que as instituições haveria adotar em relação às questões política, econômica e religiosa.

Etimologicamente, o termo designado “profeta” na língua portuguesa é uma derivação do termo grego *prophetes*. É um título empregado a um mensageiro da revelação divina. Alguém que possui a pujança e o caráter profético para interpretar a mensagem divina e anunciá-la em público. “Na bíblia grega, *prophetes* é a tradução do hebraico *nabi*, termo habitual para indicar profeta” (McKENZIE, 2011, p, 677).

A falsa profecia era facilmente confundida com a verdadeira profecia, anunciada pelos verdadeiros profetas. Os falsos profetas eram subentendidos como profetas do palácio, enquanto os verdadeiros profetas eram eleitos pela estirpe de Iahweh. Portanto, quem suscita um verdadeiro profeta é sempre Iahweh. Ele não elege adivinhos, nem suscita quem profetiza em sonhos.

Porque assim disse Iahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Não vos deixeis enganar por vossos profetas que estão no meio de vós, nem por vossos adivinhos, e não escuteis os sonhos que sonhais. Pois eles vos profetizam mentiras em meu Nome. Eu não os enviei, oráculo de Iahweh (Jr 29,8-9).

Iahweh é sem dúvida o Deus que manifesta sua vontade, seu critério e seu desejo para suplantar o seu desígnio, seu plano de ação salvífica no meio do seu povo. Por isso suscita profetas e profetisas para concretizar sua vontade.

Abrego et al. (2007, p. 85) afirma:

Podemos redefinir o profeta como homem ou a mulher a quem Deus inspira sua visão da realidade; ou, exprimindo de um outro modo, a pessoa em quem são suscitados estes sentimentos, vivências, reações etc. que melhor manifestam, nos fatos ambíguos da realidade, a justiça, o amor, a salvação do Deus da aliança.

Em (1Rs 13,1-34), esses profetas denominados (nabis) eram também chamados “homem de Deus”, seu empreendimento profético baseia-se, em anúncio, denúncia e intercessão. Ainda baseando-se em (1Rs 13,11-34), é possível notar incoerência em seus oráculos. Abrego et al. (2007, p. 87) afirma também que “sem dúvida, mesclam-se de modo sugestivo, curiosidade e hospitalidade, engano e segurança, obediência e desobediência, verdade e mentira”. Esses pressupostos indicam claramente a diferença que há entre a verdadeira e falsa profecia.

Abrego et al. (2007, p. 86) alude que, para os hebreus, todos eram classificados com a mesma nomenclatura, não havia distinção de nome para designar falso e verdadeiro profeta, “nabi” era o adjetivo aplicado a todos os profetas, acrescenta ainda que do mesmo modo que Iahweh suscita profetas, é possível que dentre eles apareçam bons e maus profetas, é como joio em meio ao trigo, aparentemente é impossível distingui-lo, os que ao contrário deveriam ser chamados (*nabi*), ou homem de Deus, eram na verdade intitulados como profetas da mentira (Jr 27-29), porque eram desconexos com a verdade, profetizam em nome de Baal que não é um deus verdadeiro, porém estão comprometidos com os interesses da corte e não com a realidade do povo.

Nas religiões do Antigo Testamento o profeta era um visionário que estabelecia relações com o mundo sobrenatural, com poderes de ler e fazer

predições sobre o futuro. O vaticinador segundo Skinner (1966), julga-se, conhecedor das coisas ocultas e sobrenaturais. Alguns videntes ou adivinhadores não têm compromisso com a religião do Deus verdadeiro, mesmo assim atuavam na sociedade, tinha prestígio, sobretudo, pela percepção intuitiva pelos quais se comunicava com as divindades transcendentais, por isso, era designado a responder a situações pontuais de interesse específico e particular da elite política ou da instituição religiosa.

Segundo Mckenzie (2011, p. 12):

a lei hebraica proibia severamente a prática da adivinhação sob pena até de morte (Lv 19, 31; 20, 6; Dt 18, 10 – 11). A adivinhação é um pecado tão grave quanto a idolatria (1 Sm 15, 23). Havia adivinhação através da sorte ou de lançamento de flechas (*belamancia*), o uso de varinhas (*rabdomancia*), a observação do corpo e das expressões da face (*fisiognomia*), o estudo da planta da mão (*quiromancia*).

No entanto, a atividade profética desenvolvia-se de forma organizada, seus prognósticos atendiam a rituais pré-estabelecidos, mas, que nem todas as entidades religiosas recorriam à prática da adivinhação. Para Skinner (1966, p.16) “A adivinhação parece ser instinto universal da natureza humana” porque todos que profetizam e afirmam falar em nome de seus deuses.

No mundo profético eram conhecidas duas categorias distintas de profetas, a categoria dos profetas profissionais ou independentes, qualificados como: profetas, mágicos, videntes e os magos que realizavam serviços esporádicos para a realeza e conseqüentemente eram remunerados pelos serviços prestados, possuíam especialidades diversificadas e eram tidos como falsos profetas. Primeiro porque não eram constituídos do conselho de lahweh, segundo porque suas profecias nem sempre eram verídicas, confiáveis, ou seja, profecias que não davam resultados.

Porque assim disse lahweh dos Exércitos, Deus de Israel: Não vos deixeis enganar por vossos profetas que estão no meio de vós, nem por vossos adivinhos, e não escuteis os sonhos que sonhais. Pois eles vos profetizam mentiras em meu nome. Eu não os enviei, oráculo de lahweh (Jr 29,8-9).

Esses adivinhadores e sonhadores também não estavam comprometidos com a verdadeira profecia. Eram recrutados para dar oráculos de interesse da corte, uma

vez que os recursos naturais já não ofereciam os resultados esperados em suas projeções, sendo necessário recorrer a recursos ocultos, a fim de obterem as informações reais, segundo os desígnios de sua divindade, portanto, não estavam preocupados com as questões sociais ou com a criminalidade que aconteciam fora dos palácios, suas projeções atendiam os interesses do rei (1 Rs 22,5) e de suas divindades. Também professavam seus oráculos nos templos (Jr 28,5).

Em contraste com os profetas profissionais ou independentes, a outra categoria, era a dos profetas vocacionados. Esses profetas constituíam uma constelação de pessoas. Eram homens e mulheres, intrinsecamente ligados ao projeto humanitário. Atuavam somente em virtude de uma sociedade mais justa e fraterna, com plena consciência da relação com Deus, recebendo da boca divina, as instruções que deveriam promulgá-las publicamente ao povo. “Suscitarei um profeta como tu, dentre seus irmãos. Porei minhas palavras em sua boca, ele lhes dirá o que eu lhe mandar” (Dt 18,18).

#### 4.2 OPOSIÇÃO À POLÍTICA HIERARQUICAMENTE ORGANIZADA

O grupo político era constituído pelos reis de Judá, seus príncipes, sacerdotes, juízes, promotores, chefes de Estado e oficiais de Justiça. Era um sistema altamente organizado e fortemente armado, era justamente a quem Jeremias haveria de fazer oposição (Jr 1,18), e a classe que mais sofreu com as críticas do profeta Jeremias. Portanto, não era missão fácil para Jeremias combater um sistema tão fortemente organizado.

O rei constituía a autoridade suprema na monarquia, tinha autonomia máxima para deliberar e salvaguardar a justiça e o direito, principalmente às classes mais vulneráveis da sociedade, sobretudo à viúva, o órfão e o estrangeiro. Jeremias está na contramão do poder e sabe que o conflito será inevitável, mesmo assim é lançado como cordeiro em meios de lobos, para denunciar o poder opressor e opulento.

Com a institucionalização da monarquia, talvez fosse possível acreditar no restabelecimento da ordem, da paz e o prestígio das instituições, mas a conduta de seus administradores era reflexo de pura maldade, por isso no mesmo lugar em que

lahweh institui um rei ele pode destituí-lo (1Sm 11,15;15,10) e mesmo Miquéias reprova duramente a conduta aparentemente perversa e nefasta com que se apresentavam os dirigentes do povo, suas mãos só servem para praticar crimes. Assim disse Miquéias aos chefes de estado:

E eu digo: Ouvi, pois, chefes de Jacó e dirigentes da casa de Israel! Por acaso não cabe a vós conhecer o direito, a vós que odiais o bem e amais o mal, que lhes arrancais a pele, e a carne de seus ossos? Aqueles que comeram a carne de meu povo arrancaram-lhe a pele, quebraram lhe os ossos, cortaram-no como carne na panela e como vianda dentro do caldeirão, então eles clamarão a lahweh, e ele lhe responderá. Ele lhe esconderá a sua face naquele tempo, porque os seus atos foram maus! (Mq 3,1-4).

Enfaticamente, nesta mesma linha, Jeremias manifesta em seus oráculos, críticas em oposição aos reis de Judá (Jr 21,11-14), com exceção de Josias (640/609) com quem Jeremias tinha grande apreço e o único que mereceu prestígio e elogios (Jr 22,15-16).

Não era uma oposição simplesmente porque governavam, mas como governavam. Estes governantes insolentes constroem mansões luxuosas e desconhecem a prática do direito e da justiça aos mais pobres e humilhados, explorando-os e maltratando-os, como que os pobres não tinham direitos á dignidade. Privados do direito e da justiça, eram excluídos da sociedade. Pois, era de responsabilidade dos oficiais da corte promover a jurisdição às classes mais pobres socialmente. “A corte, o sacerdócio oficial, o exército, boa parte dos proprietários de terras em melhor condição financeira, assim como parte do povo, apóiam a monarquia” (ZABATIERO, 2013, p. 147).

As alianças com outros países, não eram bem acolhidas pelos profetas, pois eram consideradas ineficazes. Jeremias fica pasmo quando percebe que lahweh se servirá do reino do norte, para tutelar Judá e Jerusalém (Jr 1,13-14; 4,6; 6,1-22). Para eles era o mesmo que colocar em risco seu próprio patrimônio (Os 8,7), uma vez traído, será difícil restabelecer a confiança (Os 5,13-14). Isaias propõe um pacto ao rei Acáz, esse pacto comporia em algumas exigências ao rei: confiar somente em lahweh (Is 8,12-14). “Tanto a confiança nos pactos como a confiança em outros deuses, denota um enfraquecimento da fé em Javé” (IBAÑEZ, et al. 2007, p. 37).

Segundo Ibañez et al. (2007), há pelo menos três motivos que justificam aversão dos profetas em relação às alianças com países estrangeiros: colocam em

risco a credibilidade da religião e o culto, denotam princípio de descrença em lahweh, temem que o impostor venha tornar-se seu próprio inimigo e não aliado, a aliança deixa de ser um pacto de segurança para se tornar uma ameaça, diante das grandes potências aliadas, Judá e Israel pode ser refém e ser atacado pelo próprio aliado. A melhor saída talvez para eles seja manter-se receio ao pacto.

Jeremias denuncia a forma criminosa e obsoleta como as autoridades governam as instituições. Não é uma oposição tão somente aos governantes e líderes do governo, mas a forma inescrupulosa de como governam. A justiça e o direito eram manipulados por todos aqueles que ocupavam cargos relevantes na hierarquia, principalmente por aqueles que são designados para fazer cumprir a lei. Usurpam com iniquidade o direito da viúva, do órfão e do estrangeiro, em benefício próprio:

Escutai vós que espremeis os pobres e eliminais os miseráveis; pensais: quando passará a lua nova para vender o trigo, ou o sábado para oferecer grão e até o refugo de trigo? Para escolher a medida e aumentar o preço, para comprar o fraco por dinheiro e o pobre por um par de sandálias? (Am 8, 4-5; Is 10, 1-4).

As lideranças políticas, não tinham nenhum interesse em legislar a justiça e o direito em favor do pobre, pois este era visto como simples instrumento de trabalho, mão-de-obra sem qualquer valor patrimonial. Por isso deixavam de pagar o justo salário que lhe é devido (Jr 22,13), podiam praticar abusos e violência contra o pobre e o indigente (Jr 22,17), porque contra eles não haveria punição.

Como podeis dizer: “Nós somos sábios e a lei de lahweh está conosco!” Sim eis que a transformou em mentira o cálamo mentiroso do escriba! Os sábios serão envergonhados, ficarão perturbados e serão capturados. Eis que desprezaram a palavra de lahweh! O que é a sabedoria para eles? (Jr 8,8-9).

Com a lei em suas mãos era possível manipulá-la para salvaguardar seus próprios interesses, mesmo que com isso poderia custar a vida de muitos inocentes. Eles não têm outro objetivo senão enriquecer de forma ilícita, praticando a perversidade contra os pequenos, não estão preocupados com seu relacionamento com lahweh e muito menos com a classe dos excluídos, porém, o que importa para eles é se fortalecer economicamente (Am 2,6).

A prática do direito e da justiça é uma exigência que permite assentar o indivíduo em pé de igualdade perante a legislação jurídico-pública e o poder político não pode se omitir diante desta responsabilidade. Não pode haver privilégio deste ou daquele, mas, assegurar proteção àqueles cujas vidas sentem-se ameaçadas.

Nesta perspectiva, todo procedimento unilateral praticado em detrimento à vida de inocentes, significaria que o pacto da aliança está sendo corrompido, o culto perdia sua essência e a religião descomprometida com o projeto da aliança. Tudo isso significaria romper o relacionamento com lahweh. E quem estava nesta corrida alucinada pelo lucro desmedido e pela acumulação ilícita? A motivação por uma busca intempestiva em obter uma posição econômica mais vantajosa com base na acumulação ilegal é constatada em todos os níveis da sociedade.

Segundo Rossi (2014, p. 30):

Não há quem escape; grandes e pequenos estão envolvidos até o pescoço com projeto de acumulação, todo o povo está corrompido pelo desejo insano e incontrolável de enriquecer. Entretanto, os poderosos têm mais culpa porque conseguem seus ganhos fundamentalmente com base nas injustiças.

Em Jeremias é possível detectar que não eram somente os grandes que estavam obsecrados pela corrida do lucro fácil. O próprio povo estava alienado a conseguir uma posição social mais vantajosa enfocada na exploração do seu próximo.

Então eu pensava: “Pobre gente” eles agem totalmente porque não conhecem o caminho de lahweh, nem o direito do seu Deus. Dirigir-me-ei aos grandes a falarei com eles, porque conhecem o caminho de lahweh e o direito de seu Deus!’ mas também eles quebraram o jugo, romperam os laços! (Jr 5,4-5).

Para Jeremias era engano pensar que só os pequenos desconhecêssem os desígnios de Deus, e que os grandes na qualidade dos chefes de estados, príncipes e reis, eram os que obtinham o conhecimento de Deus. Jeremias descobre que a insensatez de todos era de fato o obstáculo para conhecer a Deus. Por isso, era necessário falar diretamente à cúpula dos que detinham o poder e a ciência da lei para vindicar a aplicação do direito e da justiça.

Nada adiantava a situação cada vez mais se agravava e todos estavam à beira de um colapso, era questão de vida ou morte e Jeremias antecipa que lahweh entregara todo o povo nas mãos do rei da Babilônia (Jr 27,6-9). Isso causa constrangimento por parte da classe política e seus sectários. O profeta Hananias que serve à corte reluta contra Jeremias, com predições falsas e promessas enganosas (Jr 28,2-4).

Para Jeremias, a vassalagem ao rei não era motivo para desespero, não significaria uma derrota em definitivo, mas era a garantia de que ainda podia sonhar com a possibilidade da manutenção dos sobreviventes e com isso ganhar fôlego para restaurar Judá e Jerusalém. “A mensagem era de submissão, e esse estímulo a confiar em Deus acima de tudo, sem dúvida exigia mais coragem do que incitar a resistência” (JENSEN, 2009, p. 185).

Porém, era normal que o povo relutasse contra esta posição de Jeremias, afinal o povo já tinha sua concepção de lahweh como um Deus libertador e não podia submetê-los a uma situação escravagista, pois temiam a condição de súditos do rei como retorno à servidão ao julgo do rei Nabucodonosor. Diante do levante seus rivais não se cansam de planejar ameaças de morte, seguros de que tem apoio dos conselheiros da corte (Jr 18,18).

Para Jeremias a aceitação da vassalagem não significa submeter à servidão ao rei, mas, sobretudo, é uma alternativa de sobrevivência aos remanescentes, trabalhar e cultivar-se o campo em paz. Mas Judá ainda pode ser recuperada pelos remanescentes da deportação. O relato dos dois cestos de “figos” (Jr 24,7) é sem dúvida uma amostra de que Judá ainda pode ser restaurada.

Assim disse lahweh, o Deus de Israel. Como estes figos bons, assim olharei com bondade os exilados de Judá que mandei deste lugar para a terra dos caldeus. Porei meus olhos sobre eles para o bem e farei retornar a esta terra. Reconstituí-los-ei e não os demolirei, plantá-los-ei e não os arrancarei. Dar-lhes-ei um coração para que me conheçam, que eu sou lahweh. Eles serão o meu povo e eu serei o seu Deus, porque eles retornarão a mim de todo o coração (Jr 24,5-7).

O “resto” acentua Schökel (2004, p. 631), podem ser considerados tanto os deportados, enviados para Babilônia, quanto os que partiram para o Egito (43,6ss). Esses são a única esperança para Judá, eles representam os ‘figos bons’ que ainda pode ser recuperado. Portanto, Jeremias alerta aos remanescentes da deportação a

zelarem por suas vidas, que isso é responsabilidade de todos, se ainda querem garantir sua sobrevivência.

Para Jeremias a única saída para a sobrevivência era a rendição, a submissão ao rei, caso a resistência prevalecesse todo o povo seriam sucumbidos, exterminados diante do levante babilônico, esses serão tratados como figos maus que não servem para serem digeridos a começar pelo próprio rei atingindo, sobretudo os remanescentes.

Mas como os figos estragados que, de tão estragados, não podem ser comidos – sim, assim disse lahweh -, assim tratarei a Sedecias, rei de Judá, os seus príncipes e o resto de Jerusalém: aqueles que restaram nesta terra e os que habitam na terra do Egito. Farei deles um objeto de horror, uma calamidade para todos os reinos da terra; uma vergonha, uma fábula, um escárnio e uma maldição em todos os lugares, para onde os expulsar. Enviarei contra eles a espada, a fome e a peste, até que desapareçam do solo que dei a eles e a seus pais (Jr 24,8-10).

Considerando o relato “os dois cestos de figos” (Jr 24, 1-10), e o raciocínio de Schökel (2004), podemos constatar que são apresentados frutos de uma mesma espécie, colhidos na mesma época. São considerados os dois restos, que podem ter relativas comparações. Os figos bons, comparados aos exilados na Babilônia, receberam o castigo da misericórdia divina a qual poderão reconhecer suas faltas e retornar à pátria mãe, configurando-os, num segundo êxodo.

São considerados figos maus os que não submeteram ao jugo, rejeitaram à submissão ficando na pátria e os que fugiram para o Egito, esses receberam o juízo da condenação. Em (Am 8,1) a perícopes faz alusão a ‘um cesto de frutos maduros’ e anuncia que Israel está perto de seu fim. Alguns exemplos de oráculos de Jeremias, dirigidos aos reis, possibilitam uma maior percepção dessa realidade.

#### Oráculo de Jeremias ao rei de Judá

Jeremias interpela ao rei de Judá, mencionando sua atribuição e explicitando, o que significa o poder e sua autoridade para com o povo. Pois é no palácio que emana toda a ação da justiça. É, pois, a justiça que sustenta o palácio e o trono, sem as quais, tudo não passa de aparato, arraigado na prepotência e na arrogância de seus administradores.

Escuta a palavra de lahweh, rei de Judá, que te assentas sobre o trono de Davi, tu, os teus servos e o teu povo, que entram por estas portas. Assim disse lahweh: Praticai o direito e a justiça; arrancai o explorado da mão do opressor; não oprimeis estrangeiro, órfão ou viúva, não os violentais e não derrameis sangue inocente neste lugar (Jr 22, 2-3)

### Ao rei Joacaz-Selum

Jeremias adverte com duras palavras de que nada adianta chorar pelos mortos, e sim, pelos que foram expulsos de suas terras. Famílias inteiras que foram despatriadas viviam como estrangeiros em terras alheias. Em consequência disso, estavam sendo exploradas de maneira desprezível. Sem poder voltar para casa, lá seriam aniquilados e mortos.

Não choreis pelo morto nem vos lamenteis por ele, chorai pelo que parte, porque não voltará a ver sua terra natal. Pois assim diz o Senhor a Selum, filho de Josias, rei de Judá, sucessor de seu pai Josias: Aquele que saiu deste lugar, a ele não voltará, morrerá no país de seu desterro e não voltará a ver sua terra (Jr 22,10-12).

### Críticas ao rei Joaquim

Um dos embates mais ferveilhantes ocorrido na vocação de Jeremias é evidenciado no oráculo contido no rolo, escrito e lido por Baruc seu secretário, conforme havia dito por Jeremias, por ocasião de estar detido, e impedido de entrar no templo. Possivelmente o relato continha sentenças de denúncias e ameaças contra o rei, mas também de conversão e perdão. O rei ficando irritado com o que ouvia, queima o rolo, na medida em que era lido (Jr 36,1-32). O episódio conta ainda que Jeremias é interpelado por lahweh, a escrever outro rolo, contendo tudo o que havia escrito no primeiro e possivelmente acrescentando muitas outras palavras (Jr 36,32).

A crítica de Jeremias é bastante contundente quanto ao enriquecimento ilícito do rei. Não se pode apropriar-se do próximo, como simples instrumento de trabalho, com a audácia para arquitetar seus palácios a custa do assalariado, dando a entender, que ele é um simples servidor e que por isso, sua mão-de-obra nada tem valor. Diante do levante, o rei deveria conhecer a Deus, o que equivale

conhecer a lei e praticar a justiça. “Ele julgou a casa do pobre e do indigente. Então tudo corria bem. Não é isso conhecer-me?”. (Jr 22, 16).

Ai de quem edifica sua casa com injustiça, andar por andar, iniquamente! Faz trabalhar gratuitamente seu próximo, sem lhe pagar o salário. Ele pensa: Construirei uma casa espaçosa para mim, com salões ventilados, abrirei janelas, eu a revestirei de cedros, a pintarei de vermelho. Pensas que é rei, porque competes em cedros? Se teu pai comeu e bebeu e passou bem, é porque praticou a justiça e o direito; fez justiça a pobres e indigentes, e isso sim é conhecer-me – oráculo do Senhor. Tu ao contrário, tens olhos e coração só para o lucro, para derramar sangue inocente, para o abuso e a opressão (Jr 22,13-17).

A sentença para quem não pratica a justiça divina será na mesma proporção ao delito, porque submeteu o próximo que é seu irmão ao trabalho escravo na terra de Deus. Por isso:

Tu, ao contrário, tens olhos e coração só para o lucro, para derramar sangue inocente, para o abuso e a opressão. Por isso, assim diz o Senhor a Joaquim, filho de Josias, rei de Judá: Não lhe farão um funeral cantando: Ai, meu irmão, ai minha irmã! Não lhe farão funeral: Ai, Senhor! ai majestade! Eles enterrarão como um asno: eles arrastarão e o jogarão fora do recinto de Jerusalém (Jr 22, 17-19).

#### Contra a cidade de Jerusalém

Jerusalém é vista como esposa infiel, não absteve seus amantes. As influências dos falsos profetas avalizaram a conduta de seus chefes: reis, juízes, oficiais de justiça. Todos estão embebecidos com o licor da profecia não autêntica.

Sobe ao Líbano e grita, ergue a voz em Basã, grita de Abarim, porque estão destroçados teus amantes. Eu te falei em teu bem-estar, e tu disseste: Não obedeco. Essa é tua conduta desde jovem, não me obedecestes. Por isso, o vento apascentará teus pastores, e teus amantes irão para o desterro; então sentirás vergonha e rubor de todas as tuas maldades (Jr 22,20-22).

#### Contra Jeconias, um rei que governou apenas três meses

Antes que o mal cresça é preciso cortá-lo pela raiz. Se o rei é um instrumento escolhido por Deus para executar o direito e a justiça e não corresponde

com o selo (anel) que é símbolo de sua autoridade, se é inútil, da mesma forma que Deus colocou-o, Deus pode tirá-lo. A autoridade máxima sempre vem de Deus.

Ainda que fosses o selo de minha mão direita, eu te arrancaria e te entregaria em poder de teus inimigos mortais, dos que mais temes: Nabucodonosor, rei da Babilônia, e em poder dos caldeus. Eu expulsarei a ti e a tua mãe, que te deu à luz, para um país estranho, onde não nasceste, e aí morrerás. E não voltarás para a terra onde anseiam voltar (Jr 22,24-27).

Ao rei Sedecias, Jeremias pede justiça

Jeremias alerta que é obrigação principal do rei fazer valer o direito e a justiça aos injustiçados, a aqueles que não têm voz nem vez nos tribunais. A tarefa do executivo é administrar a justiça logo pela manhã para livrar o oprimido do opressor.

Escutai a palavra do Senhor: Casa de Davi, assim diz o Senhor: Ide cedo para administrar a justiça, livrai o oprimido do poder do opressor, se não quiserdes que minha cólera se inflame como fogo e arda inextinguível por causa de vossas ações más (Jr 21,11-12).

#### 4.3 OPOSIÇÃO AO PODER ECONÔMICO

A oposição de Jeremias ao sistema econômico estava concomitantemente relacionada com o tema dos proprietários de terras (latifundiários). Sumariamente os grandes mercadores são também os grandes proprietários de terras. Esses possuidores de grandes proporções de terras eram as elites que ostentavam o poder econômico hierarquicamente organizado, representados pelos reis, príncipes, juízes, oficiais de justiça, profetas e sacerdotes (Jr 1,18) que conseqüentemente, fomentavam a monarquia. Enquanto que os pequenos proprietários de terras eram supostamente, os que não tinham suporte econômico e financeiro para sua subsistência. Com isso, eram submetidos a pagar impostos ao poder estatal. Com isso, esses pequenos proprietários de terras acabavam endividados, sendo obrigados a ceder suas pequenas propriedades aos grandes latifundiários.

A crítica social de Jeremias com relação aos proprietários de terras tem conotações relativas com os relatos de Isaías, Oséias, Amós e Miquéias. Esses relatos apontam para duros e sucessivos embates na profecia, pois, um dos principais focos da profecia estava centralizado à questão do direito a terra. A posse da terra, como direito, fator preponderante para a vida do camponês, já que a base da economia era agrícola.

Ai daqueles que planejam iniquidade e que tramam o mal em seus leitos! Ao amanhecer, eles o praticam, porque está no poder de sua mão. Se cobiçam campos, eles o roubam, se casas, eles as tomam; oprimem o varão e sua casa, o ser humano e sua herança. Por isso, assim diz lahweh: Eis que eu planejo contra essa tribo uma desgraça, da qual não podereis livrar os vossos pescoços, e não podereis caminhar de cabeça erguida, porque este será tempo de desgraça! Naquele dia, entoarão sobre vós uma sátira, cantarão uma lamentação – chegou – e dirão: 'Fomos completamente devastados, uma parte de meu povo passará a outros, e ninguém lha devolverá; nossos campos são divididos em favor do infiel'. Por isso não tereis quem meça uma parte na assembléia de lahweh (Mq 2,1-5).

Miquéias alude sobre a evidente prática da injustiça, mostrando claramente como os credores planejavam tomar a propriedade dos pequenos para aumentar seu patrimônio. Os pequenos eram prisioneiros de suas dívidas e por isso provavelmente eram pressionados a entregar sua propriedade agrícola e seus bens como meio de liquidar suas dívidas. A terra era objeto de cobiça, tomada dos pequenos proprietários que estavam endividados e depois repassadas para outros injustamente. “A terra não apenas era negociada e vendida, como também era dada como propriedade em prebenda aos servidores leais ao rei” (LOWERY, 2004, p. 69).

O sistema econômico funcionava de maneira exacerbada, sobrepondo ao direito e a justiça a questão de quem pertence o direito de explorar a terra. Todo o clã será vítima da injustiça, se tirar a terra base de seu sustento serão arruinados por completo. Jeremias relata que quando o direito a propriedade não é assegurado pela justiça aos verdadeiros herdeiros da terra, a catástrofe golpeia sempre os mais fracos. A ameaça de lahweh atingirá a todos e todos perecerão diante do castigo de lahweh (Jr 8,3), ricos e pobres, todos os que são flagrados em agirem negativamente sobre os mais humildes, serão responsabilizados (Am 3,1). Perante os mais fracos, a classe social economicamente mais bem sucedida, negligencia justiça e responsabilidade, que são exigências proeminentes de lahweh.

A crítica em Amós é de que a ira de Iahweh recairá sobre os dirigentes do executivo e seus principados (Am 2,3), que perderá suas terras (Mq 2,4), mas que; a terra como dom de Deus, voltará a seus verdadeiros proprietários e nenhuma porção ficará em poder dos exploradores (Mq 2,5).

Sicre (2011, p. 345), salienta que a situação do pequeno proprietário é ainda mais agravante, quando acompanhada pelas necessidades mais básicas para a sua subsistência e afirma:

É a fome, a necessidade primária de trigo para sobreviver. O meio de livrar-se do apuro consiste em hipotecar campos, vinhedos e casas. Uma desgraça, porém, nunca vem só. A fome junta-se os impostos reais. E dessa vez não é possível hipotecar campos e casas, porque já o estão. Só cabe pedir dinheiro emprestado, que não podendo ser devolvido, provocará a escravidão de filhos e filhas.

Porém, o sistema econômico dominante só era atrativo para os grandes, que aumentava consideravelmente o seu poder aquisitivo de posse e bens, aumentando gradativamente a desigualdade social entre pobres e ricos, latifúndios e proletários. É, portanto neste cenário que emana a atuação profética em defesa das classes populares categorizadas pelos camponeses e operários, gente do campo e da cidade, que sofrem com o sistema político e econômico administrado de forma anacrônica aos interesses das classes mais pobres.

Conseqüentemente, isso não estava nos planos dos que administravam o sistema político, Para eles ver a grande massa humana do povo pobre à sua submissão era rentável, lucrativo, pois, praticar a justiça, o direito e a isonomia por uma sociedade mais justa, humana e igualitária, seriam o mesmo que reduzir lucro obsessivo para garantir suas riquezas, autonomia e privilégios.

Segundo Lowery (2004, p. 69):

A classe dominante tinha propriedades, era instruída, comerciante e cobrava encargos permanentes sobre o produto agrícola dos camponeses. Os encargos podiam ser por meios de posse de terras patrimoniais (arrendando terras da família ou outorgados) ou de um sistema de prebenda (encargos pagos por camponeses para sustentar uma autoridade civil ou eclesiástica).

Lowery (2004) atesta ainda que, o templo era usado para funções não só religiosas, mas funcionavam como uma espécie de comércio, pois, os bens

arreCADADOS e penhorados pelos credores eram depositados nos templos sagrados, uma vez tomado dos devedores, era definitivamente de propriedade da divindade e do credor.

O poder judiciário também era corrupto. Jeremias faz duras críticas quando se refere ao rei, porque constrói casas nobres e luxuosas à custa de exploração à viúva, o órfão e o indigente, aplicando sobre eles, encargos e tributos abusivos, ou subornando-os, impondo trabalhos forçados sem a devida remuneração.

Ai daqueles que constrói a sua casa sem justiça e seus aposentos sem direito, que faz o seu próximo trabalhar de graça e não lha dá o seu salário, que diz: 'construirei para mim uma casa espaçosa com vastos aposentos', e lhe abre janelas, recobre-a com cedro e pinta-a de vermelho (Jr 22,13-14).

Miquéias alude com a mesma crítica e denúncia, quando refere às autoridades judiciais responsáveis em garantir o direito e a justiça aos mais fracos. As atrocidades cometidas por estas autoridades avançam sem limites, brutal e truculenta é a conduta dos senhores executivos.

Mas eu digo: Escutai-me, chefes de Jacó, príncipes de Israel: não cabe a vós ocupar-vos do direito, vós que odiais o bem e amais o mal? Arrancai a pele do corpo, a carne dos ossos, comais a carne de meu povo e lhes arrançais a pele, quebrai seus ossos e o cortais como carne para a panela ou caldeirão. Pois, quando gritarem ao Senhor, não lhes ocultará o rosto por suas más ações (Mq 3, 1-4).

Para os trabalhadores comuns que não eram proprietários de terras a situação era ainda pior, eram obrigados a trabalhar nas frentes de trabalho da corte sem quaisquer tipos de remuneração. Quem trabalha sem a devida remuneração é escravo do trabalho e a conduta de quem se apropria do próximo como instrumento de trabalho sem o devido reconhecimento é vil. Assim era a conduta do rei, que não observava o rigor da legislação que assegurava o direito do trabalhador (Lv 19,13).

Amós condena veementemente o poder judiciário porque nada fazem para defender o direito legítimo do pobre à propriedade e seus bens, ignoram os que agem com retidão em defesa dos mais humildes e não gostam de quem age com honestidade diante dos tribunais para garantir o mínimo à classe mais sofrida da sociedade.

Ai dos que convertem a justiça em veneno e arrastam pelo chão o direito, odeiam os fiscais do tribunal e detestam quem depõe com exatidão! Pois, por ter oprimido o indigente, exigindo-lhe um tributo de trigo, se construídes casas de cantaria, nelas não habitareis; se plantardes vinhas seletas, não bebereis seu vinho. Conheço bem seus crimes e inumeráveis pecados: espremeis o inocente, aceitais subornos, atropelais os pobres no tribunal (Am 5,7-12).

Isaias seguindo a mesma linha crítica que Jeremias e Amós, também declara repúdio àqueles que acumulam bens e propriedades em proporções desmedidas.

Ai dos que juntam casa a casa, dos que acrescentam campo a campo até que não haja mais espaço disponível, até serem eles os únicos moradores da terra. Iahweh dos Exércitos jurou aos meus ouvidos: certamente muitas casas serão reduzidas a ruína, grandes e belas, não haverá quem nelas habite. Dez jeiras de vinha produzirão apenas uma metreta, um coro de semente renderá apenas um almude (Is 5,8-10).

Se fosse possível dar por inteiro sua própria existência (Jr 1,4-10) em oblação a Iahweh, ao contrário, os governantes não podiam sequer oferecer nem parte de suas vidas, pois, já lhes deram por inteiro, está completamente comprometida em favor do lucro desmedido (Jr 22,17).

#### 4.4 OPOSIÇÃO AO PODER RELIGIOSO: SACERDOTES, PROFETAS, AO CULTO E AO TEMPLO

A oposição de Jeremias ao sistema religioso estava arraigada no conjunto das três raízes que fazia de sua composição: o sacerdote, o culto e o templo. Este foi sem dúvida um dos embates mais emblemáticos das exigências proeminentes de Iahweh, que fizeram parte no mandato de sua vocação. A princípio, não era nas ruas e praças e nos palácios que a mensagem profética haveria de ser anunciada, mas, nos átrios do templo. Seus oráculos tinham destinatários específicos da sociedade; reis, príncipes, sacerdotes (Jr 1,18). A porta do templo foi o lugar estratégico estabelecido inicialmente por Iahweh, por onde Jeremias deveria anunciar seus primeiros oráculos. Em meio a este cenário, Jeremias deveria falar de justiça e do direito, como prerrogativas elementares para proteger às classes mais

desprotegidas da sociedade. Assim falou Iahweh a Jeremias: “põe-se à porta do templo” (Jr 7,2).

Frizzo et al. (2011, p, 22) afirma:

A porta era lugar onde os pobres acorriam em busca de justiça, como único recurso para garantir sua subsistência ou seus direitos. Somente as pessoas livres tinham direito de vindicar a jurisprudência na “porta”. A ênfase ao termo “a porta” destaca a importância do lugar nas transações econômicas, nas publicações dos oráculos proféticos e nas deliberações das sentenças sócias, definidas pelos anciões da cidade.

É importante ressaltar que o termo ‘porta’ é bastante significativo para o contexto, vai além da estrutura física e material, é sinal iminente de liberdade, permite acessibilidade à proposta do reino, irrompe o ciclo vicioso do privilégio e do preconceito social e quebra as vísceras do poder corruptível. Aí reside a mola propulsora da vocação profética de Jeremias e o real propósito de Iahweh. A relação entre o culto e a prática da justiça e do direito deve ser inserido na história cotidiana do povo de Deus. A palavra de Deus, arremessada por Jeremias, vinda de fora contra as atitudes de seus pregadores, vem para quebrar ilusões e barreiras que impedem a verdadeira promoção do reino de Deus, que deve antes que uma prática cultural espiritualizante, uma prática cultural vinculada à prática da justiça e ao direito.

#### 4.4.1 Oposição aos sacerdotes

O sacerdote compunha uma das pilastras da elite dominadora no sistema monárquico em Israel e Judá, porém, na derrocada atividade profética de Jeremias, o sacerdote que atuava no templo, aparece como um dos obstáculos no itinerário de sua missão. O termo sacerdote significa aquele que ocupa um ofício-mor no santuário, é ele que é designado como “ministro das coisas sagradas, especialmente dos sacrifícios” (HARRIS, et al. 1998, p. 705). O sacerdote é a autoridade central com função cultural no templo, mas que também exerciam a função de ensino (Jr 18,18).

Na monarquia o sacerdote é membro constituinte do templo por este ser considerado um santuário Estatal sob a tutela do rei, por isso, o sacerdote é oficializado ou destituído pelo rei. Sua atividade é mais cultual, está a serviço do altar, distinta a do profeta, o sacerdote atua diretamente no templo como um funcionário da monarquia. Suas atribuições no culto sacrificial são inúmeras. Sua competência vai desde a unção (1Rs 1,32-34), catequizar sobre as questões do puro e impuro, isto é, designar quem poderia ter acesso as atividades de culto, manejar os incensórios, conduzir as oferendas para o sacrifício, proferir oráculos de bênção ou maldição em nome de lahweh (Nm 6,24-17), a observância e valorização dos ritos litúrgicos.

Para Fohrer (2012, p. 275):

Em suas várias funções o sacerdote representava lahweh perante o ser humano (oráculo, ordálio, instruções, bênção e maldição) e também o ser humano perante lahweh (sacrifício). Assim, ele funcionava, em seu ofício, como mediador.

Subordinados ao rei, os sacerdotes eram hierarquicamente organizados, havia o sacerdote chefe, o sumo sacerdote que supervisionava os demais sacerdotes (2 Rs 23,4), o sacerdote que cuidava da vigilância do templo, os anciões dos sacerdotes (2 Rs 19,2; Jr 19,1). O embate de Jeremias contra os representantes do culto no santuário, era no sentido de que eles também estavam de mãos dadas com os agentes truculentos da classe dominante que fomentavam a monarquia. Agiam como uma espécie de conselheiros do rei e juntos formava a elite da classe mais corrupta do poder econômico na monarquia.

Como os sacerdotes exerciam função cultual e de ensino no templo, e não possuíam fonte de renda privativa para seu sustento, valiam-se, de uma parte dos animais que eram imolados e também das primícias resultante das oferendas que eram depositadas no santuário, igualmente parte do dizímo que era proveniente de coletas realizadas no templo. Obtendo considerável lucro por parte dos donativos do povo, o sacerdote aumentava consideravelmente seu patrimônio e tornavam-se grandes proprietários de terras.

O conflito se embasa nas atitudes anacrônicas dos seus representantes cultuais, que induzem o povo ao erro e a crer em promessas devaneadoras, como

cultuar deuses falsos e adorar ídolos construídos por suas próprias mãos, como se o infortúnio não abalasse suas estruturas. Para eles, letrados, aliados do trono que compunham a nobreza, com a lei em vossas mãos, facilmente poderiam manipulá-la em direção a seus próprios negócios para ludibriar o povo com seus propósitos. Jeremias alerta:

Como podeis dizer: “Nós somos sábios e a lei de lahweh está conosco!”. Sim, eis que a transformou em mentira o cálamo mentiroso do escriba!. Os sábios serão envergonhados, ficarão perturbados. Eis que desprezaram a palavra de lahweh! O que é sabedoria para eles? (Jr 8,8-9).

Oséias atribuindo a mesma conduta que Jeremias, contrapõe ao abuso dos sacerdotes diante da boa fé do povo, porque as primícias eram oferecidas de acordo com a gravidade de suas culpas. Para eles quanto maior a quantidade de pecados dos injustiçados, maior seria a arrecadação em forma de tributos e isso seria rentável aos sacerdotes, que apropriavam da desgraça alheia para alimentar seus lucros, mas nesta corrida para livrar-se da culpa e na ambição por favorecimentos ilícitos, todos terão a mesma sorte. “Alimentam-se do pecado de meu povo e com suas culpas matam a fome. Povo e sacerdote correrão a mesma sorte: eu lhes pedirei a paga de suas ações” (Os 4, 8-9).

#### 4.4.2 Oposição aos profetas

Quando se fala em profetas, logo o que vem à memória é um personagem que sempre está atuando frente às questões culturais e que possui antevistas do futuro. Muitas vezes suas previsões não eram nada animadoras. Por isso, que freqüentemente com suas convicções contrárias em relação às perspectivas das elites do poder centralizador e com o povo em geral, atrai severos oponentes. O profeta é sem dúvida um personagem conflitante, causador de tensões e polêmicas nos diversos ambientes de sua atuação.

Como foi anunciado em outro bloco anterior, existiam em Judá pelo menos dois grupos de profetas, os que trabalhavam como funcionários da corte, esses eram remunerados para exercer a função e os profetas de lahweh, esses eram

arrancados ou escolhidos do meio do povo, depois eram ungidos, nomeados, consagrados e instituídos no conselho de lahweh por meio de uma investidura ministerial para transmitir a mensagem divina em forma de oráculos.

É sabido na teologia do Antigo testamento que o profeta ou a profetiza, são indivíduos freqüentemente escolhidos do meio do povo por lahweh para falar em seu nome, como intérprete de sua mensagem nas intempéries do cotidiano. Seu confronto tem raízes no embate com os sacerdotes representantes do templo, ora fazendo intervenções de ordem cultural defendendo a inviolabilidade do santuário, ora defendendo a integridade da vida dos humildes e sua subsistência. É importante ressaltar que essas intervenções aconteciam nas imediações dos santuários ou em outras localidades onde se realizavam o culto. Era o caso Jeremias que não tinha atuado como profeta no templo ou exercido o sacerdócio cultural.

Mayoral et al (2007) explica que há distinção da atividade profética em relação à atividade do sacerdote. Para ele, o sacerdote era um indivíduo institucionalizado, uma espécie de funcionário público, mas que trabalha em função dos interesses do rei e dos oficiais da corte. O profeta designado por lahweh atuava em oposição aos interesses do poder institucionalizado. Está sempre na contramão dos interesses administrativos da realeza. É um verdadeiro operário de lahweh, denuncia a idolatria de culto e a adoração a outros deuses.

Segundo Skinner (1966, p. 177):

A profecia era verdadeira se comprovada pelo evento, e um verdadeiro profeta era simplesmente aquele cujos vaticínios, de maneira uniforme, provaram-se, corretos: o seu caráter moral não estava em questão. Samuel tinha a reputação de ser profeta verdadeiro porque tudo quanto ele diz sucede.

No sentido teológico, os profetas da estirpe de Jeremias, tentam mostrar que a crença a outros deuses de nada adiantaria, pois somente a adesão a lahweh poderia livrá-los do castigo, da escravidão e da alienação. Enquanto os outros deuses não seriam capazes de livrá-los de tanto sofrimento (1 Rs 18ss). Jeremias alude como metáfora os arbustos da natureza, para referir-se a um povo de boa índole criado por Deus, mas que deixa se levar com facilidade por falsas promessas e a ser enganados por deuses que não são Deus, por isso tornaram-se rebeldes aos olhos de Deus (2,21).

A mesma idéia é construída e aplicada em Oséias, (9,10-14) e Isaias (5,1-7) preconizam o castigo para todos aqueles que não escutavam a mensagem e se rebelavam contra lahweh, de sorte que seria implacável sua cólera, que incidiria contra todos os opositores de sua palavra. Pois, não há coerência no que professam nem fidelidade com seu Deus. Não há consonância entre teoria e prática, fé cultural e compromisso social.

Tomando como base a estes pressupostos é possível definir os profetas da corte como profetas da descontinuidade entre a prática cultural com a prática política e o compromisso social. Suas preces estão revestidas de pura hipocrisia. Não há convergência entre pregação litúrgica e prática da justiça e do direito. (cf Is 29,13).

Nesta perspectiva é possível afirmar com precisão onde esta a fonte da diligência profética de Jeremias. Em seus pronunciamentos alertava-os, a não confiar nas promessas vazias daqueles que prometiam felicidade, porque nem todos que testemunhavam em nome de lahweh “sacerdotes e profetas” eram reconhecidos legitimamente do conselho de lahweh. Jeremias exorta:

contudo, escuta esta palavra que direi aos teus ouvidos e aos ouvidos de todo o povo: Os profetas que existiram antes de mim e antes de ti, desde tempos imemoráveis, profetizaram a muitas terras e a grandes reinos, a guerra a desgraça e a peste; o profeta que profetiza a paz, só quando se realizar a palavra do profeta é que será reconhecido como profeta que lahweh realmente enviou! (Jr 28,7-9).

Neste contexto pode-se afirmar que o profeta não é aquele que prediz o futuro, mas estima-se o futuro de acordo com a visão que tem da realidade concreta que perpassa pela história e cotidiano de um povo, de uma nação. O profeta é aquele que tem a experiência de Deus e fala em nome de Deus e da comunidade. Fala de projetos consistentes arraigados à luz dos desígnios de Deus, cuja palavra não volta sem ter produzido seu efeito. Ela é comparada a uma torrente de fogo abrasador, como um martelo que esmiúça a pedra (Jr 23,29). Um Deus que não julga só pela cólera, mas pelo perdão e misericórdia, ao passo que ele faz ver que “o julgamento, porém, se revela e se apalpa nas ruínas do mundo, ao passo que a salvação é a certeza da fé” (DIETRICH, 1977, p. 93).

Jeremias no itinerário de sua vocação se confronta com os profetas da corte. Esse confronto provoca intensos debates. Um desses embates ocorre com o profeta da corte Hananias em (Jr 28ss). Esse é um exemplo de conflito entre o profeta da

verdade que fala pela extirpe de lahweh e o profeta da “mentira” que afirma estabilidade e paz enquanto nada disso acontece.

Assim disse lahweh dos Exércitos: Não ousais as palavras dos profetas que vos profetizam: enganam-vos, relatam-vos visões de seu coração, não da boca de lahweh; eles ousam dizer à aqueles que me desprezam: ‘lahweh falou; a paz estará convosco!’; e a todos que seguem a obstinação de seu coração, dizem: ‘Não vos acontecerá nenhuma desgraça!’ Quem, pois, esteve presente no conselho de lahweh, para ver e ouvir sua palavra? Quem prestou atenção à sua palavra e ouviu? (Jr 23,16-18).

Os falsos profetas procuram suavizar a animosidade do povo com palavras tranqüilizadoras e dóceis, para dificultar a conversão. lahweh deixará de atender vossos clamores e os amaldiçoará por conta de vossas transgressões aos termos do pacto da aliança proposta no Sinai. “Por isso assim disse lahweh: Eis que trarei sobre eles uma desgraça, da qual não poderão escapar; clamarão a mim, mas não escutarei” (Jr 11,11).

Nesta perspectiva pode-se dizer que a aliança é sinal de bênção, mas também sinal de maldição. Ela deixará de ser bênção quando o ser humano agir em contradição ao código da lei divina. Neste sentido o castigo para a reincidência no caso de desobediência será ainda maior, pois não se trata de uma simples contraversão, mas de um rompimento definitivo sem precedente da aliança. lahweh está sempre aberto a fazer aliança com seu povo, porém, não se trata mais de renovar o pacto da aliança, será necessário entronizar uma nova aliança. Para Jensen, “A renovação da aliança não é a mesma coisa que uma nova aliança – na verdade essas são idéias mutuamente excludentes” (JENSEN, 2009, p. 186, nota nº 12).

Falando aos sacerdotes e ao povo em geral que freqüentam o templo, em um dos mais contundentes discursos de seu ministério, Jeremias pretende desestabilizar o povo de sua segurança institucionalizada. Com duras críticas e denúncias, suplica ao povo a não dar ouvidos às falsas promessas, oriundas de aleivosos profetas, profetas da corte que só se pronunciavam de acordo com os interesses do poder institucionalizado. Esses, se não bastasse, induziam o povo a dar credibilidade a falsos deuses, com promessas vazias, que não preenchiam as reais necessidades do povo. Por isso Jeremias orienta-os, para não pactuarem com

o deus de Baal, deuses que não dão nenhuma segurança. Pois, os deuses que seduzem com promessas vantajosas, só lhes trarão prejuízos.

Palavra que foi dirigida a Jeremias da parte de lahweh: Posta-te à porta do Templo de lahweh e anuncia ali esta palavra e dize: Escutai a palavra de lahweh, vós todos, judeus, que entrais por estas portas para adorardes lahweh. Assim disse lahweh dos Exércitos, o Deus de Israel: Melhorai os vossos caminhos e as vossas obras, e eu vos farei habitar neste lugar. Não vos fieis em palavras mentirosas dizendo: 'Este é o Templo de lahweh, Templo de lahweh, Templo de lahweh!' Porque, se realmente melhorardes os vossos caminhos e as vossas obras, se realmente praticardes o direito a cada um com o seu próximo, se não oprimirdes o estrangeiro, o órfão e a viúva, se não derramardes sangue inocente neste lugar e não correrdes atrás dos deuses estrangeiros para vossa desgraça, então eu vos farei habitar neste lugar, na terra que dei a vossos pais há muito tempo e para sempre. Eis que vós vos fiais em palavras mentirosas, que não podem ajudar. Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a baal e correr atrás de deuses estrangeiros, que não conheceis, depois virdes e vos apresentardes diante de mim, neste Templo, onde o meu nome é invocado, e dizer: 'Estamos salvos', para continuar cometendo estas abominações! Este Templo, onde o meu Nome é invocado, será por ventura um covil de ladrões a vossos olhos? Mas eis que eu também vi, oráculo de lahweh (Jr 7, 1-11).

O povo caminhava errante. De que seria a culpa, se já não havia mais fidelidade a lahweh? Certamente a culpa incidiria sobre todo o povo, porque se recusavam a confiar e aceitar a lahweh como seu Senhor e soberano. Aos sacerdotes e profetas, porque estão no comando das instituições religiosas administrando as atividades culturais no templo em Jerusalém. Por isso são responsabilizados pelos desvios de conduta e práticas desprezíveis aos olhos de lahweh. Esses se rebelam contra os profetas de lahweh, renegam a autenticidade de suas profecias e tornam eminentes conspiradores contra lahweh.

Escalai os seus terraços! Destruí! Mas não aniquileis completamente! Arrancai os seus sarmentos, porque eles não são de lahweh! Sim, realmente me traíram, a casa de Israel e a casa de Judá, - oráculo de lahweh. Eles renegaram a lahweh e disseram; 'Ele não existe! Nenhum mal nos atingirá, não veremos nem espada nem fome! Seus profetas não são senão vento, a palavra não está neles; assim lhes aconteça!' Por isso, assim disse lahweh, o Deus dos Exércitos: porque falastes esta palavra, eis que farei de minhas palavras fogo em tua boca e, desse povo, lenha que o fogo devorará (Jr 5,10-14).

#### 4.4.3 Oposição ao culto

A atividade cultual no santuário deveria estar inerente com os preceitos enunciados na aliança, isto porque, o templo é o lugar onde as relações interpessoais e comunitárias acontecem. É também o lugar onde o povo apresenta sua miséria diante do tribunal para solicitar auxílio jurídico e também o habitat de lahweh, onde Ele reside. É a terra prometida. Se lahweh deixar o templo, deixará também sua terra (Jr 7,7). Sem a presença de lahweh a cidade e o templo ficarão desprotegidos. A vida no templo não cogitava com a realidade histórica. Não havia consenso; templo/culto – culto e compromisso com a vida. Os discursos proferidos no templo eram de pura hipocrisia.

O tema do culto também está relacionado com o do templo e conseqüentemente com as questões da justiça e do direito. São muitos os relatos em que os profetas como Jeremias, Miquéias, Oséias e Amós, denunciam as práticas cultuais, são múltiplas as formas: holocaustos, sacrifícios, oferendas, preces, orações e louvores. São as mesmas pessoas que transmitem uma versão falsa de Deus com palavras sensatas e depois oprimem o pobre, falseando as normas jurídicas nos tribunais. Desde o rei, príncipes, sacerdotes, oficiais da corte e funcionários do rei. Esses indivíduos são os primeiros que se apresentam nos púlpitos dos templos e santuários, passando a idéia de que Deus se satisfaz mais na prática de culto do que no exercício da solidariedade, do direito e da justiça.

De acordo com Sicre (2008), o culto envolve pelo menos três elementos essenciais como: o espaço litúrgico ou espaço sagrado, o tempo sagrado e as ações vinculadas ao mandato litúrgico fundado no compromisso social. É importante ressaltar num primeiro momento a dimensão que o lugar sagrado ou espaço sagrado tem para o culto dentro do mundo bíblico e o valor que ele tem para o ser humano, como ele se constitui e vem se evoluindo durante séculos. Qual a sua relevância para a prática cultual que foi para o povo no Antigo Israel e em Judá.

Os elementos de culto seguindo de acordo com o que é citado por Sicre 2008, podem ser classificados em dois atos: primários e secundários. Os atos de ordem primários abrangem sacrifícios e oferendas depositadas no altar. Eram holocaustos feitos através de animais, sacrificados ou degolados, trazidos e entregues nas mãos

dos sacerdotes que eram encarregados do ritual. Esse ritual consiste em derramar o sangue do animal sacrificado sobre o altar como oferenda a lahweh.

O sacrifício de comunhão era ofertado entre a divindade, o sacerdote e o ofertante, que depois comiam da vítima como sinal de unidade com a divindade. Sicre menciona três subclasses de sacrifícios de comunhão: o sacrifício de louvor (todâ), o espontâneo (nedabâ) e o votivo (neder). O sacrifício de expiação estabelecia a união do homem e Deus. Pela regeneração de suas faltas o homem redime de seus pecados (battat't) e a reparação ('asam) com a divindade. É neste tipo de sacrifício que entra a ação do sangue da vítima. Neste caso o ofertante não compartilha da carne da vítima para obter o perdão de sua culpa. Já os sacrifícios de ordem secundária baseiam-se na liturgia, atos de purificação, dessecação e consagração. Os rituais de liturgia eram compostos da liturgia da palavra, bênçãos, maldições e profissão de fé (cf Lv 1,7; Am 5,23; Is 1,15).

Os ritos de purificação e dessecação existiam para evitar que uma pessoa contaminada ex: ter tocado em um cadáver ou contraído uma doença contagiosa, pudesse aproximar-se da divindade. Por isso era submetida a passar por um ritual de descontaminação como forma de livrar-se de qualquer impureza que pudesse contaminar o espaço sagrado. Na consagração o ritual é distinto da purificação consiste em facilitar à pessoa o acesso a Deus. Normalmente os ritos de consagrações mais notáveis eram o “voto” e o “nazireato”. (SICRE, 2008, p. 389).

De acordo com Harris (1998), o nazireato constitui um rito de consagração especial usado pelos nazireus, grupos de homens e mulheres que exerciam funções de líderes espirituais nos templos, com influência benigna, comparado aos profetas. Refere-se a indivíduos separados até mesmo de seu núcleo familiar, afastados de tudo que pudesse contaminá-lo. O nazireato é citado em (Nm 6, 2; Am 2,11-12).

#### Jeremias faz críticas contra a deslealdade de Culto

Como num ato litúrgico junto à porta do templo, Jeremias faz uma reprimenda aos reis, nobres, príncipes, e a todos os habitantes da cidade a abster-se de suas atividades comerciais no dia consagrado ao Senhor. E lembra que carregar peso é colocar as pessoas em situações deploráveis de seus direitos. E cabe aos dirigentes de culto e da corte, zelar pela justiça e o direito de seus súditos.

Guardai-vos, por vossas vidas, e não carregueis peso no dia de sábado e não façais entrar pelas portas de Jerusalém. Não façais sair um peso de vossas casas no dia de sábado e não façais trabalho algum, mas santificai o dia de sábado, como ordenei a vossos pais. Mas eles não escutaram nem inclinaram seu ouvido, antes endureceram sua cerviz para não escutarem e nem receberem o ensinamento. Se realmente me escutardes – oráculo de lahweh – e não fizerdes entrar peso pelas portas desta cidade em dia de sábado e santificardes o dia de sábado e não fizerdes nele trabalho algum, então entrarão pelas portas desta cidade reis e príncipes, que se sentarão sobre o trono de Davi, e entrarão em carros e cavalos, eles e seus príncipes, o homem de Judá e os habitantes de Jerusalém, e esta cidade será habitada para sempre (Jr 17,21-25).

A observância, portanto, do sábado como dia dedicado ao Senhor é reconhecer o caráter sagrado que ele tem. Subtrair um dia de trabalho para santificar a Deus, deve expressar como direito a liberdade. Ao contrário, a imposição de trabalho forçado em dia santificado ao Senhor, significa não a liberdade, mas a escravidão. A 'porta' entrada da reunião dos atos litúrgicos no templo é, portanto símbolo dessa liberdade do ir e vir, como expressão da vida comunitária.

Jeremias denuncia o culto sincretista quando o povo solenemente invoca o nome de lahweh e depois queima incenso a baal, o deus sem futuro, e faz duras críticas aos sacerdotes e profetas, por conta de que eles curam as feridas do povo superficialmente. O culto se torna sem fidelidade, pois eles não têm conhecimento de Deus e fazem tudo conforme seus próprios interesses.

Porque eu não disse e nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da terra do Egito, em relação ao holocausto e ao sacrifício'. Mas eu lhes ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno para que vos suceda o bem (Jr 7, 22-23).

Também Amós, levanta sua voz em crítica contra os comerciantes que aceitam a doutrina do sábado e da lua-nova para incrementar lucros e levar vantagem sobre os mais vulneráveis, de forma desmedida.

Escutais vós que espremeis os pobres e alimentais os miseráveis; pensais: Quando passará a lua-nova para vender trigo, ou o sábado para oferecer grão e até o refugio do trigo? Para encolher a medida e aumentar o preço, para comprar o fraco com dinheiro e o pobre por um par de sandálias? (Am 8,4-6).

Já Isaias interpela suas críticas contra as liturgias penitenciais e as práticas cultuais que não se coadunam com a justiça social. Os líderes de culto empreendem

o jejum como forma eficaz de satisfazer a Deus. Porém, de que vale o jejum se esses devotos jejuadores e adoradores não praticam a justiça preceito específicos da aliança (Ex 20). Buscam uma proximidade com o próximo com promessas cínicas para explorar com frieza e avidez. No coração deles não há sentimento e nem abertura para a solidariedade (Is 58, 1-12).

Sicre (2008) aponta duas vertentes com relação às práticas cultuais: primeiro porque a intenção do homem é buscar no culto um espaço para contentar a Deus, segundo é que o profeta alude que o caminho para se chegar a Deus não precisa necessariamente passar por uma exagerada valorização do culto, e acentua: ele não possui valor absoluto. O profeta alude que há coisas muito mais relevantes além das práticas cultuais que poderão servir como elementos para agradar a Deus. O culto é mais uma expressão do desejo humano do que da vontade de Deus. Há uma excessiva vontade humana de valorizá-lo, acima da vontade real de Deus.

Amós deixa claro que para os ricos e exploradores, devotos do santuário, a prática cultural só responde aos desejos exclusivamente do homem, desejos que não apraz a nenhuma afeição e apreço de Deus. Suas práticas cultuais, incrementadas com ofertas majestosas, só servem para auto-afirmar seus status e dissimular seus crimes.

Ide a Betel pecar, em Guilgal multiplicai os pecados: oferecei pela manhã vossos sacrifícios e em três dias vossos dízimos; oferecei ázimos, pronunciai a ação de graças, anunciai dons voluntários, pois é disso que gostais, israelitas (Am 4,4-5).

Suas oblações não agradam à vontade de Deus, são anacrônicas suas práticas cultuais. Pois, ao mesmo tempo em que oferecem sacrifícios de júbilos no santuário, se tornam eminentes adoradores do mal e da opressão com delitos criminosos contra pobres injustiçados. Desta forma, constata-se, que os seus santuários não servem para outra atividade senão para abençoar as injustiças e se alimentar do que arrancam das mãos do próximo, inútil será a peregrinação de santuário a santuário do Deus que não compactua com suas práticas cultuais, onde culto e justiça social não se convergem.

Assim diz o Senhor à casa de Israel: Buscai-me e vivereis: Não busqueis Betel, não deveis ir a Guilgal, não vos dirijais a Bersabéia; pois Guilgal irá cativa e Betel se tornará Bet-Áven. Buscai o Senhor e

vivereis. Se não, a casa de José penetrará como fogo, e inextinguível devorará Betel (Am 5,4-6).

Os poderosos são prodigiosos com seus santuários, generosos com seus dízimos, abundantes em suas oferendas e sacrifícios. Mas o culto está aquém da fidelidade com a aliança proposta por Iahweh. Seus inerentes praticantes estão impregnados com as injustiças sócias, saturados de roubos, crimes de comércio, assassinios de pessoas inocentes, delitos contra os fracos, gente submetida a trabalhos forçados e escravo. No templo são esses mesmo ricos e opressores, francos oradores, que monopolizam da boa fé do próximo contribuindo para seu empobrecimento. As prescrições de culto perderam a validade, para nada serve, inteiramente sem fidelidade.

Jeremias salienta que será em vão toda tentativa do homem que busca traçar seus próprios caminhos segundo suas inclinações, com o coração cheio de maldade. O caminho indicado por Deus segundo a sua vontade, mesmo sendo pouco atrativo, será mais útil e menos fútil. Mas o homem contrapõe à vontade de Deus e o caminho que ele indica.

Acrescentai os vossos holocaustos aos vossos sacrifícios e comei a carne! Porque eu não disse e nem prescrevi nada a vossos pais, no dia em que vos fiz sair da terra do Egito, em relação ao holocausto e ao sacrifício. Mas eu lhes ordenei isto: Escutai a minha voz, e eu serei o vosso Deus e vós o meu povo. Andai em todo caminho que eu vos ordeno para que vos suceda o bem. E não escutaram nem prestaram ouvido; andaram conforme os seus desígnios, na dureza de seu coração perverso, e deram as costas em vez da face (Jr 7,21-24).

Oséias que não poupa as nações.

Efraim é ingênua pomba atordoada: pedem ajuda ao Egito, acorrem à assíria; enquanto vão, lançarei sobre eles minha rede e os abaterei como pássaros, os agarrei quando escutar o bando. Ai deles, pois me escaparam; desgraçados, pois se rebelaram contra mim (Os 7,11-13).

Sustentavam, pois, a idéia de que era um povo escolhido por Deus e que por isso tinham a garantia absoluta de sua proteção. Alimentavam a esperança de que o espaço sagrado era o único lugar onde pudesse encontrar Deus. Amós vai dizer que é equívoco evocar Deus no santuário. A única maneira de encontrá-lo é fora dos santuários, onde a miséria e a fome batem à porta e a vida clama por justiça. Pode

ser na periferia, longe dos grandes centros urbanos, longe dos grandes templos revestidos de mosaico ou nos tribunais, onde se instaura a justiça.

Buscai o bem, não o mal, e vivereis, e estará realmente convosco, como dizeis, o Senhor, Deus dos exércitos. Odiai o mal, amai o bem, instalai no tribunal a justiça: talvez o Senhor, Deus dos exércitos, tenha piedade do resto de José. Assim diz o Senhor, Deus dos exércitos: Em todas as ruas há luto, em todas as ruas gritam: Ai, ai! Os camponeses chamam para o lamento e o luto os experientes em lamentações; em todas as vinhas haverá luto (Am 5,14-17).

Na visão de Jeremias, nada adiantava os monarcas com seus cuidados excessivos à política cultual, com objetivos claros de legitimar sua fé no Deus de lahweh, se no subterrâneo de tanta pompa, guardavam submerso o potencial de seus crimes e tanta apostasia. Os monarcas, desconhecendo as prescrições de culto no santuário sagrado, introduzem outros rivais para suas libações, sinal de contaminação, no lugar onde é dedicado exclusivamente a lahweh. Onde seu nome é bendito não pode ser invocado o deus de baal. Conseqüentemente, suas praticas se opõem ao templo e o culto porque não revelam o lugar da verdadeira religião de lahweh.

Corta os teus cabelos consagrados e lança-os fora. Entoa sobre os montes secos uma lamentação. Porque lahweh desprezou e repudiou a geração que o provoca furor! Sim, os filhos de Judá praticaram o mal diante de meus olhos, oráculos de lahweh. Eles puseram suas abominações no templo, no qual meu Nome é invocado, para profaná-lo. Construíram os lugares altos de Tofet no vale de Bem-Enom, para queimar os seus filhos e suas filhas, o que eu não tinha ordenado e nem sequer pensado. Por isso eis que dias virão – oráculo de lahweh – em que não se dirá mais Tofet nem vale de Bem-Enom, mas sim vale de matança. Enterrarão em Tofet por falta de lugar. Os cadáveres desse povo serão alimentos para os pássaros do céu e para os animais da terra, e ninguém os expulsará. Farei cessar nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém a voz de júbilo e a voz da noiva, porque a terra tornar-se-á uma ruína (Jr 7,29-34).

Jeremias não reconhece a legitimidade de culto e alerta que pela sublevação a lahweh, o juízo incidirá como castigo no santuário, à prática dessas abominações transformou o santuário sagrado numa praça de ignomínia, isto é, de despojo contra lahweh. O que mais pode lhe agradar ao senhor da vida, da história e da salvação de todo o seu povo? Os melhores templos construídos a base de ouro e marfim? As melhores vestimentas alcatifadas em ouro? A melhor orquestra para entoar o hino

da entrada triunfal no santuário? Os melhores oradores com palavras tranqüilizadoras? (Jr 30,13).

Para Mayoral et al. (2007, p, 51):

O maior sinal de fidelidade a Javé é cumprir sua aliança, seguir o caminho da sua vontade. Todo culto que não proceda de uma vida justa e reta será falso e blasfemo contra Javé, e esta hipocrisia do ser humano não ficará sem retribuição.

Segundo Lowery, (2004, p, 311):

Culto e corte, estavam inexoravelmente vinculados. O rei construía santuários, instituía e gastava impostos de culto, usava os tesouros do templo conforme os eventos políticos, nomeava e destituía sacerdotes, erigia e demolia objetos de culto e definia as funções dos sacerdotais. O rei era a figura singular mais importante na vida cultural da nação.

#### 4.4.4 Oposição ao templo

Concomitantemente a religião no templo estava deliberadamente desassociada da moralidade. Seus louvores produziam nos ouvintes uma sensação de estabilidade emocional, era como um verdadeiro ritual de fé. Em coro diziam: “Este é o templo de lahweh, este é o templo de lahweh!” (Jr 7, 4), mesmo que fora dele podia ser praticado suborno, adultério, apropriações ilícitas. Não é assim? Roubar, matar, cometer adultério, jurar falso, queimar incenso a baal, correr atrás de deuses estrangeiros, que não conheceis (Jr 7, 9), longe de qualquer censura ou punição, “para os últimos parecia sinal de esperança, ver o templo cheio de reverentes adoradores, mesmo que suas vidas ficassem muito aquém da sua profissão de fé” (SKINNER, 1966, p. 166).

Cada lugar sagrado tem sua história, seu espaço e seu símbolo enigmático. Um lugar é constituído como sagrado porque ali certamente houve uma manifestação divina significativa para a comunidade. Outros lugares são considerados sagrados porque fazem parte de um momento histórico e relevante,

por isso é atribuído sua homenagem a um personagem religioso como fundador, fato importante na época.

No mundo antigo, são vários os santuários e templos sagrados. O santuário de Betel é relevante porque a tradição bíblica conta que ali houve uma revelação divina (Gn 28,11-19), mais tarde tornou-se importante para o reino de Israel, quando o rei Jerobão I constrói um altar com um bezerro de ouro (1 Rs 12-29). Também no Sinai – conhecido como Monte Horeb - Deus se manifestou revelando-se a Moisés, que foi impedido de pisar naquele chão sem desatar suas sandálias (Ex 3,5). Foi neste lugar que Moisés institui ao povo o código da aliança de Deus, o decálogo. O templo sagrado de Jerusalém – este templo segundo os historiadores foi erigido por Salomão, mas nada relata as fontes que o templo de Jerusalém tenha sido construído devido a uma manifestação de Deus ou que ali tenha havido uma intervenção divina. Segundo os relatos bíblicos é possível que sua construção deva ao profeta Gad (2 Sm 24).

Outros santuários foram constituídos pela escolha humana, como o templo de Guilgal próximo ao Jordão, o templo de Dã ao norte de Israel. Há também os lugares altos (*bamôt*) citados nos livros proféticos. Esses eram lugares sagrados, porém, mais populares e mais acessíveis ao povo, mas à margem da religião oficial e o espaço religioso. Sendo mais próximos do povoado, seus freqüentadores não precisariam deslocar-se para os templos oficiais que ficavam mais distante.

Jeremias intervém com veemência contra a atitude das autoridades no templo, chega de perversidade. A má conduta estava impregnada em suas ações que caminhava ao lado da falsa profecia. Não faziam outra coisa para defender a causa dos mais pobres. Falam, pois, do direito e da justiça, mas não praticam. Precisavam corrigir suas atitudes no templo e fora dele para que lahweh pudesse estabelecer-se naquele lugar, porque lahweh é um Deus que não patrocina uma sociedade pecaminosa e injusta (Jr 7,15). Não há fidelidade (Jr 7,27-28). Só praticam maldade (Jr 7,13-23). Não há autenticidade em suas profecias. São profecias vazias porque não pregam a verdade, só mentiras. Eles atestam fidelidade a lahweh, mas esquecem facilmente os mandamentos firmados no pacto da aliança. Tentam seduzir o povo pelas sombras de suas convicções e depois se frustram porque suas mensagens são estereotipadas.

Rossi (2012) acentua que as exigências de Jeremias, para garantir a presença de lahweh no templo, estavam vinculadas na mudança de conduta ética

do povo em geral. Ele aponta para uma presente dicotomia entre fé e vida cotidiana. Porém, não havia reciprocidade entre a fé que professavam em lahweh e a vida que praticavam.

A crítica de Jeremias também apontava justamente para esta direção, vindicar a atenção do povo a escutar a mensagem de lahweh, tirá-los da situação alienante, humilhante, de servidão e escravidão. Viviam, pois, intensa apostasia por conta de profecias enganosas, alienantes, inverídicas, mais escravizante que libertadora. São profecias que não emergiam de verdadeiros profetas ungidos por lahweh. Naquele ambiente hostil e cheio de hipocrisia era possível ver a degeneração das classes sociais mais pobres. O templo tornou-se centro de convenção para clássicos aliciadores e bárbaros criminosos engendrar futuros crimes (Jr 7,11).

Se não bastasse apelar pela conversão da comunidade, o profeta tinha que denunciar os falsos profetas que manipulavam a boa fé do povo com discursos vazios no templo. Para os chamados “falsos profetas” viviam numa intensa expectativa de que tudo estava bem dizendo: “Paz! Paz!” enquanto o povo de lahweh continuava sofrendo (Jr 6,14; 8,22). Não havia crise. Nada abalava a fé, pois esta estava geograficamente situada no templo. lahweh estava descaracterizado, ora buscavam confiança em lahweh e no Templo, logo depois queimavam incenso a baal (o deus da tempestade). A face de lahweh estava desfigurada, não era possível reconhecer o Deus verdadeiro, ninguém sabia em quem recorrer. A segurança e a felicidade estavam garantidas no Templo (Jr 7,4), até a salvação (Jr 7,10). Pura hipocrisia. Jeremias anuncia que Judá terá a mesma sorte que sua irmã Israel. O castigo seria inevitável:

Ide, pois, ao meu lugar, em Siló, onde eu, outrora, fiz habitar o meu nome, e vede o que eu fiz por causa da maldade do meu povo, Israel. Mas agora, visto que praticardes todos esses atos – oráculo de lahweh –, visto que não escutastes quando eu vos falava com instância e sem cansar, e não respondestes aos meus apelos, tratarei o Templo, onde meu Nome é invocado, e em que pondeis a vossa confiança, o lugar que dei a vós e a vossos pais, como tratei Siló. Eu vos expulsarei de minha presença, como expulsei todos os vossos irmãos e toda a raça de Efraim (Jr 7,12-15).

A mesma reprimenda é feita por Miquéias, quando este denuncia as classes dirigentes; profetas, sacerdotes e chefes de estados, porque trabalham só por dinheiro e ainda pronunciam o nome do Senhor (Jr 7,11). A religião estava

demasiadamente desassociada às questões sociais. O que se constata é que a prática do direito e da justiça não se cumprem na mesma equivalência com que imputavam sua fé e confiança no templo.

Segundo Rossi (2012, p. 38): “O contato com Deus não se dá através de uma confiança mágica no Templo, ao contrário, o relacionamento com Javé se estabelece através da realização de sua vontade”. Da mesma forma os grandes não conhecem a vontade de lahweh e não conseguem fazer outra coisa senão gerenciar mal às instituições públicas e religiosas. Apresentam-se políticas anacrônicas aos desígnios de lahweh, e como se não bastasse, manipulam a cabeça dos seus fiéis seguidores. “Os grandes que deveriam conhecer o caminho de lahweh e o direito do seu Deus, não conheciam mais a Deus e, pior, andavam atrás de outros deuses” (ROSSI, 2012, p. 27).

Neste sentido, tomando como base também nas afirmações de Lowery (2004, p. 311), é possível constatar que o poder político e o religioso andavam de mãos dadas, formava uma simbiose administrativa, entre o palácio e o templo, sacerdote e o rei. Tinham tudo em comum, estavam intrinsecamente ligados entre si. Era tudo gerenciado de acordo com seus interesses particulares. O poder religioso e o político trocam favores. Com as receitas provenientes de culto no templo subsidiavam as necessidades do rei conforme suas necessidades, para construir palácios, santuários, custear despesas com sacerdotes que exerciam funções cultuais no templo. O rei era a figura mais imponente na sociedade. Era ele quem deliberava sobre a contratação e demissão de sacerdotes, construía e demolia santuários de acordo com suas aspirações.

O desejo de Jeremias é, portanto, o desejo de lahweh, que acredita numa próspera reconciliação de seu povo. Por isso considera que ainda há tempo para que Judá, como noiva rebelde apartada de seu esposo, renegue seu relacionamento com o falso sedutor e se volte para lahweh seu amante amado como nos tempos de sua mocidade. “Vai e grita aos ouvidos de Jerusalém: assim disse lahweh: Eu me lembro, em teu favor, do amor de tua juventude, do carinho do teu tempo de noivado, quando me seguias pelo deserto, em uma terra não cultivada” (Jr 2,2).

Esse consentimento só será possível quando a amante infiel abandonar definitivamente seus ídolos e viver uma vida inteiramente juramentada ao Deus da aliança, pois o pacto foi demasiadamente corrompido. É preciso que ela se volte exclusivamente a lahweh.

O retorno a Deus, entretanto, não pode ter caráter temporário, como quando se volta para Deus em oração em épocas difíceis, de calamidades, como até então tinha caracterizado o comportamento de Israel desde o seu passado mais remoto (ROSSI, 2014, p. 26).

Jeremias anuncia palavras amargas ao denunciar o comportamento de perversão e os crimes cometidos contra inocentes, porque não praticam a direito e a justiça no exercício da jurisdição. Se permanecerem nesta conduta de alienação, corrupção e crimes contra inocentes como: a viúva, o órfão e o estrangeiro, o acordo da aliança será rompido e a punição não será revogada.

Ao que tudo indica, existia um ritual pré-estabelecido na entrada do templo. Esse ritual de entrada determinava às condições para que a pessoa pudesse entrar na tenda e elevar suas preces diretamente a lahweh (Sl 15,24; Is 33,14-16; Jr 35,2). As exigências básicas para entrar no templo consistem na observância de conduta moral e ética, como normas do código jurídico que são relativamente o dever com o próximo, como requisito essencial dos costumes religiosos.

É puro engano entrar no templo para adorar lahweh com seus louvores e ao mesmo tempo continuar obstinados a correr atrás de ídolos e queimar incenso a outros deuses que em nada pode ajudá-los.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O foco central desta pesquisa teve basicamente no contexto histórico dos relatos de vocação de Jeremias em (Jr 1,4-10) ratificando de forma proeminente e concisa os aspectos fundamentais que deram origem as exigências de sua vocação profética.

O contexto social estudado a partir da perícopes (Jr 1,17-19) direciona expressamente ao embate de Jeremias com grupos sociais dirigentes nas sociedades do reino de Judá. Os fatos elucidados nesta perícopes em (Jr 1,17-19) foram centrados e desenvolvidos mediante análises embasadas nos textos bíblicos, especificamente no invólucro da política, da economia e da religião.

Em Jeremias é possível identificar o impacto de sua vocação pela contundência de seus oráculos. Uma vida inteira impulsionada pela palavra de lahweh. Não só pelas palavras que impelia contra os grupos reinantes da sociedade, mas corajosamente pela entrega de corpo e alma que fizera em seu ministério profético. Por isso, não só sua boca serviu de instrumento à sua missão profética, bem como sua própria vida física estava comprometida, abstendo-se de contrair matrimônio e constituir família.

Seus discursos com críticas provocativas, mas contundentes, contribuíram para numerosas dissidências entre os ouvintes, porque desestabilizava a sociedade institucionalizada e conseqüentemente o modelo anacrônico da política, da economia e da religião, em face ao projeto divino. Eram oráculos autênticos porque as palavras que saiam de sua boca provinham da boca de Deus. Esse impacto causado pela audácia de seus oráculos foi decisivo para engendrar imponentes adversários, freqüentes embates, conflitos e perseguições, causando-lhe sofrimento e instabilidade em sua missão.

Jeremias profetiza num período crítico e conturbado no mundo político, econômico e religioso. As quatro décadas de sua vocação profética foram de muita relutância contra as classes do poder reinante. Percebe-se que para os poderosos do poder estatal, tudo caminhava a contento, enquanto para Jeremias, tudo não passava de uma falsa ideologia, porém é nesse contexto que Jeremias é enviado profeta como cordeiro em meio de lobos, com a tarefa de destruir, arrancar, demolir, construir, plantar e colher (Jr 1,10), não para atuar na comunidade de Anatot, vilarejo

onde nasceu, mas para o mundo, para todos os reinos e nações (Jr 1,18), no entanto não recebe de lahweh nenhuma garantia de sucesso, porém lahweh instituiu-o, como algo inquebrantável, fortaleza, (Jr 1,18), Mesmo incumbido para uma missão num futuro incerto, lahweh promete segurança para socorrer no momento oportuno (Jr 1,8).

Todavia, Jeremias é enviado sabendo que o conflito seria inevitável. Tudo acontece em sua vida, medo, insegurança, humilhações, agravos, prisão, descréditos em seus oráculos, sendo aclamado como mentiroso. Seus adversários não poupam sua própria vida, porém, viu a morte em sua presença quando jogado numa fossa, cujo lamaçal era de odor desagradável. Sentiu-se desolado, enfraquecido diante do levante da missão. Houve momento em que sentiu-se abandonado até por seu Deus.

Três momentos são intrigantes na vida e missão de Jeremias: primeiro a objeção, sente medo, diz-se não estar preparado para tal incumbência (Jr 1,6), segundo, confessa estar convencido de sua missão, interpelado pela palavra de lahweh a qual declara estar inteiramente seduzido (Jr 20,7) e terceiro, jura estar arrependido do dia de sua existência (Jr 20,14). Obviamente Jeremias desejava uma sociedade nova, mais igualitária, por isso, anuncia que uma sociedade mais justa e fraterna, só seria possível se houvesse respeito ao próximo, garantindo-lhes o direito e a justiça que lhe é devido.

Jeremias denuncia com veemência as autoridades do poder eclesiástico, político e econômico, que abusam sistematicamente do poder para denegrir o pobre e ludibriar pessoas inocentes com falsas promessas. Denuncia as autoridades religiosas, sacerdotes e profetas que anunciam paz, com curas e bênçãos de forma superficial, enquanto o povo são vítimas socialmente de exploração e espoliações de seus bens.

Em Jeremias é visível e notório o motivo e as causas que motivaram suas críticas. Elas surgem de uma leitura do cotidiano. Não são críticas lançadas ao vácuo, tem endereço e destinatário certo. Seu apelo é para que o povo não se iluda com o sistema de dominação, rejeite veementemente as falsas promessas encabeçadas pelas lideranças religiosas e políticas, que só tem olhos para o lucro desmedido. O povo e toda a classe dos dirigentes das instituições políticas e religiosas devem aprender a confiar na autenticidade da palavra fecunda de lahweh

e agir com fidelidade à sua mensagem. Por isso Jeremias anuncia que lahweh estará sempre aberto a uma nova aliança com seu povo.

Eis que dias virão – oráculo de lahweh – em que concluirei com a casa de Israel (e com a casa de Judá) uma aliança nova. Não como a aliança que concluí com seus pais, no dia em que tomei pela mão para fazê-los sair da terra do Egito – minha aliança que eles próprios romperam, embora eu fosse o seu Senhor, oráculo de lahweh! Porque esta é a aliança que concluirei com a casa de Israel depois desses dias, oráculo de lahweh. Porei minha lei no fundo de seu ser e a escreverei em seu coração. Então serei seu Deus e eles serão o meu povo. Eles não terão mais que instruir seu próximo ou seu irmão, dizendo: “Conhececi a lahweh!” Porque todos me conhecerão, dos menores aos maiores, – oráculo de lahweh – porque perdoarei sua culpa e não me lembrarei mais de seu pecado (Jr 31,31-34).

Portanto, as reais mudanças só seriam possíveis se partissem da mente e do coração humano, só assim todos poderiam reconhecer de fato que há um Deus que fala e age (Jr 31,31). Desconhecer a eficácia de sua palavra e de seu agir, é rejeitar à sua aliança.

Eu lhes darei um coração único e um caminho único para que me temem, todos os dias, para o seu bem e o de seus filhos, depois deles. Selarei com eles uma aliança eterna, pela qual eu não deixarei de segui-los para fazer-lhes o bem: colocarei o meu temor em seu coração, para que não se afastem de mim. Terei minha alegria em fazer-lhes o bem e os plantarei de verdade, nesta terra, de todo o meu coração e de toda a minha alma (Jr 32,39-41).

Jeremias prega a conversão e o arrependimento, como uma das exigências de lahweh, para corrigir os atos inescrupulosos praticados pelas elites do poder demasiadamente obsoleto. As declarações apresentadas em seus oráculos sejam de anúncio ou denúncia, podem ser consideradas autênticas porque elas emergem das circunstâncias do cotidiano e o resultado que ela produz são verídicos (Jr 28,15-17), mas de acordo com (SCOTT, R. B. Y. 1968. p. 118).

A nação tinha seu coração posto na riqueza e nos grandes edifícios de suas cidades, em seu poder militar e alianças políticas, no luxo de seus cortesões e no complicado de seus santuários. Rei e príncipes, juizes e oficiais militares, sacerdotes e profetas oficiais, formavam a tessitura humana da estrutura social.

Por isso, a eleição do profeta não o coloca, em grau e nível de superioridade, regalias, privilégios e bajulação em relação aos demais. O profeta por si próprio, não tem autonomia da palavra, e não possui em seu repertório a

mensagem pronta (Jr 21,1-2), isto porque ela não é de sua autoria, deriva da boca de Deus. Portanto, não é uma palavra qualquer. É a palavra divina, que é introduzida na saliva e nos lábios do profeta como germe fecundo de sua vocação. Quando a palavra é expelida da boca de Deus e atinge os lábios do profeta, este é impelido a falar sobre nações e reinos, porque ele não tem domínio próprio ao impulso irresistível de pronunciá-la. Quando Jeremias tenta refutar o chamado, alegando imaturidade para a missão lahweh censura-o dizendo: “Não digas: Eu sou ainda criança!” Porque a quem eu te enviar, irás, e o que eu te ordenar falarás (Jr 1,7).

Com a palavra o profeta se dirige ao campo da batalha, é lá que ele exprime o ardor de sua vocação, sem se dar conta das conseqüências do seu chamado. É no confronto com as intempéries do dia-dia, no embate com dirigentes políticos e religiosos que ele deve se encontrar. Por isso é função do profeta alertá-los de suas honoríficas funções, principalmente a pratica da justiça e do direito, que são exigências correlatas as suas funções.

O profeta tem essa incumbência, denunciar os que usam dos seus cargos públicos, como meios para usurpar e corromper o povo, com crimes e delitos que trazem benefícios somente para eles. Neste sentido a crítica profética, tem por finalidade, dar um basta às situações que inviabilizam o exercício do direito e da justiça, suporte para primordial para minimizar as desigualdades sociais, sem as quais, só contribuem para o alastramento da pobreza e da miséria entre os mais fragilizados.

A presente pesquisa mostrou enfaticamente, que apesar dos escritos proféticos serem de uma época bastante remota, a vocação/missão de Jeremias, empreende extrema relevância e afinidade para o contexto da atualidade, tanto no âmbito da política e da economia, quanto no âmbito da religião.

Ao deparar com os relatos desta vocação tão pormenorizada que é a de Jeremias, o leitor não vislumbra uma vida serena, tão pouco condecorada com honrarias. Vislumbra sim, uma vocação condicionada a arranjos, ciladas, confrontações e intensos embates. Através da vocação de Jeremias, é possível ressaltar que pouca coisa difere da realidade atual. São múltiplas, reais e análogas as situações hoje em relação as dos tempos dos profetas do século VIII e VII a.C. em que viveu Jeremias. Predomina até nossos dias o caos político, econômico e religioso.

No âmbito religioso, a situação parece inerente aos dos tempos proféticos. Os templos de hoje, mais parecem palácios, cada vez mais luxuosos. Tudo é confortável, e se ostenta mais o poder que na própria diaconia. Concentram-se ainda a tessitura do privilégio religioso, fomentando favorecimentos e proselitismo religioso. Os rituais são perfeitos, tudo sincronizado, prende-se na coreografia, sobram incensos, mas falta essência.

O culto é mais alienante que libertador. Há discrepância entre o que se “diz” e o que se “faz”. Os falsos profetas continuam seduzindo milhares de pessoas inocentes com promessas enganosas que não levam a nada. Elas buscam na religião uma solução imediatística para seus problemas, mas se frustram porque encontram enganação. Há um crescimento significativo de movimentos pastorais. Criam-se novas modalidades de celebrações, vinculadas ao rigor. Neste sentido a religião pode tornar-se objeto de estilos, cada um procura o seu, gerando assim um aspecto de individualismo religioso.

A questão é: Onde encontrar Deus? No templo ou na vida cotidiana? Onde está Deus? E as promessas de lahweh, porque elas não realizam plenamente na vida das pessoas? Os profetas calaram seus clamores? Estas são algumas das questões latentes no cenário religioso que as Igrejas cristãs tentam responder. Assim Jeremias via o apelo de Deus nos acontecimentos do cotidiano, na vida nua e crua de cada um.

A finalidade bíblica seja nos profetas ou na mensagem evangélica de Jesus, remete para a realidade vivida neste tempo, no aqui e agora, onde a realidade deve ser interpretada à luz dos fatos, dos acontecimentos que falam da vida. Inerente esse dualismo fé e vida. A fé no Deus verdadeiro, o Deus da vida em abundância, que deve ser interpretada à luz do compromisso social, para assegurar a todos um lugar de dignidade, onde o direito e a justiça sirvam como instrumento para defender a vida dos que mais sofrem e conseqüentemente precisam dela. Onde há igualdade e respeito por todos, aí emerge a missão e a vocação profética a qual interpela a mensagem evangélica.

No âmbito da Igreja Católica, constata-se o reconhecimento de que há fragilidade no cumprimento de sua efetiva opção preferencial pelos pobres (cf DAP, 100b). Há uma forte tendência de igrejas cada vez mais espiritualizantes, teologicamente verticalizada e menos horizontal. Tudo vem do alto. Apresentam um Deus tão alto e distante, fora do alcance dos seus. Parece até que Deus nunca

desceu da montanha. A Igreja do corpo a corpo como Jesus fazia, vai cedendo lugar a Igreja robotizadas, digitalizada, provocando distanciamento no contato afetivo entre as pessoas. Vê-se uma Igreja cada vez mais instrumentalizada pela arte e o metal, celebrações virtuais onde falam mais os vídeos e as peças teatrais. No seu interior são acoplados telões de TVs. Visualiza-se um modelo de Igreja subordinada ao idealismo, sem critérios, sem projetos, isentas do compromisso social, rotineira, massificada, ritualista, com uma liturgia rubricada. Neste sentido pode se perceber a perda da essência mística do Sagrado no mistério celebrado.

No mundo político, a crise é ainda mais agravante. As políticas públicas são de certo modo, vazias incapazes de responder as aspirações éticas da verdadeira democracia. A justiça e o direito estão longe de ser praticadas por parte de seus legisladores, pelas quais serviriam de instrumento para salvaguardar a vida principalmente dos mais fragilizados. Neste cenário, o que se vê é uma demasiada hipocrisia em defesa das questões humanitárias no que concerne às necessidades elementares dos indivíduos e da sociedade mais carente, seja ele do campo, ou da cidade, da periferia ou da favela, das pessoas com redução de mobilidade física ou mental, visual ou auditiva, idosos ou vítimas de outras anomalias. Esses são de fato a viúva, o órfão e o estrangeiro de nosso tempo. São os grupos sociais que mais precisam do amparo, de políticas públicas, capazes de desobstruir os obstáculos que impeçam sua digna pertença de um grupo social. As leis que criam abreviam a vida de muitos dos que sofrem por não alcançar respaldo na justiça para fazer valer efetivamente seus direitos. Muitos não têm sequer o direito de ir e vir que é um direito adquirido no regimento da Constituição Federal.

Constantemente ainda é possível detectar práticas obsoletas, pelas quais corroboram para a corrupção, manobras políticas para favorecer interesses próprios, e não para defender as classes mais vulneráveis, desvio de verbas públicas que deveriam ser destinadas para melhorias em obras sociais, como saúde, educação, saneamento, transporte e habitação.

Tudo isso, são práticas negativas que impedem o avanço de uma sociedade mais igualitária e humana, gerando conseqüências trágicas, inviabilizando a redenção das classes mais pobres. Essa desigualdade social impede conseqüentemente a irrupção do reino de Deus. Ainda hoje se compra a dignidade do pobre por um par de sandálias.

Segundo Libanio (2001, p. 129):

O fato de ser pobre não constitui apenas um dado sociológico; aos olhos da fé constitui um acontecimento teológico; o pobre evangelicamente significa uma epifania do senhor; sua existência é um desafio lançado a Deus que resolveu, um dia, intervir para restabelecer a justiça porque a pobreza exprime uma queda da justiça por não ser gerada espontaneamente, mas por um modo de produção expropriador. São os pobres os naturais portadores da utopia do reino de Deus; são eles que carregam a esperança, e a eles deve pertencer o futuro.

Socialmente falando, o pobre é visto com preconceito. É aquele que não tem produtividade, portanto, é vítima passiva da exclusão social. “os excluídos socialmente, não são somente “explorados”, mas “supérfluos” e “descartáveis” (DAP, nº 65, p. 40). Criou-se a cultura do individualismo, ao invés da cultura da solidariedade, da fraternidade, da partilha, da justiça, do direito e da inclusão social.

O poder econômico vigente é anacrônico aos princípios evangélicos e economicamente excludentes. O pobre é vítima de um sistema de morte e não de vida. Diante da perspectiva que o próprio sistema econômico criou “os pobres são um obstáculo ao progresso, os inimigos do mercado perfeito, vítimas culpadas, cujo sacrifício é necessário para salvar o sistema” (BRIGHENTI, 2000, p. 102).

É preciso que a experiência profética insurja na sociedade e nas Igrejas cristãs e com isso vá tecendo juntos na caminhada, a cultura da solidariedade como modelo intrínseco da mensagem evangélica. Urge ainda, uma conversão pastoral voltada às questões sociais expressa na vontade divina, pois, a solidariedade expressa à própria identidade de Deus. O Deus que se apresenta na criação como o Deus de Abraão, o Deus de Moisés, o Deus de Jacó, o Deus de Israel. É o Deus de todas as nações, de todas as gerações, o Deus da humanidade inteira. A fé no Deus Uno que une a todos, só será verdadeira, quando embrionada ao compromisso social com intuito de mudar a realidade sórdida dos últimos.

A coragem profética de Jeremias em denunciar o sistema opressor e o aspecto concreto de sua missão, nos faz ver e compreender que, de maneira alguma ele ficava dentro da sacristia, como às vezes se pretende. Portanto, não generalizando, é possível constatar que na atualidade, algumas lideranças religiosas, ainda se preocupam em atuar mais nas funções do altar, ficando alheias as questões sociais, correlatas ao cotidiano da vida do povo, principalmente das classes mais necessitadas.

A teologia aplicada por Jeremias, mesmo não sendo aceita por parte de seus imponentes adversários, tem deixado um legado relevante para o contexto religioso da atualidade. Seja para o contexto pastoral da Igreja católica, bem como para as diversas denominações religiosas. Sua contribuição merece destaque para a elaboração de projetos pastorais, que viabilizam efetivamente mudanças de práticas que difundem uma espiritualidade bíblica arraigada em concretas transformações sociais, no cotidiano e na vida do povo de Deus, para o nosso tempo.

Ao concluir esta pesquisa, fica em aberto aos futuros estudantes e pesquisadores de teologia, a perspectiva de aprofundar ainda mais sobre as questões inerentes aqui apresentadas, principalmente no que concerne especificamente a vocação de Jeremias e seus embates com as classes sociais, no âmbito da política, da economia e da religião.

## REFERÊNCIAS

ABREGO, José Maria. et al. **Os Profetas**. Tradução José Afonso Berardin da Silva. (coleção resenha bíblica) 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

ALLMEN, Jean-Jaques Von. **Vocabulário Bíblico**. 2. ed. São Paulo: Aste, 1972.

ARAGÜÉS, J. Alegre. et al. **Personagens do Antigo Testamento**. Tradução Alda da Anunciação Machado. vol. II. São Paulo: Loyola, 2004.

BARCELOS, José Carlos (org.). **Iniciação à Bíblia**. para você estudar o Antigo Testamento. Vol. 1. São Paulo: Paulinas, 1980.

BAUMANN, Gerlinde. **Entender as imagens divinas da violência no Antigo Testamento**. Tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2011.

BERLEJUNG, Angelika; FREVEL, Christian (orgs). **Dicionário de Termos Teológicos do Antigo e do Novo Testamento**. Tradução Monika Ottermann – São Paulo: Paulus/Loyola, 2011.

BÍBLIA. A.T. Jeremias. Português. **Bíblia Sagrada de Jerusalém**. 4. ed. revisada e ampliada. São Paulo: Paulus, 2008.

BÍBLIA. A.T. Português. **Bíblia do Peregrino**. Tradução Ivo Storniolo e José Bortolini. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2011.

BLANC, Luis Fernando Girón. **Israel, uma terra em conflito**. Tradução José Afonso Beraldin da Silva. 2 ed. (coleção resenha bíblica). São Paulo: Paulinas, 2000.

BOFF, Leonardo. **Ecologia**. grito da terra, grito dos pobres. São Paulo: Ática, 1995.

BOFF, Leonardo. **O Destino do Homem e do Mundo**. ensaio sobre a vocação humana, 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

BOFF, Lina. et al. revista **Pistis & Práxis**. teologia e pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Vol. 1. n 2, Julho/Dezembro. Reconciliar vida

humana, ambiente e evolução: uma perspectiva da teologia da criação. pp. 317/338. Curitiba: Champagnat, 2009.

BRUEGGEMANN, Walter. **Teologia do Antigo Testamento**. testemunho, disputa e defesa. Tradução Jonathan Luis Hack. Santo André, São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2014.

CERESCO, Anthony R. **Introdução ao Antigo Testamento**: numa perspectiva libertadora. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1996.

CHAVE BÍBLICA CATÓLICA: São Paulo: Ave Maria, 2012.

COMBLIN, José. **Vocação para a Liberdade**. São Paulo: Paulus, 1998.

CDSI – **Compêndio da Doutrina Social da Igreja**. Pontifício Conselho “justiça e Paz”, Tradução Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). – 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2009.

CRÜSEMANN, Frank. **A Torá**. teologia e história social da lei do Antigo Testamento. 3. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

CRÜSEMANN, Frank. **Cânon e História Social**. ensaios sobre o Antigo Testamento. tradução Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2009.

DAP – **Documento de Aparecida**. texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino Americano e do Caribe. São Paulo: ed. CNBB, Paulus, Paulinas, 13-31 de maio de 2007.

DTVC – **Dicionário Teológico da Vida Consagrada**. tradução Honório Dalbosco e L. Costa. São Paulo: Paulus: 1994.

EPSZTEIN, Léon. **A Justiça Social no Antigo Oriente Médio e o povo da Bíblia**. São Paulo: ed. Paulinas, 1990.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel**. Tradução Josué Xavier; ver. João Bosco L. Medeiros, São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2012.

FEINER, Johannes. et al. **Misterium Salutis**. Compêndio de Dogmática histórico-salvífica – história salvífica antes de Cristo: Antropologia Teológica vol. II/3. Petrópolis, RJ: Vozes, 1972.

FRIZZO, Antonio Carlos et al. ver. **Pistis & Práxis**. teologia e pastoral. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Vol. 3. n 1. Janeiro/Junho. Uma tríade social que qualifica o ato de conhecer a Deus. pp. 15/42. Curitiba: Champagnat, 2011.

GARDNER, E. Clinton. **Fé Bíblica e Ética Social**. Tradução Penha Alves, São Paulo: Aste. 1965.

GIRARD, Marc. **Os Símbolos na Bíblia**. ensaios de teologia bíblica enraizada na experiência humana universal; tradução Bernôni Lemos, 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

GUNNEWEG, Antonius H. J. **Teologia Bíblica do Antigo Testamento**. uma história da religião de Israel na perspectiva bíblico-teológica. Tradução Werner Fuchs; revisão Haroldo Reimer. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.

HARRINGTON, Wilfrid John. **Chave para a Bíblia**: a revelação; a promessa; a realização. Tradução Josué Xavier, caps. 1 a 7 – Alexandre Mancintyre, caps. 8 a 23, 8. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

HARRIS, R. Laird (Org.); et al, ARCHER Junior, Gleason L.; WALTER, Bruce K. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução Marcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto T. Saião, Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998.

HOUSE, Paul R. **Teologia do Antigo Testamento**. Tradução Marcio Redondo e Sueli Saraiva. São Paulo: Vida, 2005.

IBAÑEZ, Andrés. et al. **Os Profetas**. Tradução José Afonso Berardin da Silva. (coleção resenha bíblica) 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Lumem Gentium** “De Ecclesia”: Constituição dogmática do concílio ecumênico vaticano II sobre a Igreja. 27 ed. São Paulo: Paulinas, 2007. (Documentos pontifícios, 31).

IGREJA CATÓLICA. Papa (1963-1978: Paulo VI). **Gaudium et Spes**. constituição pastoral do concílio vaticano II sobre a Igreja no mundo de hoje. 13 ed. São Paulo: Paulinas, 2003. (Documentos pontifícios, 41).

JENSEN, Joseph. **Dimensões éticas dos profetas**. Tradução Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Loyola, 2009.

KLAUS, Grünwaldt. **Olho por olho, dente por dente**. O direito no antigo testamento. Tradução Monika Ottermann – São Paulo: Loyola, 2009.

KESSLER, Rainer. **História Social do Antigo Israel**. Tradução Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 2009.

LACOSTE, Jeans - Yves. et al. **Dicionário Crítico de Teologia**. Tradução Paulo Meneses. São Paulo: Paulinas/Loyola, 2004.

LIBÂNIO, João Batista. **Deus e os Homens**. os seus caminhos, 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

LIBÂNIO, João Batista. **Cenários da Igreja**. 3 ed. São Paulo: Loyola, 2001

LIVERANI, Mario. **Para Além da Bíblia**. histórias antigas de Israel. São Paulo: Paulus/ Loyola, 2008.

LOWERY, Richard H. **Os reis reformadores**. culto e sociedade no Judá do primeiro templo. Tradução Ricardo Gouveia (Coleção Bíblia e História), São Paulo: Paulinas, 2004.

MAYORAL, Juan Antonio. et al. **Os Profetas**. Tradução José Afonso Berardin da Silva. (coleção resenha bíblica) 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

MCKENZIE, L. John. **Dicionário Bíblico**. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

MESTERS, Carlos. **Deus, Onde Estás?** 5. ed. Belo Horizonte: Vega S.A, 1976.

MYSTERIUM SALUTIS. **Compêndio de Dogmática Histórico-salvífica**. histórico salvífica antes de Cristo. Antropologia Teológica, Petrópolis, RJ: Vozes, 1972. vol. II/ 3.

PERONDI, Ildo. et al. revista **Pistis & Práxis**: Teologia e Pastoral/Pontifícia Universidade Católica do Paraná. – v. 5, n. 2. Jul./Dez. PP. 327/344. A vocação de Abraão – Curitiba: Champagnat, 2013.

PIGNA, Arnaldo. **A Vocação**. teologia e discernimento. Tradução Attilio Cancian, São Paulo: Loyola, 1989.

PUEBLA **A Evangelização no presente e no futuro da América Latina**. texto oficial da CNBB, 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.

QUEIROZ, Antonio Celso de. **A Formação do Povo de Deus**. 6 ed. (coleção tua palavra é vida 2). São Paulo: Loyola/CRB, 2007.

RAGUIN, Yves. **A Profundez de Deus**. São Paulo: Paulinas, 1979.

REIMER, Haroldo. **Toda a Criação**: Bíblia e ecologia. São Leopoldo, RS: Oikos, 2006.

RÖINER, Tomas. et al. **Antigo Testamento**. história, escritura e teologia. tradução Gilmar Saint Clair Ribeiro. São Paulo: Loyola, 2010.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Como Ler o Livro de Jeremias**. profecia a serviço do povo. 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2012.

ROSSI, Luiz Alexandre Solano. **Espiritualidade Bíblica e Transformação Social**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

RUSSELL, D.S. **Desvelamento Divino**: Uma introdução à apocalíptica judaica. tradução João Rezende Costa – São Paulo: Paulus, 1997.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao antigo Testamento**. Tradução Annemarie Höhn I. 5 ed. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2013.

SCHÖKEL, Luiz Alonso. DIAZ, José Luís Sicre. **Profetas I**: Isaias, Jeremias. tradução Anacleto Alvarez. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2004.

SCHREINER, Josef. **Palavra e mensagem do Antigo Testamento**. Tradução Benoni Lemos. 2 ed. – São Paulo: Teológica, 2004.

SCHWANTES, Milton. **A terra não pode suportar suas palavras**. São Paulo: Paulinas, 2004.

SCHWANTES, Milton. **A profecia durante a monarquia**. In: curso de verão. São Paulo: Paulinas, 1991.

SCHWANTES, Milton. **Sofrimento e esperança no exílio**. História teológica do povo de Deus no século VI a.C – São Paulo: Paulinas, 2007.

SCOT, R, B. Y. **Os Profetas de Israel**. Tradução rev. Joaquim Beato. Novos contemporâneos: São Paulo: Aste, 1968.

SICRE, José Luis (org) et al. **Os Profetas**. Tradução José Afonso Berardin da Silva. (coleção resenha bíblica) 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

SICRE, José Luis. **Com os Pobres da Terra**. a justiça social nos profetas de Israel. Tradução Carlos Felício da Silveira. Revisão H. Dalbosco; L. Costa. São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2011.

SICRE, José Luis. **Profetismo em Israel**. o profeta: os profetas: a mensagem. Tradução João Luís Baraúna. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SIQUEIRA, Tércio Machado. et. al. Ver. **Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral** – Pontifícia Universidade Católica do Paraná - v. 5, n. 2. Jul./Dez. pp, 365/379 . A vocação de Samuel – Curitiba: Champagnat, 2013.

SKINNER, John. **Jeremias. Profetas e Religião**. Tradução Rubem Alves, São Paulo: Aste, 1966.

SMITH, Mark S. **O memorial de Deus**: história, memória e a experiência do divino no Antigo Israel. Tradução Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2006.

SUSIN, Luiz Carlos (Org.). et al. **Terra Prometida**. movimento social, engajamento cristão e teologia. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SUZIN, Frei Raul. **Vocação.** uma caminhada para Deus. 2. ed. Frades Capuchinhos. Porto Alegre, 1981.

**Vocabulário de Teologia Bíblica.** Tradução Frei Simão Voigt. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

WALTER, Brueggemann. **Teologia do Antigo Testamento.** testemunho, disputa e defesa. Tradução Jonathan Luis Hack. 1 ed. Santo André, São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2014.

WÉNIN, André. **O Homem Bíblico.** leitura do primeiro testamento. Tradução Maurilio D. Sampaio. São Paulo: Loyola, 2006.

WILSON, Robert R. **Profecia e Sociedade no Antigo Israel.** Tradução João Resende Costa; revisão de tradução Reginaldo Gomes de Araújo, - 2. ed. Revista. – São Paulo: Targumim/Paulus, 2008.

ZABATIERO, Julio Paulo Tavares. **Uma História Cultural de Israel.** 1 ed. São Paulo: Paulus, 2013.

ZENGER, Erich, et al. **Introdução ao Antigo testamento.** Tradução Werner Fuchs. São Paulo: Loyola, 2003.